



WILLIAM PETER BLATTY  
*autor de*  
O EXORCISTA

# A NONA CONFIGURAÇÃO

“Turbulento... Ninguém escreve páginas tão  
sarcásticas quanto William Peter Blatty.”

*New York Times Book Review*

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



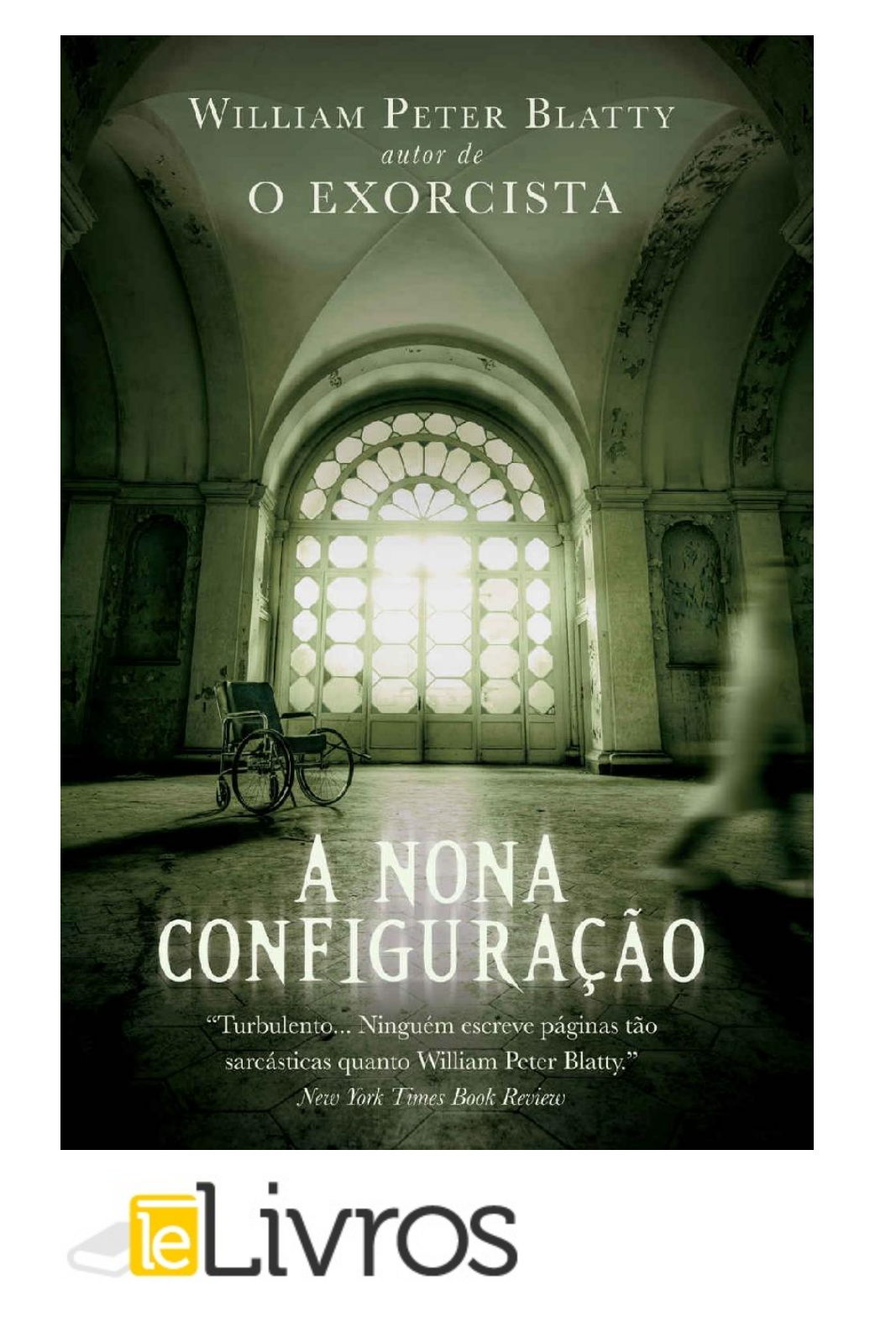
WILLIAM PETER BLATTY  
*autor de*  
O EXORCISTA

A NONA  
CONFIGURAÇÃO

“Turbulento... Ninguém escreve páginas tão  
sarcásticas quanto William Peter Blatty.”

*New York Times Book Review*





WILLIAM PETER BLATTY  
*autor de*  
O EXORCISTA

A NONA  
CONFIGURAÇÃO

“Turbulento... Ninguém escreve páginas tão  
sarcásticas quanto William Peter Blatty.”

*New York Times Book Review*

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe

[Le Livros](#) e seus diversos parceiros,

com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O

[Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:

[LeLivros.site](#) ou em

qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutará por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*

# A NONA CONFIGURAÇÃO

# A NONA CONFIGURAÇÃO

William Peter Blatty

Tradução  
Alyne Azuma

Título original: The ninth configuration

Copy right © 1978 by William Peter Blatty. By arrangement with the author, all rights reserved.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhum a parte obra pode ser apropriada e estocada em sistem a de banco de dados ou proc sim ilar, em qualquer form a ou m eio, sej a eletrônico, de fotocópia, gravaç sem a perm issão do detentor do copirraite.

HarperCollins Brasil

Rua Nova Jerusalém , 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

[sac@harpercollins.com.br](mailto:sac@harpercollins.com.br)

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B583n

Blatty, William Peter, 1928-

A nona configuração / William Peter Blatty ; tradução Aly ne Azum a.

- 1. ed. - Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil 2015. 160 p. ; 23 cm .

Tradução de: The ninth configuration

ISBN 978.85.6980.908-1

1. História de suspense. 2. Ficção am ericana. I. Azum a, Aly ne. II.

Título.



CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3.

*Para Linda*

Para atender aos propósitos  
desta história, tom ei  
algum as liberdades a  
respeito dos fatos; por  
exemplo: não existem nem  
psiquiatras, nem médicos na  
Marinha americana.

## NOTA DO AUTOR

Quando eu era jovem e trabalhava intensamente e por necessidade  
um romance chamado  
*Twinkle, Twinkle, "Killer" Kane*. Seu conceito básico foi,  
certamente, o melhor que já criei; mas o publicado, sem dúvida, não foi nada  
que as anotações para um romance: alguns esboços, sem forma, sem  
acabamento, que careciam até de uma trama.

Mas a ideia era importante para mim; então, mais uma vez, escrevi  
romance baseado nela. Desta vez sei que é o melhor que posso fazer.

Tenho neste reino alguns  
direitos já mais esquecidos.

— *Hamlet*, Ato V, cena 2

## SUMÁRIO

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

A nona configuração

UM

A mansão gótica era isolada, imensa, cercada por um bosque, grotesco

Incrustada sob as estrelas e o conjunto de pináculos com o algo enorme e deformado, incapaz de se esconder, pronto para pecar. Suas gárgulas para a floresta densa, que cercava a propriedade por todos os lados, pressioná-

la. Por um tempo nada se moveu. Veio o amanhecer. A luz fraca do sol de outono se infiltrou na manhã sepultada na melancolia das árvores, e a noite surgiu das folhas mortas com o almas moribundas, secas e fracas. Começou a vinha o rangido de uma veneziana e o crocitar rouco de um corvo em uma planície longe dali. E, então, o silêncio. À espera.

A voz de um homem dentro da mansão soou com firmeza e convicção, assustando uma pequena garça do fosso.

— Robert Browning teve gonorreia, e ele a pegou de Charlotte e Emily Brontë.

Um segundo homem, com raiva, gritou:

— Cutshaw, cale a boca!

— Ele pegou das duas.

— *Cale a boca, seu doente!*

— Você não quer ouvir a verdade.

— Krebs, toque de recolher! — ordenou o homem raivoso.

Então, um clarim militar rasgou o ar, atravessando a neblina, e uma bandeira americana, tremulando desafiadora, foi hasteada em um masto alto de uma torre. Vinte e sete homens de farda verde irromperam em estilhaços da manifestação e avançaram até o centro do pátio, murmurando resmungando, dobrando o cotovelo, pela direita, perfilando-se, formando uma fila militar. Acima do brim, alguns traziam uma rapieira e brincos dourados; a cabeça de outro vicejaveia um chapéu de pele de guaxinim. Xingamentos fluíam com as faíscas no vapor:

— Oh, oh, oh, rapazes! Vão os, vão os, vão os!

— Sabe, você podia tomar um banho, francamente.

— Vá para o *inferno*!

— Cuidado com o cotovelo!

Um homem com um viralata desganhado nos braços surgiu no centro da fila, e gritou:

— Minha capa! Vocês viram minha capa?

— Diabos, o que é uma capa? — rosnou o que trazia uma espada.

— Pano, porra.

— Pano?

— Pano puro, porra.

— Que país é este? — perguntou um homem no fim da fila.

Um sujeito loiro os confrontou de modo brusco. Ele usava um par de Keds pretos esfarrapados e sujos, com o dedão do pé esquerdo aparecendo

por um buraco, e sobre o uniforme ele exibía um suéter da New York University com uma manga de um braço, listras, e, na outra, um *patch* de astronauta da NASA.

— Atenção! — ordenou com autoridade. — Sou eu, Billy Cutshaw!

Os homens obedeceram e em seguida levantaram o braço com firmeza.

fazendo a saudação da Rom a antiga.

— Capitão Billy, deixe-nos servi-lo! — gritaram para a neblina; depois, baixaram o braço e ficaram im óveis, em silêncio, com o condenados aguardando o j ulgam ento.

O olhar de Cutshaw passou rapidamente por eles, imponente e misterioso, profundo. Finalmente, falou:

— Tenente Bennish!

— S'or!

— Você pode dar três passos de gigante e beijar a barra da minha roupa!

— S'or!

— A barra, Bennish, lembre-se, a barra!

Bennish deu três passos pra frente e bateu os calcanhares ruidosamente.

Cutshaw o olhou com reserva.

— Excelente forma, Bennish.

— Muito obrigado, senhor.

— Não infle a porra do seu ego. Não há nada pior do que *presunção*.

— Sim, senhor. O senhor já disse isso muitas vezes.

— Eu sei, Bennish.

Cutshaw o atravessava com o olhar, como se procurasse sinais de insolência e ultraje, quando o homem com a espada gritou:

— Aí vêm os *homi*!

Os homens começaram a vaiar quando, num passo furioso, veio marchando a figura militar engomada de um major fuzileiro naval. Cutshaw conferiu a fila e, acima das vaias, o homem com a espada gritou para o major:

— Onde está meu anel decodificador de Ho Chi Minh? Eu mandei com alguns cupons, Groper; onde diabos está o...

— *Silêncio!*

— reprimiu Groper. Seus pequenos olhos ardiam em um rosto que parecia carne martelada em beleza com um corte de cabelo maciço e corpulento e tinha uma larga estrutura óssea.

— Esquisitos de merda, universitários amarelos imbecis metidos a esperto

— rosnou.

— É *assim* que se fala — murmurou alguém na formação.

Groper percorreu a fileira de homens, mantendo sua grande cabeça baixa, com o se estivesse pronta para atacá-los.

— Quem diabos vocês acham que enganam com essa atuação espalhafatosa? Bem, más notícias, garotos. Que pena. Adivinhem quem assumiu o comando sem ideia que vem! Vocês conseguem adivinhar, ?

Hein? Um *psiquiatra*!

De repente, ele estava urrando e tremendo com uma raiva incontrolável.

— Isso mesmo! O melhor! O melhor entre os fardados! O melhor filho da puta desde Jung! — pronunciou o “j”.

Com ele a respirar pesadamente, reunindo ar e controle.

— Terapeutas de combate filhos da puta! Ele vem descobrir se vocês são aníacos de verdade! — Groper sorriu, com os olhos brilhando. — Melhor as notícias, garotos?

Cutshaw deu um passo à frente:

— Será que podem os parar com essa baboseira de “garotos”, major, a favor? Fica parecendo que somos *cocker spaniels* e o senhor é o pirata de *Tortilla Flat*. Podem os...

— *Volte para a fila!*

Cutshaw apertou um a buzina com a mão, que tinha o tamanho de uma bola de beisebol. Fez um barulho desagradável e estridente.

Groper chiou:

— Cutshaw, o que tem os aqui?

— Uma sirene de nevoeiro — respondeu Cutshaw. — Juncos chineses foram vistos nesta área.

— Um dia eu vou quebrar sua coluna, eu juro.

— Um dia eu vou em bora de Fort Zinderneuf, estou ficando cansado de carregar corpos.

— Eu queria que tivessem arrebitado você no espaço — disse Groper.

Os homens começaram a rir.

— Quietos! Groper gritou.

Os risos se tornaram mais altos.

— Nisso vocês são bons, não é, suas cobrinhas nojentas?

— Bravo! Bravo! — elogiou Cutshaw, liderando os homens em um aplauso educado. Outros se juntaram aos elogios:

— Belíssima.

— Esplêndido, Groper! Esplêndido!

— Só mais uma coisa, senhor — Cutshaw começou a falar.

— O quê?

— Enfie um abacaxi no cu — Cutshaw desviou o olhar. E teve um pressentimento. — Alguém está chegando — disse.

Foi um preceito.

## DOIS

Os problemas começaram com Namack. Em 11 de maio de 1967, Namack, um capitão da Força Aérea dos Estados Unidos, estava pilotando um B-52 e bombardeio rumo ao Hanoi quando seu copiloto reportou um problema hidráulico.

O piloto, em ato contínuo, levantou-se em silêncio, tirou seu capacete para grandes altitudes e disse, com calma e confiança:

— Parece um trabalho para o Super-Homem.

O copiloto assumiu o controle. Namack foi hospitalizado e morreu em plena ilusão de que tinha poderes sobre-humãos e não podia ser totalmente curado.



“sem kriptonita”. No entanto, testes e avaliações psiquiátricos chegaram a uma impressionante conclusão de que ele não podia ser considerado psicótico. Mesmo com o medo de se levantar no cockpit, aliás, todas as evidências sugeriam que sua psique e suas emoções eram bastante fortes.

Nam meack foi o primeiro. Logo depois, muitos outros o seguiram: oficiais militares manifestando distúrbios mentais súbitos, geralmente envolvendo uma forma de obsessão drástica e bizarra. Em nenhum dos casos havia um histórico de desequilíbrio mental ou emocional.

Autoridades do governo ficaram chocadas e cada vez mais preocupadas. Os homens estavam fingindo? Notou-se que o caso de Nam meack ocorreu pouco depois que o capitão Brian Fay, um fuzileiro naval que se recusou a ir para a zona de combate, foi sentenciado a anos de trabalho forçado. A guerra era controversa, e a maior parte dos homens envolvidos estava em comissões agendadas para entrar em combate. A suspeita de que as doenças fossem fingimento era inevitável.

Mas havia problemas com tal conclusão. Alguns dos homens não estavam envolvidos em uma situação relacionada ao combate, e muitos dos que estavam haviam sido condecorados por bravura. Por que eram todos oficiais? A maioria dos casos envolvia uma obsessão? A suspeita sombria de uma Casa Branca sugeria um culto clandestino de oficiais cujos propósitos desconhecidos, mas potencialmente perigosos. Diante do enigma, não admitir esse tipo de ideia.

Para investigar o mistério e — se indicado — buscar sua causa e sua cura, o governo estabeleceu o Projeto Freud, uma rede secreta de retiros em locais onde os homens eram escondidos do público e estudados. O último desses locais era o Centro Dezoito. De natureza altamente experimental, sua base era uma das profundezas de uma floresta de abetos e pinheiros perto da costa do estado de Washington. Construída para fazer jus ao castelo medieval que foi modelada no deserto além do rio, o Conde de Eltz, a mansão pertencia a Amy Biltmore. Ela abandonou muito antes de se prestar à visita aos militares, no outono de 1968. Agora ela estava sendo ocupada por uma equipe mínima de fuzileiros e 27 outros oficiais: alguns fuzileiros navais, outros antigos tripulantes de B-52 e um astronauta, o capitão Billy Thomas Cutshaw, que abortara uma missão par-

durante a contagem final de uma forma tão extraordinária que somar tudo estava presente poderia acreditar.

Para Cutshaw e os demais no Centro Dezoito o Pentágono nomeou um

brilhante psiquiatra fuzileiro conhecido por sua singular abertura m em  
im pressionante sucesso com m étodos m uitas vezes inovadores: o coronel  
Stephen Kane. Alguém que atendia por esse nom e de fato apareceu m  
em 17 de m arço, apenas algum as sem anas após a recaptura de Hué  
Groper, aj udante no centro e tem porariam ente no com ando, estava,  
m om ento, confrontando os internos no pátio e, quando viu o carro c  
aproxim ando, im aginando que o ocupante seria o coronel Kane, am a  
fato do hom em ter chegado durante a form ação m atinal, quando os  
estavam sem pre em seu pior m om ento. Com o piolhos febris, eles haviam  
para o centro do pátio da m ansão — todos m enos Fairbanks, aquele que tin  
florete e que havia revisto suas opções naquela m anhá e decidido descer par  
form ação com um a corda presa à torre da m ansão. Agora estavam partici  
de um j ogo inventado por Cutshaw cham ado “Falar em línguas”, em  
hom em desem buchava algum a loucura críptica a plenos pulm ões, exceto  
o interno com o cachorro. Reno olhava para frente em transe enquanto can

“Let Me Entertain You”. O cachorro parecia am edrontado pelos gritos  
alienígenas.

— Meu Deus — reclam ou Groper para a poeira a seus pés e, então,  
vociferou: — Atenção! Calem a boca, seus anim ais! Calem a boca e entrem  
form ação! *Formação!*

Os internos o ignoraram .

O carro parou próxim o à entrada da m ansão. O sargento m otorista abriu a  
porta para o hom em no banco de trás, um coronel fuzileiro que em ergiu e  
parado em silêncio, observando Groper e os outros internos. O coronel era a  
de robusta constituição, tinha feições duras que eram , de algum a form a

Só se via m ovim ento em seus olhos: pontos esverdeados girando delicadam  
em piscinas castanhas. Havia tristeza neles.

— Cavalheiros, posso ter a atenção dos senhores por um m om ento? — A v  
rouca de Groper era untuosa.

Os internos continuaram o j ogo. O coronel os observou, com o rosto  
indecifrável, e em seguida virou a cabeça para o lado. Ao seu lado, vestindo  
cam isa de gabardine passada à perfeição e um a calça da farda B, es  
fuzileiro naval de aparência som bria com a insígnia dos m édicos e as folha  
coronel no colarinho. Na sua m ão havia um estetoscópio. Ele olhava  
internos e balançava a cabeça.

— Pobres idiotas — m urm urou. Então, olhou para o coronel. — Kane?

O coronel assentiu com um m eneo de cabeça.

— Sou o coronel From me, o médico-chefe. Muito feliz de tê-lo conosco.

Toda a vida que eu puder ter é bem-vinda. — Ele olhou para os internos que ainda estavam fora de controle. — Jesus, eles estão realmente fora de si.

— O senhor poderia me indicar meu alojamento? — perguntou Kane.

— É só seguir a estrada de tijolos amarelos.

Kane o encarou.

— Tenente From me, entre em formação! — rugiu Groper olhando para o homem com o estetoscópio.

— From me, seu anão! — Veio o grito de um homem sem calças saindo pela porta da frente da mansão. — Devolva minha calça e meu estomodo!

O homem marchou na direção de Kane e From me.

Um sargento impassível, impecavelmente uniformizado, surgiu diante de Kane e o saudou com presteza.

— Sargento Christian se apresentando, senhor!

— Já não era seu tempo, Kildare! — From me cumprimentou o sargento. E apontou um dedo para Kane. — Santo Pai! Leve este homem à cirurgia, ou você está planejando deixá-lo sangrar até a morte enquanto você e seus amigos brincam de soldado? Que diabos é isso, pelo amor de Deus, hospital ou um manicômio?

Enquanto From me terminava de falar, o sargento Christian o escoltava de perto. Nesse mesmo tempo, o homem sem calças chegou e, passando por From me, rapidamente pegou o estetoscópio enquanto gritava para o Christian:

— Desta vez não o deixe arrotar a calça!

Em seguida, virou para Kane e fez uma saudação.

Por um instante, uma expressão estranha passou pelo rosto de Kane, o homem exclamou:

— Vincent!

Kane voltou à im passibilidade anterior:

— O que você disse? — perguntou.

— Você é idêntico ao Vincent van Gogh. Ou isso ou um a cotovia em cam po de trigo; não tenho certeza. É bem parecido. Sou o coronel Richard L

Sou o m édico.

Kane o observou. Um hom em atarracado na casa dos quarenta com ol felizes e astutos em um rosto desanim ado, ele oscilava de leve de um lado outro, e a m ão que levantou para bater continência foi a que segurava o estetoscópio.

— Coronel Fell, o senhor andou bebendo? — A voz de Kane era suave e gentil, despida de qualquer vestígio de acusação.

— O quê? Fardado? — Fell olhou feio. — Ele está com m inha últim a calça de gabardine — explicou. — Todas as outras estão na lavanderia, e, coronel,

estiver planej ando que eu m antenha esta continência por m uito m ais tem favor, telefone para o Hospital Mem orial e diga que o doador do braço está pronto para o transplante. Estou esperando que o m eu caia a qualquer...

Kane retribuiu a continência.

— Obrigado. O senhor é um príncipe neste reino, senhor, eu j uro.

Outro sargento, repleto de sardas, surgiu diante de Kane e bateu continência.

— Sargento Krebs se apresentando, senhor.

— O senhor pode m e levar ao m eu aloj am ento?

— Provavelm ente — m urm urou Fell, arrotou e desviou o olhar. Então, inexplicavelm ente, deu m eia-volta e foi em bora.

Por um instante, Kane o observou. Em seguida, ele acom panhou Krebs, que passou pelos internos e o levou para a entrada da m ansão.

Os pacientes continuaram tagarelando. Groper im plorou pela atenção deles.

Ele havia sido preterido duas vezes para prom oção; apenas se obtivesse o conceito “extraordinário” em sua próxim a avaliação de eficiência teria alguma chance de não m orrer nessa patente. Ele olhou feio para os internos.

— Pelo amor de Deus, *quietos!* — vociferou.

— Groper, você precisa dizer “o mestre mandou!” — instruiu Cutshaw.

Groper rosnou:

— O mestre mandou: atenção!

Os homens prestaram atenção instantaneamente e ficaram em silêncio todos menos o que tinha um brinco e a espada, que com efeito a recitar os d

de Groper:

— Você tem o direito de permanecer calado — com efeito a repetir.

A sondagem de Kane passou por todos os homens do grupo. Então seu olhar parou nos olhos azuis e fixos de Billy Cutshaw, que o encaravam com aten

Kane retribuiu a continência de Groper e foi até a entrada da mansão. Lá, ele virou. Os olhos do capitão Cutshaw ainda o seguiam. Os dedos grossos e duros de Kane roçaram de leve o próprio rosto, recordando um alemão branco feio, que um cirurgião plástico coreano havia eliminado anos antes: aquele queimadura que ia do olho até a base do maxilar.

Ele entrou.

Mais tarde, Groper estava rumando em seu escritório, indo da fúria até um desânimo sombrio. O 11º oficial americano mais condecorado na Segunda Guerra Mundial, premiado muitas vezes por bravura na Coreia, Groper ascendeu muitas vezes entre as patentes, com efeito com uma promoção em campo na Batalha do Bulge. Sua carreira agora era uma promessa gasta, desbotada e sem prida, e sua vida pessoal era um poço de rejeições. Nada dentro dele havia crescido, além da raiva. E agora ele odiava os internos. E Kane, diante de quem havia sido humilhado.

Kane. Havia algo estranho nele, pensava Groper. Mas não sabia dizer exatamente o quê. Algo deslocado, porém familiar.

Algo que o deixava desconfortável.

## TRÊS

A clínica de Fell exalava desafio. Nas paredes, setas grossas feitas com cera vermelha-vivo indicavam potes contendo “Aspirina”, “Band-Aids”, “fio dental” e “pastilhas de limão”. Outra indicava a “caixa de sugestões” e, acima de tudo, uma inscrição principal, em verde, anunciava: “*SELF-SERVICE*”.

Fell estava de pé ao lado de um esqueleto pendurado próximo à sua mesa.

Ele virou uma garrafa de uísque que havia sido colocada na base do crânio para que o conteúdo passasse pelo espaço onde alguns dentes estavam faltando, despejando o líquido na caneca de café que ele segurava em baixo do gargalo.

— Não me culpe — murmurou. — Eu disse para não operarem.

Tomou um gole de café com uísque e fez uma careta; depois pegou uma pilha de pastas de mesa e foi para o hall principal da mansão.

Com o exterior, o

hall era uma mistura de estilo tudoriano e gótico, enorme e imponente, com paredes de pedra e um teto com pé-direito alto que o fazia

parecer uma catedral atravessada por vigas. Dando a volta no hall havia uma

série de cômodos usados com o escritório do comandante, do auxiliar, uma área de serviço e um dormitório para os internos. Colado em uma parede ficava um pôster amarelado do filme

*Drácula*, com a legenda “Terror sangrento

da Transilvânia”. Do outro lado, uma escada em espiral levava a um andar superior, onde os funcionários estavam aquartelados. O centro do hall principal

no andar de baixo era usado com o sala de terapia para internos. Ele estava cheio de poltronas, tabuleiros de xadrez, mesas de pingue-pongue, um

aparelho de som,

um telão e projetores para exibir filmes, máquinas de café, refrigerador, cigarros, escrivadinhas, revistas, telas penduradas em cavaletes, cheias com as pinturas dos internos. Nenhum estava de fato finalizada. Cada uma

um conto de terror interrompido abruptamente no meio da narrativa. Uma trazia um indicador apontado para cima, atravessado por uma agulha, pingando sangue. Outra exibia uma árvore, com as extremidades de seus galhos metálicos enfiados no corpo enrolado de uma jiboia esmagando a cabeça de um menino; o criador chamou de

*Amor materno*. Outras ainda eram infinitamente

cheias de informações e detalhes caóticos, no entanto, executadas com precisão delicada, de modo que em uma única pintura fosse possível identificar uma britadeira, parte de um braço e um trem passando, as engrenagens de um relógio mecânico, um olho sombrio, um Cristo negro, um machado ensanguentado, uma bala em movimento, uma criatura metade lagarto, metade homem. Uma pintura mostrava uma cidade chamada, com nuvens de fumaça preta sobre ela, enquanto acima da cena, quase microscópico, passava um bombardeiro atravessado por uma lança; na fuselagem, em vermelho, estava escrito com letras pequenas.

Fell olhou ao redor do *hall*. Estava estranhamente quieto e vazio. Ele foi até o escritório de Kane, abriu a porta e entrou.

Kane estava desempacotando alguns livros de uma grande valise sobre uma mesa. Estava de costas para Fell, mas, quando a porta se abriu discretamente, ele se virou com uma agilidade elegante.

— Com o você está? — perguntou Fell, fechando a porta.

— Você planeja se vestir? — devolveu Kane a pergunta. Fell ainda estava sem calças.

— Com o diabo eu posso me vestir se o tenente From me não entrega minhas calças? — respondeu. — Você não quer que eu recupere a *força*!

— Não, não podem os ser repressores — disse Kane.

— Não podem os me arrotar as calças!

— Claro.

A voz de Kane era gentil, com o se todo ser vivo fosse seu paciente. Ele tirou alguns livros da mala e foi até a estante na parede em que uma bandeira americana estava pendurada na diagonal onde antes havia uma lâmpada.

A sala havia sido um gabinete. Estava coberta por pesados painéis de madeira escura, e havia animações em painéis com expressão taciturna pendurados nas paredes.

Só a bandeira parecia pertencer ao presente; ela era, na parede atrás da escrivaninha, fotos do presidente Lyndon Johnson e do chefe do Estado-Maior.

Conjunto das Forças Armadas, em molduras iguais e em poses que sugeriam que os dois não estavam mais se falando.

— Aqui — disse Fell, jogando as pastas sobre a mesa. — Um presente para você: o histórico dos homens.

O olhar de Fell recaiu por acaso em um livro na valise de Kane. Era um Missal Romano. Por um breve instante ele ponderou suas implicações e voltou a olhar para Kane.

— Posso lhe dar um conselho? — perguntou Fell.

A porta do escritório se abriu, se chocando contra a parede com tanta força que soltou gesso do teto.

— Posso entrar? — disse Cutshaw, o astronauta. Ele bateu a porta e marchou na direção de Kane. — Meu nome é Billy Cutshaw — anunciou com um acendedor. — Então você é o garoto novo.

Kane terminou de colocar os livros nas prateleiras e virou.

— Sim. Sou o coronel Hudson Kane.

— Devo chamá-lo de Hud?

— Por que não me chamar de coronel?

— Você vai abrir um KFC aqui?

— O coronel Kane é psiquiatra — interveio Fell, desabando sobre um banco perto de uma grande janela saliente.

— Claro. E me disseram que você era médico — Cutshaw retrucou.

apontou para Fell: — Esse homem trata a acne dos crocodilos. Ouça minhas palavras e vá embora, Hud! Estou cagando se você é a Shirley MacLaine. Cumprindo a ordem de informar que você está de saída! Ande! Mexa-se!

traseiro!

Ele derrubou uma almofada de Kane da mesa.

Kane olhou calmamente.

— Alguém “deu ordens” a você? — perguntou. —  
*Quem deu ordens a você, Cutshaw?*

— Forças invisíveis num eroso demais para contar. Verifique o arquivo; está tudo no arquivo! — Cutshaw havia juntado os dossiês sobre a mesa rapidamente lendo os nomes na capa, jogando uma pasta após outra no chão.

Está tudo no arquivo — anunciou animado. — Sob o título “Vozes M

Joana D’Arc

*não* era louca, apenas tinha uma audição muito sensível. — Ele jogou todas as pastas menos uma. — Rá! Aqui está! O meu arquivo. Este a

Pronto, leia, Hud. Leia em voz alta. É a minha terapia.

— Por que nós não...

— Leia ou eu vou enlouquecer, merda! Eu juro!



*E você será o responsável!*

— Certo, Cutshaw — disse Kane, tom ando a pasta da m ão do astronauta. —

Sente-se.

Cutshaw se j ogou sobre Fell e sentou em seu colo. Algo foi esm agado. Ele com entou:

— Acho que o fim do m undo acabou de chegar para o saco de salgadinhos fritos que estava no m eu bolso.

Fell continuou olhando para sua caneca de café, com a expressão im passível.

— Você pode, por favor, dizer a From m e que eu gostaria de ter m calças de volta? — pediu ao astronauta.

— Olhai os lírios do cam po. — Em seguida, Cutshaw saltou do colo de Fell foi direto para um a cadeira de m adeira e encosto reto perto da m e fixam ente para Kane.

— Estou esperando — anunciou.

Kane com eçou a ler:

— ...

Cutshaw, Billy Thom as, capitão, oficial dos fuzileiros navais am ericanos...

Cutshaw acom panhou em silêncio, form ando as palavras com a boca enquanto Kane continuava lendo em voz alta:

— ...

Dois dias antes do lançam ento espacial program ado, o oficial paciente, enquanto ceava na base, foi visto pegando um a garrafa plástica de *ketchup*, form ando um a linha verm elha e fina no pescoço, para em seguida cam ba cair pesadam ente sobre um a m esa ocupada pelo diretor da NASA gorgolej

“Não... peça... o peixe-espada.”

Seguiu-

se um silêncio de diversos segundos. Os olhos de Kane estavam fixos no arquivo. Fell tirava fiapos da própria cam isa.

A m ão de Cutshaw voou até a m edalha pendurada no próprio pescoço.

— Você está olhando para minha medalha! — disparou para Kane. — Pare de olhar para a minha medalha!

— Não estou olhando.

— Está, sim ! Você a quer!

Kane olhou para o arquivo. E, mais uma vez, começou a ler:

— Na manhã seguinte...

— Não é linda?

— É, sim ...

— Filho da puta! Eu sabia. Você estava olhando para ela!

— Desculpe.

— Claro que você está se desculpendo! De que adiantam “desculpas”?

danos estão feitos, seu porco invejoso! Com o que posso

*comer* agora, com o que posso

*dormir*?! Serei um amontoado de nervos agora, esperando um coronel cleptomaníaco e ganancioso aparecer sorrateiramente na beira da minha cama para a minha medalha!

— Se eu fosse fazer isso — disse Kane, calmamente —, você estaria acordado.

— Drogas poderosas podem ser colocadas sorrateiramente na minha sopa.

Os olhos de Kane passaram por ele, em seguida voltaram para o dossiê.

— Na manhã seguinte, às 5h, o oficial paciente adentrou sua cápsula espacial, mas, ao receber instruções da torre de controle para comecar a contagem, ouviu-

se “Estou farto de ser usado!” Enquanto era removido da cápsula, o paciente oficial calmamente anunciou que, se “indicado”, ele fugiria e, se eleito, passaria meu mandato no gabinete vomitando”. Nesse momento ele manifestou “sua profunda convicção” de que ir à lua era “perverso, tosco em todo caso, ruim para minha pele”.

Os esforços de Fell para conter o riso atraíram um olhar furioso de Cutshaw.

— Qual é o problema? Você acha isso engraçado? — Cutshaw saltou da cadeira e começou a arrancar os livros das prateleiras e jogá-

los no chão. —

Faça as malas e vá em bora, Hud! Para mim, chega! — Então ele parou e olhou para a capa do livro que tinha nas mãos. — Que diabos é isto: *Teillier's Chardin*? — Olhou com surpresa para os demais títulos da prateleira: *Douay Bible*, *Thomas à...* — Cutshaw balançou a cabeça, foi até Kane e disse: — Onde vê um católico, vej o um viciado.

Em seguida, rasgou a manga da camisa do psiquiatra do punho até o ombro e inspecionou seu braço. Finalmente, virou para Fell e franziu a testa:

— Os buracos de agulha dele estão muito bem escondidos — acusou.

Kane indagou em voz baixa:

— Por que você não vai à lua?

— Por que camelos têm corcovas e cobras não? Santo Deus, homem, peça razões ao coração! Razões são perigosas! A verdade é que Custer chamou

Touro Sentado de *cucaracho*. E então, não está feliz em ter descoberto isso?

— Por que não vai? — Kane insistiu.

— Por que eu deveria? Que diabos tem lá?

— Quando Cristovão Colombo partiu de navio da Espanha, será que sonhou que encontraria a América?

— Tudo com que ele sonhava eram bússolas. O idiota com ele procurando a Índia e acabou ficando a bandeira em Pismo Beach.

— É...

— Hud, eu vi as pedras lunares! Elas têm pequenos cacos de vidro dentro.

Não é interessante?

— Você ainda não me deu uma razão, Cutshaw.

— Apenas imbecis dançam depois do jantar — entendeu Cutshaw. — *Sheiks* dormem.

— O que isso quer dizer? — inquiriu Kane.

— Com o  
eu vou saber? — gritou Cutshaw, na defensiva. — As vezes me  
mandaram dizer isso!

— Cutshaw...

— Espere um minuto, espere, espere, espere! — O astronauta sentou  
cadeira de novo enquanto sua mão foi parar na sobancelha. Ele apertou os  
olhos com força enquanto pensava. — Estou recebendo uma mensagem do  
espaço. É Átila, o Huno. Ele quer saber se você aceita a ligação a cobrar.

— Não — respondeu Fell.

— Diga você para ele!

A porta se abriu.

— Dr. Fell, preciso de atenção.

Um interno de boina estava parado na porta. Em uma mão ele trazia  
uma paleta, na outra, um pincel.

— Qual é o problema? — perguntou Fell.

— Ninguém menos que Leslie! Sem pre Leslie!

— Capitão Leslie Morris Fairbanks — informou Fell a Kane.

O boina tremou de fúria.

—  
Mais uma vez ele me deu a maldita Marca de Fairbanks. Veja! — O  
homem fez uma careta e virou: — Estou sangrando!

Não estava. Mas nos fundilhos de suas calças havia um rasgo com um  
sangue bem visível.

— Esse ferimento foi autoinfligido? — perguntou Fell, mas o interno olhava  
para Kane.

— Você é o coronel Kane?

Kane assentiu.

— Encantado. Sou Michelangelo Gomez — disse ele, chegando mais perto do

psiquiatra, esfregou o pincel na paleta, em endando: — Suas cores são biliosas.

— Cuidado! — gritou Fell, mas era tarde demais: em um movimento, Gomez passou tinta vermelha nas duas faces de Kane.

— Pronto! — exclamou Gomez satisfeito. — Não é um *O retrato de Jennie*, mas, pelo menos, não é mais *Dorian Gray*! — Em seguida, levantou o pincel numa saudação e disse: — *Ciao!* — E saiu.

Kane ouviu uma respiração pesada. Cutshaw estava parado a centímetros de distância, encarando-o com um olhar louco, brilhante e arregalado.

— Certo, agora estou pronto para meu teste de Rorschach — anunciou.

Pegou a cadeira, e arrastou até a mesa, sentou e olhou ansioso. — Vamos lá.

— Você quer um teste de Rorschach? — perguntou Kane.

— Que diabos! Estou falando sozinho? Quero agora, enquanto você está com essas bochechas coradas.

Kane limpou o rosto com um lenço. — Não tem os cartões de Rorschach.

— Com o não? Dê uma olhada na gaveta — indicou Cutshaw.

Kane abriu a gaveta e pegou uma pilha de cartões de Rorschach. — Muito bem — disse, sentando atrás da mesa. — Sente-se.

Fell se aproximou da mesa para observar.

Kane mostrou um cartão, e o astronauta aproximou o rosto, com os olhos apertados de concentração enquanto analisava a mancha de tinta.

— O que você vê? — perguntou Kane.

— Minha vida toda passando por mim em um instante.

— Por favor.

— Certo, certo, certo... Eu vejo uma senhora muito idosa usando roupas engraçadas e atirando dardos envenenados em um elefante.

Kane substituiu o cartão por outro.

— E este?

— Kafka conversando com um inseto.

— Correto.

— Você é um m erda, sabia disso?

— Achei que fosse Kafka — interveio Fell, observando o cartão com interesse.

— Você não saberia a diferença entre Kafka e Bette Davis — acusou Cutshaw. — E você é um doente m ental — disse a Kane.

— Sim , talvez eu sej a.

Cutshaw se levantou e disse:

— Bastardo servil. Você sem pre puxa o saco dos m alucos?

— Não.

— Eu gosto de você, Kane. Você é razoável.

Cutshaw arrancou a m edalha e a corrente do pescoço e j ogou sobre a m esa

— Aqui está, fique com a m edalha. Eu fico com o livro.

Cutshaw pegou *A minha fé*, de Teilhard de Chardin.

— E você vai se com portar por um a sem ana? — perguntou Kane.

— Não. Sou um m entiroso incorrigível. — O astronauta foi até a porta e a abriu com tanta força que o im pacto soltou gesso do teto. — Posso ir? — A dele tinha um a sinceridade infantil.

— Pode — respondeu Kane.

— Você é um hom em m uito sábio, Van Helsing, para alguém que apenas um a vida — retrucou Cutshaw, em um a im itação do Drácula — atravessou a porta a passos largos e sum iu de vista.

Kane pegou a m edalha.

— São Cristovão — m urm urou.

— Que nos protej a — em endou Fell.

Kane virou a m edalha e disse, com a voz im passível:

— Tem algum a coisa gravada na parte de trás.

— *Ora pro nobis?*

— “Sou budista. Em caso de acidente, cham e um lam a.”

Fell não teve reação. E pegou um livro do chão.

— Qual é a religião de Cutshaw? — perguntou Kane.

— Não sei. Leia o arquivo; está tudo no arquivo. — Então Fell olhou para o título do livro que havia apanhado.

*Psicologia elementar*. Folheou as páginas, notando algum as anotações nas margens e alguns grifos pesados.

Kane pegou o livro das mãos de Fell e o levou para a estante. De a lugar da ansão, a voz de um interno gritou:

— Malditos venusianos! *Aprumem-se!*

— Você é um homem de sorte, Kane — suspirou Fell.

— Sou?

— Bem, você é um homem ilhã, não acha? Um homem cujo serviço foi designado corretamente?

— E você não?

— Sou pediatra.

— Entendo — comentou Kane, guardando os livros.

— Oh, não vamos os nos em polgar, coronel. Vá com calma!

Fell abaixou para pegar alguns papéis.

— Estam os todos deslocados — murmurou Kane.

— O que você disse? Não entendi — disse Fell, olhando para cima.

Kane interrompeu a tarefa, o rosto nas sombras.

— Antes de Pearl Harbor, eu achava que ia me tornar padre. Estam os todos deslocados, de um jeito ou de outro. O simples fato de nascer neste

Ele deixou a frase no ar.

Fell esperou, alerta e observando com atenção; seu com portamento fanfarrão havia desaparecido. Uma inteligência aguda brilhou em seus olhos, que de solidariedade.

— Com o? — instigou.

— Não sei — disse Kane, com o rosto ainda escondido. — Penso nas doenças, nos terremotos, nas guerras. — Então abaixou a cabeça. — Dolorosa. Na morte das crianças. Crianças com câncer. Se são apenas partes de um ambiente natural, por que nos aterrorizam tanto? Por que pensamos com o mal a menos que... estejamos programados. — Ele procurou a pa-

— Para outro... lugar. — A voz de Kane parecia distante. — Talvez a consciência seja nossa memória de como as coisas eram. Apenas imagine que evoluímos; que estamos retrocedendo... cada vez mais alienados. — Então, Kane parou.

— Do quê?

— Psiquiatras não devem dizer “Deus”.

— Pode apostar que não; isso vai para o seu registro. Continue.

— Talvez todo o mal seja uma frustração, uma separação de onde deveríamos estar — continuou Kane. — E talvez a culpa seja só a nossa separação, aquela... aquela solidão em relação a Deus. Somos os peixes d’água, Fell; talvez seja por isso que homens ficam loucos.

Por um tempo fez-se silêncio. Quando Kane falou de novo, sua voz foi um sussurro.

— Não acho que o mal surja da loucura. Acho que a loucura surge do mal.

Uma calça de gabardine entrou voando na sala e atingiu Fell no peito.

— Bem, aqui está minha calça — declarou, sem emoção.

Cutshaw estava parado na porta. — Fromm e decidiu doar todos os seus bens para os pobres de mente.

Ele lançou um olhar feio para Fell e desapareceu.

Um vira-lata desganhado e de aparência duvidosa entrou animadamente na sala, foi até a mesa e a farejou.

— O que é isso? — perguntou Kane.



O cão levantou um a perna e urinou.

— Acho que é um cachorro — respondeu Fell.

O cão cravou os dentes na barra da calça de Fell, rangeu, puxou, e puxou de volta.

— Porcaria, *a calça, não!* — gritou.

De repente, o cachorro soltou a m ordida, disparou na direção de Kane e se escondeu atrás dele quando um interno com j eito travesso irrompeu na sala vestia um a capa preta e esfarrapada sobre sua farda verde e imunda. O homem foi na direção do cachorro.

— Então *aqui* está você, seu vagabundo!

Groper entrou correndo e segurou o interno. — Sinto muito, coronel Kane — disse. — É difícil controlar esses...

— Solte-o, por favor — pediu Kane.

— Senhor?

— Solte-

o — repetiu. Sua voz estava tranquila, mas Groper se sentiu inexplicavelmente amedrontado. E relaxou um pouco. Kane acrescentou: — podem me ver sem que precisarem.

— Ouviu? — disse Reno, satisfeito, fixando um olhar intenso em Groper.

— Com o quizer, coronel Kane — murmurou Groper.

Então ele deu meia-volta e saiu rapidamente, feliz por ter escapado.

— Esse homem é um lunático e perigoso — resmungou Reno.

— Tenente David Reno, coronel Hudson Kane — os apresentou Fell, colocando um braço ao redor do ombro de Reno. — Reno é um nativo meu chapa?

— Vá se foder. — Reno encarou Fell com desdém.

— Esse cachorro é seu? — perguntou Kane, olhando para baixo.

— Ele parece ser minha zebra? Jesus, *que diabos* há de errado com vocês?

O cachorro estava lam bendo o sapato do psiquiatra. Reno apontou:

— Olhe só, acho que ele gostou de você.

— Do que você o cham a?

— Irresponsável. Ele está dez m inutos atrasado para o ensaio. Agora, *fora!*

— Reno deu a ordem para o cachorro com irritação.

O anim al saiu da sala com um ar orgulhoso, e no fundo Kane viu de relance Fairbanks descendo habilmente do segundo andar por um a cortina.

Fell lim pou a garganta. — Tenente, talvez o coronel queira ouvir sobre o seu trabalho.

Reno se encolheu olhando feio. — Navegação? Brincadeira de criança!

Deixo para os corvos, para os falcões, para as andorinhas! Não sou um sim p instrum ento! Não sou um m orcego albino! Por favor, cuidado com s m eu bem , está pingando.

— Navegação, não — corrigiu Fell. — Seu *trabalho*. Conte ao coronel.

— Ah! Você fala de m atérias do coração!

— O tenente Reno — explicou Fell —, está adaptando as peças de Shakespeare para cães.

Reno endireitou a postura.

— Um labor do am or! Um a puta dor de cabeça! Pelo am or de Deus *alguém* precisa fazê-lo! Você pode m e dizer seu nom e de novo?

— Hudson Kane.

— Judeu dem ais. Mudarem os isso. Quer vir para o ensaio?

— O que você está ensaiando?

— Estam os fazendo aquela cena intensa de *Júlio César* em que um dalm ata de aparência nobre se enrola na toga... assim ! — Com os olhos brilh dem onstrou com a própria capa. — E então rosna: “*Et tu, Canino Branco?*”

Nem Kane nem Fell reagiram . Devagar, Reno tirou a capa do peito,

sorriso louco de triunfo derretendo de seu rosto.

— Você detestou.

— De maneira nenhuma — garantiu Kane imediatamente. — Achei interessante.

— Que bom. Vão os precisar discutir melhor mais tarde. Aliás, eu gostaria muito da sua opinião em um problema que estou tendo com o elenco de *Hamlet*.

Sabe, se eu colocar um cão dinamarquês no papel, os malditos críticos vão acusar de... — Reno parou de falar quando o cachorro latiu cheio de urgência do lado de fora da sala. — O tempo está fora do prumo — lamentou.

Merda! Por que eu tenho de viver assim? Um papel, e ele acha que é a Barbra Streisand.

Então enrolou a capa no corpo e correu em direção à porta, gritando.

Esperem! Estou chegando, estou chegando, Rip Torn. — Na porta, ele disse a Kane: — Leia os clássicos. Melhora todo o sistema respiratório, então se foi. Dava para ouvi-

lo repreendendo o cachorro. — Que modos são esses, Rip Torn? Onde você foi criado? Em um celeiro?

Kane esperou. Então, olhou para Fell. — São todos tão loucos assim?

— Ou tão criativos.

— Então, você acha que estão fingindo.

— Não sei. — Fell, que estava sentado na beira da mesa de Kane, puxou um cigarro, acendeu e tragou a fumaça. — Eu mesmo estou aqui fazendo só sem ana.

— Tão pouco tem po?

— Pois é. — Deu outro trago. — O maior mistério é Cutshaw, me parece.

— Por quê?

— Bem ... ele não estava em com bate. Por que precisaria fingir?

Kane abaixou a cabeça e disse suavemente.

— Exato.

Então foi até a janela e olhou para fora. Um nevoeiro denso cercava o mundo.  
m ansão.

— Mas todos esses sujeitos têm Q.I. alto — cismou Fell. — Alguns são quase gênios, aliás; e a maior parte do fingimento que já vi em serviço na categoria de sair da formação diante de uma banca e depois urinar, preferências na perna de um oficial de campo. — Kane Assentiu, e Fell continuou: — As obsessões deles são engenhosas demais. São extravagâncias demais, oportunas demais. Mas com o tempo é possível que todos tenham o

Estão mesmo unidos? Foram capturados por mercurianos? Que diabos

com o saber se um homem com o Bennish está fingindo insanidade por um  
com bate? Ele tem uma medalha de honra do Congresso. Não faz sentido  
sei. O que você acha?

Kane virou para responder, mas, em vez disso, apenas olhou pela porta  
aberta. O olhar de Fell acompanhou. Krebs estava no saguão principal  
movendo-se com rapidez, seguindo Fairbanks, que estava vestido de freira.  
florete surgia por baixo de seu hábito, e usava óculos de sol com uma arma  
enorme e redonda. Ele levava uma grande caneca de latão. Moedas balançavam  
lá dentro enquanto ele cercava Krebs.

— É uma das minhas múltiplas personalidades — grunhiu. — Sou a  
Eve Black.

Krebs disse alguma coisa que nem Kane nem Fell conseguiram ouvir, mas  
resposta de Fairbanks foi clara:

— A ordem Irmãs Pobres é uma instituição de caridade  
reconhecida, Krebs. Vá se foder!

Fell fechou a porta e balançou a cabeça.

— Fairbanks. Esse é outro mistério — disse, sentando-se em um sofá na lateral  
da sala, alcançando um cinzeiro que estava sobre a mesa de apoio e apagando  
cigarro. — Ninguém entende o que houve. Ele estava pilotando aquele avião  
com prêmios dos ingleses, sabe, o que decola na vertical e voa reto? Vinte e  
deles caíram sem razão; e, logo depois da queda do número 24, Fairbanks  
começou a confundir festas de formatura com árvores. Diabos, talvez  
devêssemos os tratar de eletrochoque em todos eles. Isso colocaria  
está fingendo para correr, você não acha?

Ele viu Kane olhando para a base de sua cueca  
*boxer*, onde as palavras

“Bebidas Vendom e” estavam bordadas em vermelho.

— Ou não? — acrescentou Fell.

Kane olhou para ele com atenção.

— Você me lembra alguém .

— Quem ?

— Não sei. Você só me parece familiar. Vou me lembrar em algum momento, suponho.

— Assim com o Ann Rutherford: é só me lembrar seu nome para Andy Hardy.

Por um momento Kane continuou a observá-lo, então, abaixou para pegar os livros e dossiês do chão.

— Você gostou da ideia do tratamento de eletrochoque? — perguntou Fell.

— Achei que você estivesse brincando.

— Eu, brincando? Você não está falando sério.

— Preciso pensar sobre isso.

— Isso, pense — disse Fell. — Pense bem . É para isso que você é psiquiatra.

Quando pensar em uma resposta, me avise.

Kane meneou a cabeça distraído. Fell o observou por um instante, depois abriu a porta e saiu. Foi para seu quarto. Usando uma linha particular, ele deu o número de um telefone que tocou na mesa de um general no Pentágono.

Quando a ligação foi atendida, Fell disse:

— Ele está aqui, senhor.

## QUATRO

A maior parte da neblina havia diminuído, mas a noite estava se aproximando rapidamente, junto a nuvens de chuva ameaçadoras. Kane estava sentado à sua mesa com os olhos fundos em um rosto exaurido, um homem com uma tarefa árdua e diligente. Ele havia lido o histórico de todos os internos e estava absorto em uma reunião de psiquiatria. Fazia grifos frequentes com um marcador amarelo. Era a noite de sua chegada.

Ele ajustou a luminária da mesa, direcionando a lâmpada para mais o livro. Em seguida, abaixou a cabeça e descansou os olhos, respirando profunda e ruidosamente, quase dormindo. Então, levantou abruptamente, esfregou os olhos e continuou lendo. Grifou um trecho do texto. Fala aspectos curativos do tratamento de choque. Estudou-o por um tempo. Em seguida olhou para a medalha de Cutshaw; ainda estava sobre a mesa.

A porta do escritório se abriu. Era Cutshaw, vestindo um calção de banho e levando uma toalha de praia sobre o ombro. Usava uma braçadeira segurando a alça de um baldinho de criança com uma pã. Seus pés enfiados em sandálias, e o calção e a toalha tinham uma mesma estampa polinésia. Ele bateu a porta quando entrou.

— Vão os para a praia — exigiu.

Kane abaixou ainda mais o foco da luminária, para que seu rosto ficasse escondido pela escuridão.

— Caiu a noite e está começando a chover — respondeu, com cuidado.

Cutshaw avançou, com os pés de pato batendo ruidosamente no piso de carvalho. Suas sobranceiras estavam juntas em uma careta.

— Estou vendo que você quer começar uma discussão! Certo, então vão os brincar de médico.

— Não.

— Então cinco arias. Quer jogar cinco arias?

— Não quero.

— Santo *Cristo*, você não quer fazer nada! — gritou Cutshaw. — Não tem nada para fazer neste lugar! Estou *enlouquecendo*!

— Cutshaw...

— O que eu preciso fazer para conseguir falar com você? Oferecer um sacrifício? Bem, aqui está. — Ele virou o baldinho sobre a mesa de madeira e levantou-

o e o jogou longe, revelando um monte de terra úmida sobre um dossiê aberto. — Eu trouxe uma torta de lama para você; agora, podem os conversar.

— Você vai falar sobre a lua?

— Ouça, todo m undo

*sabe* que a lua é queij o Roquefort; eu vim aqui para falar sobre o coronel Fell.

— O que tem ele?

— O que *tem* ele? Você é um a

*pedra*? Jesus. O capitão Nam m ack o abordou

hoj e de m anhá reclam ando de um a doença estranha e im pressionante, e s

que o charlatão receitou? Ele disse: “Aqui está, tom e isto. É um a pílula de s com um leve efeito colateral laxativo.” Que m odos são esses?

— O que Nam m ack tem ? — perguntou Kane gentilm ente.

— Útero invertido.

— Entendo.

— Diga isso a Nam m ack e vej a se isso o conforta em sua agonia. devo dizer a ele? “Escute, Nam m ack, tenha calm a. Eu falei com o coronel e, apesar de ser solidário a você, ele disse para encher a porra do útero com pílulas de suicídio e Aspirina, considerando que Fell é inconstante, m as corr

E que ele tam bém disse “Entendo”? — O astronauta m udou para um súplica e repetiu: — Vam os para a praia. *Vamos!*

Tentou bater o pé em sinal de m anha, e o pé de pato estalou com chicote no piso.

— Está escuro e está chovendo — respondeu Kane.

O rosto de Cutshaw se contorceu de raiva. Ele pegou a pá de areia da m esa e a quebrou em duas partes, fazendo barulho. — Pronto! Estou *quebrando* a

flecha da paz! — Ele jogou os pedaços longe e continuou: — Filho d

Escute aqui, quem diabos é você? Estou com eçando a achar que você é Fair com algum disfarce novo e esquisito. Um a vez ele apareceu com um caribu, m as nós reconhecem os aquele canalha. Sabe o que fizeram os? Dem o gelo nele! Nem m esm o m eneam os a cabeça para ele, aquele im becil insolente corno. Até que ele cedeu. — O astronauta apertou os olhos enquanto observava Kane e perguntou: — Você é católico de verdade?

— Sou.

— Grande merda. Sou um cavaleiro flam ej ante desvairado dos hussaristas cristãos. Você gostaria de me perguntar em que eu acredito?

— Em que você acredita?

— Que o coronel se relaciona com alces. Agora saia daqui, Hud! Está perdendo minha paciência com você rápido!

— Você quer que eu vá em bora? — perguntou Kane.

Cutshaw avançou sobre a mesa e agarrou o pulso do psiquiatra.

— Você está louco? — Os olhos de Cutshaw se arregalaram de medo, e ele gritou: — E perder o único amigo que tenho? Meu Deus, não faça isso, Hud, favor! Não vá em bora! Não me deixe aqui sozinho nesta casa de horrores!

Os olhos do coronel se encheram de piedade.

— Não, eu não vou em bora, prometo. Sente-se. Sente-se, e vamos os conversar — disse, em um tom reconfortante.

— Sim ! — berrou Cutshaw. — Eu quero conversar! Quero terapia! — Solto o pulso e se acalmou imediatamente. Caminhou com seus pés de pato até encostado na parede, se jogou e deitou de costas, olhando para o teto. Deus, por onde com ele?

— Livre associação — sugeriu Kane.

Cutshaw virou-se e o encarou com severidade. Em seguida, levantou-se do sofá, marchou até a mesa, recuperou sua medalha, voltou para o sofá e deitou de costas.

— E, agora, algumas palavras sobre minha infância. Eu nasci na Dakota do Norte em uma pequena...

— Seus registros dizem Brooklyn — disse Kane.

— Ouça, vamos os trocar de lugar, tudo bem ? Você deita aqui, eu vou até aí, e vamos os ver com o que você se sai! De quem é esta terapia?

— Sua — respondeu Kane.

— Não posso fazer uma pergunta retórica sem algum escroto tentar respondê-la? Fique quieto! — gritou Cutshaw, para depois deitar de bruços. —



Tive três tias solteiras — recitou calm am ente. — Elas se cham avam Feia, V e Indecorosa, e todo Natal elas m e davam um Banco Im obiliário de m ão, m as o tabuleiro estava sem pre faltando; nunca tive um a porra do tabuleiro. Claro, eu acabei fazendo um , m as você acha que “vá direto ao Ba do Canivete e não ultrapasse o Brej o do Sapo” soa bem ? Que diabos, nunca vi um tabuleiro de verdade até ter quase vinte anos, e tive de colocar *gelo* na nuca para

parar de trem er! Ah, que se dane; então, eu nunca tive um tabuleiro. Mas n usei isso com o m uleta, Hud, aquela baboseira de Jack, o Estripador. Jack, o Estripador, era um incom preendido. Aos seis anos ele tinha um a fa sorte cham ada

*Rosebud*, que alguém roubou, então Jack passou o resto da vida procurando por ela, m as teve a ideia idiota de que a faca estava esc *garganta* de alguém . Agora, você *acredita* nessa baboseira? Pode responder.

— Não — disse Kane.

— Você é realm ente engraçado. Alguns garotos na m inha rua tortura lagartas; eles as cortavam e ateavam fogo. E sabe por que faziam isso? Por eram degenerados. Todo adulto degenerado m au e insensível *começou* com o um

degenerado. Onde você vê um a criança que tortura lagartas, eu vej o um fil puta. Você aprova isso? Eu quero aprovação. Eu

*preciso* de aprovação. Eu prefiro aprovação a rocam bole com iogurte. Por acaso, você notou que Groper tom a banho? É porque veríam os sangue de lagarta nas pernas dele! degenerado odioso! É um típico Papai Noel: todo Natal ele sobe em seu tren entrega napalm para os pobres. Filho da puta. Um vira-lata com o rabo torcido

apareceu, choram ingou e lam beu o sapato dele um dia na ponte lev Groper sacou um canivete no m esm o instante e cortou o rabo do ar rente ao corpo; e, enquanto o cachorro gritava e ficava louco, Groper disse q aj udou a se livrar de pulgas; elas ficam no rabo. Meu Deus, ele está com sa de lagarta até os *joelhos*! Sabe, ele costum ava escrever para a revista *Time* e por

anos sem pre falou em lendas; sem pre dizendo “Depois do m elão, um a u coisas assim no m aldito refeitório. Além disso, ele am ava dizer “baf

isso era antigam ente, Hud. Quero dizer, agora ele só diz isso quando

pobre desleixado foi coronel, sabia disso? Então disse “bafafá” na fren MacArthur e foi rebaixado para m aj or. Acorde. Está acordado?

O astronauta virou para olhar para Kane.

— Sim , estou acordado — respondeu o psiquiatra.

— Estou vendo; mas você estava apagando, Catherine Earnshaw. —

Cutshaw deitou de costas de novo e perguntou:

— O que você acha de víboras?

— Víboras?

— Você é absolutamente incapaz de dar a um homem uma resposta direta.

Cutshaw tirou um pirulito do bolso e com ele começou a fazer barulho ruidoso.

— Cutshaw, por que você está usando essa braçadeira?

— Porque estou de luto.

— Por quem ?

— Por Deus. — O astronauta sentou, tirou os pés de pato e os jogou no chão.

— Isso mesmo. — Em seguida, jogou o pirulito. — Não pertencemos ao Clube Está Vivo e Morando na Argentina. — Então Cutshaw começou a andar de lado para o outro agitado. —

*Basta!* Chega de falar de Deus! Finalize, é o suficiente. Vamos voltar para a psiquiatria. — Ele parou diante da máquina

que me faz lembrar: que belo psiquiatra! Você nem me perguntou sobre as minhas obsessões.

— Você tem ?

— Tenho. Odeio pés. Deus, não suporto vê-los. Com o meu Deus considerado belo nos dá coisas tão feias quanto pés!

— Para você poder andar.

— Eu não quero andar, quero voar! Pés são desfigurados e vergonhosos. —

Cutshaw olhou para seus próprios pés nus, foi até o sofá, sentou e removeu os pés de pato. — Se Deus existe — continuou ele —, ele é um pelego. Ou, o que é mais provável, um pé: um Pé gigantesco, onisciente, onipotente. Você considera isso blasfêmia?

— Considero.

— Acredito que usei um

P m aiúsculo. — O astronauta observou Kane com o se estivesse tentando avaliá-

lo. Finalm ente, perguntou: — Quantas vezes um a pessoa pode quebrar um espeto de

*kebab* ao m eio? — Em seguida, ele levantou

do sofá, levantou a m ão na direção da cabeça de j avali pendurada e, segurando suas presas, com eçou a balançar para frente e para trás no ar. Então, na m e postura, continuou: — Tudo tem partes. O espeto tem partes. Agora, quantas vezes posso parti-

lo ao m eio? Um a quantidade infinita ou apenas um a quantidade

lim itada de vezes? Se a resposta é um a quantidade infinita de vezes, o espeto deve ser infinito. O que é balela, convenham os. Mas se só posso cortar o espeto ao m eio um a

*limitada* quantidade de vezes... se eu chegar a um pedaço de

espeto que não pode m ais ser partido ao m eio, quero dizer, supondo que eu não Pé e pudesse fazer o que quisesse, então estou segurando um pedaço de espeto que não tem partes. Mas, se não tem partes, ele não existe! Estou com

Estou vendo nos seus olhos. Você acha que sou um velho louco.

— De j eito nenhum — respondeu Kane. — Você apenas fracassou em distinguir entre as ordens real e m ental. Mentalm ente, ou teoricam ente, não existe nenhum lim ite para quantas vezes você pode partir um espeto de m as na ordem real das contas, ou, em outras palavras, falando em termos práticos, você finalm ente chegaria a um ponto em que, quando corta o espeto ao m eio, as m etades se convertem em energia.

— Pé, você é sábio! — suspirou o astronauta.

Algum a coisa cintilou nos olhos de Cutshaw, que se jogou no chão com um estalo elástico, foi até a m esa e substituiu a m edalha diante de Kane.

— Você passou — ele anunciou. — Agora, consegue provar que existe um Pé?

— Eu apenas acredito — respondeu Kane.

— Você consegue *provar*?

— Existem alguns bons argumentos.

— Oh, essas são as m esmas coisas que usam os para j ustificar as bo-

atômicas no Japão? Se forem ,  
*que se fodam!* — Cutshaw se inclinou e espalhou o  
conteúdo do balde sobre a mesa de Kane. — Aqui, faça os diagramas na areia.

— Em seguida, se jogou de bruços no sofá. — Mal posso esperar — ele alertou  
com uma almodorada abafando sua voz.

— Existe algum entobioquímico — Kane cometeu hesitante. — Não é  
exatamente uma prova...

Cutshaw virou de lado, deu um bocejogrexagerado e olhou para o relógio de  
pulso.

— Para que a vida pudesse aparecer espontaneamente na Terra — Karamazov  
retomou o raciocínio —, primeiro precisou existir uma molécula de proteína  
com uma certa configuração assimétrica, a configuração 0.9. Mas, de acordo com as  
leis da probabilidade, para que uma dessas moléculas apareça por acaso sozinha  
seria necessário um volume de matéria de mais de... bem ... milhões  
trilhões de vezes maior que o tamanho do universo inteiro; e pensar  
estritamente do ponto de vista do tempo...

— Falem os do tempo.

— Pensando estritamente do ponto de vista do tempo, e dado um volume e  
matéria equivalente ao da Terra, tal probabilidade precisaria de uma força  
de duzentos e tantos bilhões de anos... um número com tantos zeros  
caberia em uma edição de  
*Os Irmãos Karamazov*. E isso é só uma molécula.

Para que a vida surgisse, seriam necessárias *milhões e  
mais ou menos ao mesmo  
tempo*. O que eu considero mais fantástico do que simplesmente acreditar em  
Deus.

Cutshaw se sentou.

— Você terminou?

— Terminei.

O astronauta se levantou, foi até a porta, deu meia volta e anunciou  
cripticamente:

— Indecoroso Groper com a carne de cervo profana.

Então, deu meia volta novamente e desapareceu.

O barulho de um martelo batendo no gesso ecoou pela parede. Kane saiu de sua sala. Do lado direito da porta, viu Fairbanks, usando um capacete de alta pressão da Aeronáutica. Segurava um martelo de cabo curto e olhava feio para o buraco na parede. Groper correu até ele praguejando:

— Eu a *escondi*, maldição, eu a *escondi*! — E, arrancando o martelo da mão de Fairbanks, gritou: — Com o diabo você a encontrou?

— Eu não *ousaria* lhe contar *isso* — disse Fairbanks. E, arrancando de volta o martelo da mão de Groper, pediu: — Faça a gentileza de sair do caminho.

— Seu pequeno...

Groper levantou um braço com o qual se fosse golpeá-lo quando Kane interveio:

— Major Groper!

— Senhor, ele...

— Não me interessa o *que* ele fez; o senhor não vai usar de violência com nenhum desses homens em nenhuma ocasião, por nenhuma razão.

— Mas, coronel...

Groper estava prestes a falar mais, mas seus olhos encontraram os de Kane e ele parou de falar, recuou um passo, prestou continência de forma tensa e retirou para seu alojamento.

Kane olhou para o interno com gentileza.

— Você é o capitão Fairbanks — disse.

— Hoje não.

— Sinto muito. Eu tinha certeza de que você...

— Hoje não. Entendeu? Múltiplas personalidades. “Minha casa tem muitas moradas.”

— Entendi.

— Sou o dr. Franz von Pauli.

Kane passou um braço paternal ao redor do ombro dele. Do outro lado da *hall*, viu Cutshaw de relance encarando-os da porta do dormitório. Kane olhou para o buraco deixado na parede e disse:

— Por que fez isso, capitão Fairbanks?

— Com o?

— Por que fez isso na parede?

— Achei que estivesse brincando. — Os olhos do interno eram de um azul

intenso em um rosto rechonchudo e inocente que deveria estar em um jovem vespertino de uma faculdade. Ele respondeu: — Faço isso em nome da ciência da nucleônica; porque estou *convencido* de que podem os atravessar paredes!

Não sou eu. Estou falando de qualquer um. Policiais. Pessoas. Pessoas de Nashville. São os espaços! Os espaços vazios entre os átomos no meu corpo... ou no seu: você se importa se eu fizer uma pergunta pessoal? Não. Se desconfortável, me avise.

— Vá em frente.

— Está com dor de cabeça?

Kane se encolhera como se tivesse sido acometido por uma dor aguda súbita, abaixando a cabeça e apertando o arco do nariz. Seus olhos estavam fechados.

— Não — respondeu em voz baixa.

— Excelente. Veja, está tudo no tamanho dos espaços entre os átomos na parede: quando se olha para isso em relação ao tamanho dos próprios átomos, o tamanho dos espaços é imenso! É com essa distância, para se comparar entre a Terra e o planeta Marte, e...

— Onde quer chegar, por favor, capitão Fairbanks — pediu Kane, com uma voz que refletia sua irritabilidade, mas que não era indelicada.

— Qual é a pressa? — perguntou Fairbanks. — Os átomos não vão embora.

Que diabos, não vão a lugar *nenhum*.

— De fato.

— Coronel, átom os podem ser *esmagados*, eles não podem *voar*!

De novo, Kane reagiu a algo que parecia dor.

— Você precisa usar o penico? — indagou Fairbanks. — Núm ero dois?

Kane balançou a cabeça.

— Não fique com vergonha, você é hum ano.

O psiquiatra tirou o braço do om bro do interno.

— Me explique por que está acertando a parede.

— Você é persistente. Eu gosto disso: persistente, m as j usto. Agora, ouça. O espaços, os m esm os espaços vazios e im ensos entre os átom os na parede e entre os átom os no seu corpo! Então *atravessar* um a parede é sim plesm ente um a questão de aj ustar os buracos entre os átom os no m eu corpo aos buracos e átom os na parede! Aquele m aldito teim oso...

Fairbanks concluiu com outro golpe forte do m alho. O gesso voou para toda as direções. Ele pareceu taciturno; olhando para o buraco que tinha acabado criar. — Nada — m urm urou. Em seguida, olhou para Kane. — Eu f experim entos, sabe. Eu m e concentro m uito. Tento em pregar toda a m inha m ente nos átom os do m eu corpo para que se m isturem e m para que se encaixem *exatamente* nos espaços na parede. E enquanto uso o m étodo experim ental, tento atravessar a parede. Com o agora. Peguei im p

corrida e falhei...

*terrivelmente*! — Ele golpeou novam ente a parede, e outro buraco se form ou. — Cuzões m etidos — m urm urou.

— Porque fez isso? — perguntou Kane.

— Estou punindo os átom os! Estou fazendo deles um exem plo! Um a lição!

Um a coisa! Então quando os outros virem o que vai acontecer, quando virem não estou para brincadeiras, ah, vão entrar na linha! Vão m e deixar

Fairbanks acom panhou o fim de sua declaração com outro golpe vio

Malcriados independentes! — disse, olhando feio para a parede. — En linha ou caiam fora!

— Posso? — pediu Kane, pegando a m arreta delicadam ente do interno.

— Claro! — grunhiu Fairbanks. — Acerte! Aproveite! Talvez eles *escutem* um estranho!

— Eu tinha outra coisa em mente.

O interno pareceu ultrajado e tentou recuperar a memória. Primeiro puxou, depois tentou arrancá-

lo à força, mas a memória não saiu da mão de Kane. Ele olhou para a ferramenta, depois para o psiquiatra, seus olhos um pouco aturados.

— Você é muito forte — disse finalmente.

— Acho que talvez seu problema esteja nas propriedades do metal um pouco de desequilíbrio nuclear afetando os íons.

— Teoria interessante — afirmou Fairbanks.

— Você se importa se eu ficar com o metal para estudá-lo?

De repente, Fairbanks começou a gritar. E tentou furiosamente recuperar o metal. Krebs e Christian apareceram e o imobilizaram. Ele estava em ataque histérico.

— Recomendamos educação nesse caso — declarou Kane.

— Preciso encontrar o coronel Fell — disse Krebs. — Eu não o vi.

— Quem mais tem a chave do armário dos remédios?

— Ninguém — respondeu Krebs.

Fairbanks continuava gritando. Seus olhos estavam esbugalhados.

— Nem mesmo um auxiliar médico? — perguntou Kane.

— Não, senhor. Não desde que tivemos o furto, senhor.

— Do armário de remédios? O que foi roubado?

— As barras Cadbury de cereal e as frutas do coronel, senhor. Ele as guardou ali. — Krebs fez uma pausa e acrescentou: — É a temperatura, senhor.

Kane soltou o metal, e Fairbanks se acalmou.

— Pode haver uma reincidência — disse Kane com calma. — É melhor você ir procurá-lo.



— Sim , senhor.

Fairbanks parecia confuso.

— De onde diabos veio este m artelo? — perguntou.

Kane tirou a m arreta de seu poder com cuidado, e Krebs e Christian

levaram . O psiquiatra ficou im óvel, olhando para a ferram enta em s

Em seguida, segurou a própria cabeça.

Groper o vigiava do segundo andar, próximo o à balaustrada. Kane olhou para cim a com o soubesse que estava sendo observado. O interno rapidam ente fo o quarto.

De volta à sua sala, Kane m ergulhou de novo nos estudos. Lá fora e chovendo, e em algum lugar um relógio deu nove horas. Ele olhou enquanto a chuva batia no vidro. Alguém entrou. Era Krebs.

— O capitão Fairbanks está bem , senhor.

— Que bom . Onde está o coronel Fell? Você o encontrou?

Krebs hesitou e respondeu:

— Não, senhor. Mas ele não assinou o registro de saída, então deve estar no recinto.

Kane ficou com o rosto tenso e m arcado pela dor por um m om ento, então disse:

— Quando encontrá-lo, por favor, diga para vir im ediatam ente. Preciso falar com ele.

— Sim , senhor — respondeu Krebs, sem ir em bora. Ele continuou olhando para Kane.

— Isso é tudo, Krebs. Obrigado — disse Kane, para encerrar a conversa.

— Sobre o coronel Fell, senhor... — ele continuou.

— Sim ?

Krebs estava hesitante.

— Acho que ele disfarça, senhor.

— Com o assim ?

— Bem , acho que as coisas o m achucam m uito, senhor. Sabe, gente doente, pacientes m orrendo sob os cuidados dele. Eu não gostaria que o senhor pensasse algo ruim dele. Acho que ele faz o que faz para não pensar nas coisas.

Kane encarou Krebs por um tem po, depois levantou a sobrancelha e disse:

— Entendo.

— Está com dor de cabeça, senhor? Posso ir buscar um a Aspirina, senhor, se isso aj udar.

— É m uita gentileza sua, Krebs. Estou bem . Boa noite.

— Boa noite, senhor — disse Krebs.

— Por favor, feche a porta ao sair.

— Sim , senhor.

Kane voltou para sua leitura e suas anotações. Horas se passaram . Fell não apareceu. Chovia torrencialm ente, castigando as j anelas. Kane apertou os o olhos diante das palavras que estava lendo, piscando, se esforçando para en

Finalm ente, não conseguiu m ais m anter os olhos abertos, encostou a cabeça em seus braços cruzados. E dorm iu.

E sonhou. Chuva. Um a selva. Ele estava sendo caçado. Havia m atado alguém . Quem ? Estava aj oelhado perto do corpo. Tinha virado o cadáver, m a cabeça ficou virada para baixo, e o sangue j orrava do pescoço cortado. Um hom em com um a cicatriz em form a de Z na sobrancelha disse:

— Pelo am or de Deus, coronel, vam os sair daqui!

Ele pegou um rato branco do ar, e o rato se transform ou em um lírio branco e puro m anchado de sangue. Então, Kane estava na superfície da lua. Havia um ódulo lunar pousado à direita, e um astronauta, Cutshaw, se m oveia flutuando, pela atm osfera, até estender o braço em súplica para um crucificado à esquerda. A figura do Cristo tinha o rosto de Kane. Então o sonho tornou lúcido. Ele sonhou que tinha acordado em sua sala, e Billy Cutshaw sentado à sua m esa, observando-o atentam ente enquanto acendia um cigarro.

Kane perguntou:

— O que é isso? O que você quer?

— É o meu irmão, o tenente Reno. Você precisa ajudá-lo.

— Ajudar? Com o?

— Reno está possuído por um demônio, Hud. Ele levita à noite e conversa com cachorros, de uma maneira não natural. Quero que você expulse os demônios deles. Você é um coronel, católico e um padre destituído.

De repente, Reno estava na sala, flutuando a um metro do chão. Usava um manto acastanho para altitude. Ele olhou para Kane, abriu a boca, e saíram os latidos de um cachorro.

Kane colocou um dedo no pescoço e percebeu que usava um colarinho de prata. Em seguida, veio uma onda de náusea.

Quando, mais uma vez, o sonho mudou de textura e pareceu não ser um sonho. Cutshaw o estava encarando atentamente, com o cigarro brilhando na boca.

— Está acordado? — perguntou a aparição.

Kane moveu os lábios e tentou dizer “sim”, mas nenhum som saía. Ele falou com a mente, pensando... dizendo... “sim?”

— Você acredita em esmolas na vida após a morte?

— Acredito.

— Quero dizer, *para valer*.

— Acredito, sim.

— Por quê?

— Porque acredito.

— Fé cega?

— Não, nada disso. Não exatamente.

— Por que você *acredita*? — insistiu Cutshaw.

Kane fez uma pausa, procurando argumentos. Então, finalmente, disse (pensou?):

— Porque todo homem que já viveu foi tomado pelo desejo da felicidade perfeita. Mas, a menos que exista vida após a morte, a realização desse desejo é impossível. A felicidade perfeita, para ser perfeita, deve trazer a segurança que não vai acabar, de que não será levada embora. Mas ninguém recebe essa garantia; o simples fato da morte serve para contradizê-la. No entanto, por que a natureza imbuiria todo mundo com o desejo de algo inatingível consigo pensar em nada além de duas respostas: ou a natureza é totalmente e perversa; ou depois desta vida existe outra, uma vida em que esse universal pela felicidade perfeita pode ser realizado. Mas em nenhum aspecto da criação a natureza demonstra esse tipo de perversidade, não se trata de um movimento básico. Um olho é sempre para ver, e sempre para ouvir. E qualquer vontade universal, estou falando de uma vontade sem exceções, precisa ser passível de realização. Ela não pode ser realizada aqui, então será realizada, acredito eu, em outro lugar, em outro momento. Faz algum sentido? É difícil. Acho que estou sonhando. Estou sonhando?

O cigarro de Cutshaw brilhou rapidamente.

— Se sonhar, não dirija — ele sussurrou.

Então Kane estava na ilha de Molokai, onde havia ido para curar os leproso. Mas, de alguma maneira, havia um orfanato onde um frei franciscano fazia um sermão para crianças fardadas, com rosto impassível e erodido. De repente, o teto caiu sobre elas quando ambas atingiram Molokai.

— Saiam! Ainda dá tempo! Saiam — gritou o frei.

— Não, vou ficar com você — esbravejou o Kane do sonho.

A cabeça do franciscano se soltou do corpo, e Kane a pegou e beijou com fervor. Em seguida, ele a arremessou com repulsa. A cabeça disse:

— Alim ente minhas ovelhas.

Kane acordou com um grito incipiente. Não estava em sua sala. Estava totalmente vestido, sentado no chão do canto de seu quarto. E não se lembrava com o que havia chegado lá.

## CINCO

Reno acordou ao amanhecer e olhou para a cama de Cutshaw. Estava vazia. Vestiu sua farda e passou pela fileira de camas e muletas, até sair do dormitório.

Todos os outros internos dormiam.

Ele procurou por Cutshaw pela manhã, depois saiu da propriedade e caminhou pela neblina. Parou, olhou uma vez em volta no pátio de resmungou, cheio de manhã: argura:

— Raios!

Finalmente ele o viu. O astronauta estava à espreita nos galhos mais baixos de um abeto onde Groper costumava ficar antes da formação. Estava mesmo istum a lata de tinta equilibrada entre seus olhos. Reno subiu pelo tronco da e abriu um galho.

— Capitão Billy ! — exclamou.

— Pelo amor de Deus, fale baixo! — pediu Cutshaw, cheio de cautela.

Que diabos você está fazendo aqui em cima?

— Kane! — sussurrou Reno, animado. Os olhos dele estavam brilhantes selvagens. Estava hiperventilando.

— O que tem ele? — perguntou Cutshaw, tirando um pinho da tinta.

— Billy, nada nele é ele!

— E isso significa?

— Kane é Gregory Peck em

*Quando fala o coração*, Billy ! Ele veio assumir ir

o controle de um hospício e, no fim das contas, ele mesmo é louco!

Cutshaw suspirou, tenso. Mesmo os internos da manhã em geral sabiam que Reno possuía uma série de obsessões mais magníficas que a maioria. Certa vez ele relatou que, enquanto caminhava “animadamente” pela propriedade em noite sem luar, detectou “um som sibilante vindo de cima” e, quando olhou, encontrou Groper “agachado entre as frondes de uma palmeira”, imerso em conversa sussurrada com uma coruja preta e branca gigante. Nada o fez esquecer essa história. Quando Cutshaw lhe fez lembrar que a propriedade estava visivelmente desprovida de qualquer variedade de palmeira, Reno o encorajou e respondeu com delicadeza:

— Qualquer um com dinheiro pode retirar uma árvore. E certas coisas podem cobrir o buraco com facilidade.

Desse dia em diante, Reno foi ignorado. Só havia uma forma de se livrar dele, e essa forma era sair andando. Cutshaw olhou para baixo. Era uma questão de seis metros.

— Kane é Gregory Peck — repetiu Reno. — Ontem , no meio da noite, eu acordo e tem biscoitos nos meus dentes, uvas-passas e tal, então vou até a clínica, sabe, para pegar fio dental, e quem eu vejo sentado com o se estivesse tipo de transe ou algo assim ?

Reno começou a reproduzir a cena, com as mãos fazendo movimentos confusos, mas definidos: pegando algo; jogando no chão; pegando algo; jogando no chão...

Cutshaw interrompeu a performance e apontou para o chão.

— Desça! Desça! Quero que você caia com o um a manga m adura!

— Tam bém existe outra possibilidade, Billy. A porta do armário de remédios estava escancarada. Ele podia estar dopado com alguma coisa.

— Suma!

— Muitos médicos se viciam em drogas — argumentou Reno cheio de sensatez. — Muitos psiquiatras são profundamente perturbados. Você sabe disso.

Eles têm o índice mais alto de suicídio do que qualquer outra profissão. Isso é fato, e você pode checar, Billy.

Cutshaw parou nesse momento, levantando uma sobrancelha com cuidado.

— Quando foi isso? — perguntou.

— Um das três da madrugada, eu juro. Ouça, aqui está a evidência definitiva: a prova, é isto que ele faz! Igual a Gregory Peck em *Quando fala o coração*,

Billy. Foi com o no filme, exatamente! Fui buscar um garfo. Entendeu? Fui buscar um garfo, e uma toalha de mesa também, no refeitório! Coloquei a mesa diante dele, com o garfo eu fiz umas trilhas de esqui nela, e ele desmaiou.

Igual a Gregory Peck no filme!

Cutshaw apontou para o chão de novo, rangendo os dentes:

— Desça! Está ouvindo? Desça...

Então parou de repente, colocou um dedo nos lábios e cobriu a boca de Reno com a mão. Em seguida, olhou para baixo e inclinou a lata de tinta, o conteúdo derramou lentamente.

Do chão, a voz de Groper em ergiu:

— Seu filho da puta!

— Posso falar agora? — perguntou Reno.

— Pode, vá em frente.

Cutshaw estava radiante, satisfeito.

— Esqueci de mencionar uma coisa: Kane estava com um gato de cabeças no colo. Talvez ele o estivesse acariciando.

— Desça!

— Você tem razão, estava sobre a cabeça dele.

— *Desça!*

Reno olhou para Groper.

— Acho que vou subir.

\* \* \*

Fell apareceu para o café da manhã no refeitório reservado para os funcionários em uma sala perto da cozinha, com uma lareira. E sentou-se de frente para Kane.

Ainda não havia mais ninguém.

Fell estava animado, descansado, e estendeu sua caneca de café para Kane, que segurava a cafeteira.

— Ouvi dizer que você estava me procurando — disse ele.

— Isso mesmo, onde você estava?

— Caminhando por aí.

— Na chuva?

— Estava chovendo?

— O capitão Fairbanks precisou de sedativos ontem à noite. Por favor, faça uma cópia da chave do armário de remédios. Eu tive de arrumá-lo.

## SEIS

23 de março. Kane estava sentado em sua mesa quando Groper apareceu repente, com uma carta na mão.

— Vej a isto, senhor.

Groper entregou a carta para Kane, mantendo o envelope.

— Coronel, leia isso. Pode ler isso?

Kane olhou para a carta datilografada. E leu:

Para meu querido, adorado, flamejante e secreto amor: Com o meu amor pelo momento em que eu possa tirar a máscara e me livrar do fardo de meu coração, que dói e sangra. Meu bem, vi você apenas um instante, um momento, no entanto, eu soube que era seu escravo. Criatura maravilhosa, te adoro! Você é o sândalo de Nínive, as trufas da lua! Nos meus sonhos, sou um louco! Sim! Eu arrancho seu vestido, depois seu sutiã, em seguida os olhos e...

Kane tirou os olhos da carta.

— O que significa isso, major Groper?

— Vej a assinatura, senhor — disse Groper, controlando o desconforto na presença de Kane.

A assinatura dizia “Major Marvin Groper”. Em baixo, havia um *postscriptum*

que dizia: “Você sabe onde me encontrar, querida.” Em seguida, um número de telefone no centro.

— Senhor, recebi um telefonema depois do outro hoje de manhã de garotas que receberam cartas com o este — tagarelava Groper.

Kane segurou a carta.

— Onde você achou isso? — perguntou.

— Bem, algumas delas...

— Algumas de quem?

— Bem, quero dizer, essas mulheres, senhor.

— Que mulheres?



— Bem , por acaso, elas vieram para cá hoje e...

— “Por acaso”?

— Bem , não, senhor; eu as convidei... as que tinham voz bonita e...

— Groper?

— Elas são *feias*, senhor!

*Feias* que nem o diabo! — ele disparou em um desabafo súbito de frustração e raiva. — E acho que o canalha que escreve todas essas cartas precisa de algum tipo de punição e restrição!

— Quem as escreveu?

— Vej a o envelope, coronel. — Groper o colocou diante de Kane. — Existe apenas um agente aqui que teria feito isso!

O endereço no envelope tinha marcas de carbono, borrões e dava a impressão de fazer parte de uma mala direta comercial enviada em um destinatário dizia apenas “Ocupante”.

— O senhor precisa *falar* com ele! — Groper estava extremamente perturbado.

Kane disse:

— Tudo bem . Vou falar com ele. Traga-o até mim .

\* \* \*

Os dois lados do dormitório dos internos estavam muito bem alinhados, com as cadeiras e as mesas. No corredor entre eles, Cutshaw andava de um lado para o outro nervoso, enquanto alguns dos homens escreviam suas cartas. Fairbank aproximou-se com uma carta na mão.

— Essa ficou clássica — anunciou. — A melhor ganha um prêmio?

— Leslie, o senhor vai recom pensar você — respondeu Cutshaw, mal-humorado.

— Acho que precisam os de algum tipo de incentivo.

— Leslie Morris, acabei de lhe dar um .

— Seu incentivo cheira a socialismo. O *maldito* socialismo.

A mão de Fairbanks voou delicadamente para sua espada.

— Você desembrinharia sua espada para o capitão Billy ?

— Estou me esforçando segurando o cabo.

Sem fôlego, Reno entrou correndo no dormitório e entrou entre eles.

— Capitão Billy, eu vi de novo!

— Viu o *que* de novo?

— A coruja que conversa com Groper. Ela usa um chapéu de festa; não dá para não ver.

— Vá para

*Titus Andronicus* — rosnou Cutshaw. — Seja o astro. Faça a festa.

— Isso é blasfêmia!

Reno viu Groper se aproximando de Cutshaw por trás e, apontando com arrogância para Cutshaw, deu uma ordem a Groper:

— Guarda! *Prenda-o!*

— *O homem da máscara de ferro* — disparou Cutshaw.

Quando virou, e viu Groper, estava radiante de prazer.

— Já não era sem tempo — comentou.

Groper levou Cutshaw para o escritório, e Kane o confrontou com a endereçada a “Ocupante”.

— Foi você que escreveu? — perguntou ele.

— Vamos fazer uma festa, Hud? — Cutshaw abriu os braços em um gesto de sacrifício, acertando com o antebraço o rosto de Groper. — Sim !

*Eu escrevi a carta!*

Agora atire em mim por dar esperanças a uma solteirona! Amor e desamores! Depravação aos depravados! Esqueça a corrida espacial, H. Sirva-

m e com o ração para as formigas gigantes! Vá em frente! Transformem as quinhentas amígdalas de correspondência em viúvas!

— Com o maior prazer — murmurou Groper.

Cutshaw inclinou o corpo chegando mais perto de Kane e baixou a voz para um sussurro.

— Senhor, notei um odor exótico aqui, e, como o senhor é um corcunda, pode ser o maior...

Groper se aproximou dele imediatamente, e Cutshaw pulou para trás de Kane gritando:

— Não o deixe encostar em mim! Sou louco!

— Você com certeza é louco! — Groper avançou na direção de Cutshaw novamente.

— Groper! — disse Kane com firmeza.

Groper parou.

— Sim, senhor!

Cutshaw se encurvou, na postura de um corcunda, e deixou escapar sua voz rouca e com sotaque eslavo:

— Rá! Eles tentam me atarr Igoor! Mas Igoor ainda vive, e eles estão mortos.

O astronauta oscilava de leve.

Groper avançou novamente.

— *Major Groper!*

— Sim, senhor! — Groper parou. Estava tremendo visivelmente. Seus olhos tinham raios vermelhos.

— Você bebeu? — perguntou Kane discretamente.

— *Sim!* — gritou Groper, histérico.

— Tente se controlar, maior.

— Mas, meu

*Deus*, você precisava ver aquelas mulheres! Feias! *Feias!*

*Jesus Cristo!*

Kane se levantou.

— Major Groper...

A sala tremeu com a vibração de um golpe de martelo, e Groper ficou pálido.

— Onde ele o consegue? — gemeu ele. E virou com olhos furiosos para Cutshaw. — Você!

Você o consegue para ele! — Groper viu a expressão nos olhos de Kane, a força. Sentiu um calafrio de impotência e frustração, e chegou à beira das lágrimas. — Pode ficar! — exclamou Groper, se afastando. — Está ouvindo? Pode ficar com essa merda! Pode ficar com ela!

E saiu da sala.

Cutshaw ficou olhando, com o cenho franzido.

— Bem, eu serei o filho da puta — disse, em voz baixa. Então se virou e ouviu Kane falando com Fell pelo telefone.

— Faça o que puder com ele — dizia Kane, enquanto se sentava. — Sedativo, talvez. Mas fique de olho nele. — Então fez uma pausa e continuou.

Não... não uma bolsa de gelo.

E desligou o telefone.

Cutshaw foi até a mesa.

— Você é Gregory Peck? — perguntou. — Conte tudo.

Kane não respondeu.

Os olhos de Cutshaw se apertaram até se transformarem em linhas.

— Boi orgulhoso, vamos os ensinar o erro do orgulho falso. — Então sacou um documento do bolso, alisou-o sobre a mesa diante de Kane e exigiu: — Aqui está! Assine esta confissão, Hud! Ou Greg! Ou Tab! Ou seja você quem for!

Kane olhou para o papel e comentou:

— Está em branco.

— Claro que está em branco — rosnou Cutshaw. — Ainda não tenho certeza de quem você é. Vej a, estou fazendo isto por Reno — explicou. — Se não quiseram os preencher depois. Vá em frente. Peça misericórdia para a cor

Cangurus podem ser gentis. Cangurus não são todos maus. Só assine o documento para Reno e talvez todos nós possamos ter um pouco de

— Se eu assinar, você também faz uma confissão?

— Estou ouvindo.

— Por que você não vai para...

Antes que pudesse terminar a pergunta, Cutshaw rugiu:

— Silêncio quando estiver falando comigo! — Então recuou um passo e ganhou uma expressão imponente e alertou: — Eu sei quem você é.

— Quem eu sou?

— Você é um padre destituído — Cutshaw se jogou no sofá e deitou-se de costas. — Quero que ouça minha confissão, padre Sem Rosto.

Kane disse em voz baixa:

— Eu não sou padre.

— Então quem diabos é você?

Por um momento, Kane ficou parado com o homem que se lembrou de algo inesperado. E tocou seu colarinho suavemente.

— Sou o coronel Kane.

— Você é Gregory Peck, seu imbecil. Não deixe ninguém convencê-lo do

contrário! Sabe, se for capturado, vão tentar fazer aquela coisa de lavar o cérebro e fazer você pensar que é Adolphe Menjou ou talvez até Warren Beatty.

Eu adoraria ser Warren Beatty !

— Não veja por quê — disse Kane.

— Claro que você não vê por quê! Você é Gregory Peck!



fetal.

— Por favor, continue — pediu Kane.

— Você aceita minha coisa da física?

— Sim, eu aceito isso.

Cutshaw fez um a careta, olhando para cima.

— Não chama de “isso”, pode ser? Chama de “coisa”. Diga “eu aceito sua coisa da física”.

— Eu aceito sua coisa da física — repetiu Kane.

— Bom. Agora acompanhe. — A fala de Cutshaw se tornou lenta e com ênfase. — É uma questão de *tempo* até acontecer, até chegarmos à morte

términica. E quando chegarmos à morte términica, a vida não vai reaparecer mais. Se isso parece claro, Hud, bata duas vezes no chão.

— Está claro.

— Certo. Agora, vamos fazer uma divisão. Ou a matéria, matéria energia, é eterna e sempre existiu, ou *nem sempre* existiu e teve um início definitivo no tempo. Então vamos eliminar uma ou a outra. Vamos dizer a matéria sempre existiu. E lembre-se que a morte términica iminente, Hud, é puramente uma questão de tempo. Eu falei três bilhões de anos? Vamos dizer *bilhão* de bilhões de anos. Não me importa *quanto* tempo leve, Hud. Seja quanto for, é limitado. Mas, se a matéria sempre existiu, você e eu não estamos aqui

está vendo? Nós simplesmente não existimos! A morte términica já veio e já

— Não estou acompanhando.

— Claro. Você prefere se confessar. Me dê a batina, e deixe você se confessar. Não deixe ninguém escrever “Obstinado” na minha lápide. Me dê de flexível, Hud, e faça sua confissão.

— Capitão...

— Warren, então. Chame-me de Warren.

— Perdi o fio da m eada dos seus argumentos — disse Kane.

— Minha próxima imitação: um a m osca hum ana. — Cutshaw levantou a cabeça, olhou para a parede e fez uma série de tentativas sérias de correr.

Depois da quinta tentativa fracassada, ele levantou e olhou feio para a parede.

Fairbanks está certo — resmungou, irritado. — Tem alguma coisa errada nessas m alditas paredes. — Depois olhou feio para Kane. — Você perdeu o fio da m eada por sua vida toda. Pé! Você é mesmo burro que um *dauphin* premiado. Vejamos:

se a m atéria sem pre existiu e se a morte térmica é uma questão de tempo... com o, digamos, um bilhão de bilhões de anos... então, *Humano, aconteceu!* Um bilhão de bilhões de anos já passaram um trilhão de vezes, uma quantidade

*infinita* de vezes! Antes e depois de nós há um número infinito de anos no caso da m atéria que sem pre existiu. Então a morte térmica já aconteceu! E quando acontecer, nunca mais vai haver vida! Nunca mais eternidade! Então com o podem os estar conversando, hein? Com o pode? Então perceba, estou falando

*racionalmente*, enquanto você está aí sentado *babando*.

Ainda assim, cá estamos os. Por quê?

O interesse surgiu nos olhos de Kane.

— Ou a m atéria não é eterna, eu diria, ou a teoria da entropia está errada.

— O quê? Você está rejeitando minha coisa básica?

— Não estou, não.

— Então só pode haver uma alternativa, Greg: a m atéria sem pre existiu. Ou

que significa que, em algum momento... ou antes de o tempo existir... não absolutamente nada...

*nada...* na existência. Então com o pode existir alguma coisa agora? A resposta é óbvia até para as inteligências mais rasas e simples, e

isso, claro, se refere a você. A resposta é que alguma outra coisa além da

m atéria teve de fazer a m atéria começar a existir. Essa outra coisa chamamos de Pé. Que tal?

— É bastante convincente.



— Só tem um a coisa de errado — disse Cutshaw. — Não acredito nisso nem por um minuto. O que você acha que eu sou? Um lunático? — O astronauta até a mesma. — Você é tão idiota, é adorável — afirmou. — Eu copiei essa prova de um mural privado dos Missionários de Mary Knoll em Beverly Hills.

— Não convence você?

— Intellectualmente, sim, mas, do ponto de vista emocional... não. E esse —

concluiu ele — é o problema. — Cutshaw marchou até a porta e viu indagando: — Por falar nisso, o que você estava fazendo na clínica no meio da noite?

Ele ficou ali parado esperando alguma reação, mas não houve nenhuma mudança de expressão.

— O que você está procurando, Cutshaw? — perguntou Kane.

— Joe DiMaggio — disse Cutshaw, saindo devagar.

Kane ficou no escritório por várias horas, deixando a porta aberta de propósito. Uma série de internos entrou, cada um com um pretexto.

Kane observava, ouvia e acalmava. Fell colocou sua cabeça para dentro, mas acenou e foi embora quando viu que Reno estava ali: o interno perguntou a Kane se ele achava que dois chineses “ficariam ridículos” com Rosencrantz e Guildenstern.

Depois do jantar, Kane passeou pelo hall principal da mansão por um tempo, parecendo encorajar a aproximação dos internos. Observou as pinturas nos cavaletes. E esperou. Mas Cutshaw não apareceu. Às dez, subiu para seu quarto e começou a se preparar para dormir. Mas havia visitas constantes irrompendo por sua porta, internos com problemas e questões. Os últimos foram Fromme e o interno chamado Price.

— Posso falar com você por um momento? — perguntou Fromme, parado na porta.

— Claro.

— Quero estudar, senhor. Posso? Quero concretizar minhas ambições.

Quando sair daqui, claro. Mas eu simplesmente não posso viver sem meu senhor. É meu sonho desde que eu era criança. Tenho 35, mas não é tarde para

para estudar. Posso fazer isso imediatamente? Talvez um a “Operação própria”, coronel?

Kane perguntou a que grau de escolaridade ele tinha chegado e se suas notas seriam suficientes para um a faculdade de medicina.

— Faculdade de medicina? — From me piscou os dois olhos. — Não quero tocar violino. Quero tocar com o John Garfield em *Humoresque*. Quero

tocar aquela cena. Quero que as pessoas achem que sou só um garoto de periferia e, então, *bam!*

: eu saca o violino e deixo Joan Crawford e seus amigos ricos e esnobes chocados. Quero tocar aquela cena o tempo todo.

Kane foi gentil.

Price foi mais difícil. Um homem de cabelos louros e espessos, com olhos profundos e intensos com o rosto mortal em um rosto esquelético e com o nariz no quarto.

— Quero meu cinto voador — exigiu.

— Com o?

Price desviou o olhar com repulsa.

— Sei, sei, a minha coisa, a minha resposta pronta. Meu Deus! — Então virou para Kane e começou a falar com o um homem reprimido e com uma raiva terrível, com uma voz cada vez mais grave e belicosa enquanto falava.

— Então, quero meu cinto voador, pode ser? Sim, claro, você nunca ouviu falar dele. Certo? *Até parece!*

Agora faça a gentileza de admitir que você é capaz de ler meus pensamentos! Que minha espaçonave caiu no planeta Vênus. *Estamos* em Vênus e você é um venusiano e invadiu ilegalmente minha terra para tentar me fazer acreditar que ainda estou na Terra! Não estou na Terra, você não é um terráqueo. Estou aqui parado com fungos até meu tempo.

gritou Price —, e você é um *cérebro* gigante! — De repente, assumiu um tom conciliatório: — Vamos lá, me devolva meu cinto voador. Não vou voltar para fugir, eu juro!

Kane perguntou por que ele queria o cinto, e Price voltou à hostilidade ácida.

— Quero brincar de Tinker Bell vestido de mulher em uma produção fungoide de

*Peter Pan*. OK? Está satisfeito? Agora, onde diabos ele está?

— Está chegando — respondeu Kane com calma.

— Mas por que ele

*sumiu*? — perguntou Price. Então, ele inclinou a cabeça

em um gesto conspiratório, sussurrando: — Ouça! O cérebro chamado Cut diz que você não é um cérebro de jeito nenhum. E disse que seu nome é S Books. É verdade?

— Não.

— Maldição! Em quem posso

*acreditar*? — gritou Price. Depois, ele abaixou

a voz: — Ouça, ele me fez uma proposta. Disse que se eu lhe desse coordenadas da fábrica no meu planeta que produz todos aqueles rádios CB, me devolveria o cinto. Ele quer bom bardear a maldita fábrica. Mas

Entendeu? Eu disse não, que você ficaria chateado. Agora retribua, seu canal

— De novo, a voz de Price estava alta e aguda. — Me ajude, ou talvez encontre uma maneira de

*matar* você, de fazer você ter a enxaqueca final! Onde está o cinto?

— Logo vamos os receber um.

— O que você acha que eu sou, estúpido? Por que raios você acha que meu

governo me escolheu? Por que eu vejo a verdadeira bondade no espaço? Já a paciência para truques e baboseiras! Entendeu? Arranje o cinto em ou você está encrencado! Agora vá se enrolar em folhagem ou o que quer que você faça antes de dormir! Estou bloqueando minha mente!

A saída de Price deixou Kane exausto. Ele deitou na cama e cobriu os olhos com o cotovelo. E, de repente, estava dormindo profundamente e sonhando. Chuva. A selva. O homem com a cicatriz em forma de Z no cenho. Kane espiado ao lado de um corpo de novo, o franciscano. E alguém o caçando, chegando cada vez mais perto a cada segundo. O homem com a cicatriz o olhava de cima. Ele olhou para as mãos, que seguravam as extremidades de um fio coberto de sangue.

— Coronel, vamos sair daqui, vamos sair daqui, vamos os...

De repente, o sonho foi invadido pelo grito de agonia de outra pessoa.

Kane levantou de um sobressalto, desperto. Estava confuso. Alguém p dele. O psiquiatra se deu conta, subitam ente, que havia am anhecido. E fech olhos de novo. Alguém batia de leve na porta. Ele se levantou cansa atendê-la, esperando encontrar um interno. Era Fell.

— Entre — disse Kane.

Fell entrou.

— Algum a coisa errada?

— Errada?

— Sim , o que foi? Posso aj udar?

Fell o encarou com atenção, depois balançou a cabeça e sentou em poltrona perto da cam a. — Não, nada de errado. Pensei em dar um a olhad a você, ver com o você está.

Kane sentou na beira da cam a perto de Fell, que usava um a cam isa e calça de brim . Ele acendeu um cigarro. Abanando a fum aça, ele olhou para Kane.

Jesus, você parece exausto. Você não dorm iu?

— Bem tarde. Havia sem pre um interno na porta com algum problem a.

— Então tranque a porta — disse Fell.

— Não — respondeu Kane com veem ência. — Preciso estar disponível sem pre que precisarem .

— Ei, posso dizer um a coisa? — perguntou Fell. — Tenho um a susp ição que essa coisa de bater constantem ente na sua porta faz parte de um a convencê-

lo de que eles estão doentes e de que isso tudo é real. E quero que você preste atenção em um a coisa: esses caras fizeram a m esm a coisa com eu prim eiro dia aqui; e depois relaxaram ... até você chegar. Então tudo de novo com você.

— Entendo — m urm urou Kane. — Sim , eu entendo.

— Cutshaw é o líder, o m aldito cabeça do plano; resum indo, ele é a m aior encheção de saco. Assim ... é o que eu acho. Você acredita se quiser. Quer tom ar café da m anhã?

— O quê? — Kane parecia atordoado.

— Você quer tom ar café da m anhã?

Kane parecia distante. Estava olhando pela j anela. Chovia forte novam ente.

O céu estava escuro, e trovões distantes reverberavam e crepitavam . Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça, segurando a j unção dos olhos entre o p o indicador.

— Há algo errado? — perguntou Fell.

Kane balançou a cabeça.

— Há algo certo?

— Esse sonho... — m urm urou Kane.

— Qual?

— Me veio um flash de um sonho que se repete. Um pesadelo.

Fell levantou os pés e os apoiou no pufe. — Com o Calpúrnia disse p  
Sigm und Freud, m e conte seu sonho, e eu conto o m eu.

— Não é m eu sonho — disse Kane.

— Com o assim ?

— Eu disse que não é m eu sonho — repetiu Kane em voz baixa. —  
paciente m eu, um ex-  
paciente: um coronel que tinha acabado de voltar do  
Vietnã, ele tinha um pesadelo grotesco e recorrente. Algo que aconteceu com  
em com bate, essa era a ideia central. E desde que ele m e contou... — Kane  
um a pausa, e então encarou Fell com olhos atorm entados. — Desde que ele  
contou, fico tendo o m esm o sonho.

— Meu Deus — sussurrou Fell.

— Pois é. — Kane desviou o olhar. — É m uito estranho.

— “Estranho” não é a palavra. Quero dizer, isso não seria levar a  
transferência longe dem ais?

Kane o fitou por um m om ento antes de responder. — Presum o que não ha  
problem a em contar isto para você agora. — E olhou para o tapete no chão  
esta altura, por que não? Ele era m eu irm ão.

— O paciente?

— Sim .

— Arram . Irm ão *gêmeo*?

— Não.

— Bem , de qualquer m odo é um a boa j ustificativa — com entou Fe

Vocês estão sintonizados psiquicam ente. Vocês são irm ãos. São m uito próx

— Não som os.

— Mas deveriam ser.

— Fell, você já ouviu falar do “Matador Kane”? — Kane o olhava nos olhos.

— Buck Rogers — grunhiu Fell.

— Não, não esse: Kane, o assassino da Marinha.

— Ah, sim, claro. Quem não ouviu falar nele? O guerrilheiro. Matou quarenta, cinquenta homens com as próprias mãos. Ou foram oitenta? Ei, um pouco! Você está dizendo que...

— É o meu irmão — disse Kane.

— Você está brincando!

Kane balançou a cabeça.

— Você está *brincando*! — Fell estava sentado com o corpo ereto e uma expressão de choque e satisfação simultâneas.

Kane desviou o olhar. — Adoraria estar.

— Ih... pelo visto, vocês não se dão bem, não é?

— Acertou.

— Quando vocês eram crianças, ele colocou rãs na sua cama à noite, isso? Venha, deite e vamos fazer uma livre associação — disse Fell com ironia.

— Fale do seu irmão.

— Ele é um assassino — disse Kane.

— Ele é um fuzileiro naval. Ele é jogado atrás das linhas inimigas e cumpre seu dever. Meu Deus, você está falando sério. — Fell franziu o cenho. — Quer dizer, ele é um herói. — Então ele disparou: — Arrá! Rivalidade entre irmãos.

Kane disse: — Vamos esquecer isso.

— Tem certeza de que você sabe com o que está se envolvendo? Esses sargentos do centro de recrutamento podem ser sorrateiros.

Kane fechou os olhos e levantou a mão para Fell, com a palma para fora,

um gesto que sugeria que Fell desistisse.

— Você é am igo de Jane Fonda? — pressionou Fell.

— Som os próxim os.

— Você está de brincadeira.

— Estou.

Fell m eneceu a cabeça e levantou. — Quero um café. Você vem ?

Kane continuou sentado. — Em um ou dois m inutos. Preciso m e trocar.

— Sim , claro. Com o está seu irm ão, a propósito? Sabe, eu o encontrei aquartelado na Coreia. Faz um tem po, m as eu m e lem bro dele. Um tanto. Nós nos dem os bem . Gostei dele. Aliás, gostei m uito dele.

— Ele está m orto — anunciou Kane.

— Oh, Deus. Ei, eu sinto m uito. Sinto m uito m esm o.

— Tudo bem . Foi por isso que contei sobre o sonho.

Fell parecia desolado. — Ouça, com o que... — ele se interrompeu. —

Esqueça. — Então, abriu a porta e apontou para abaixo. — Vej o voc em baixo.

Kane assentiu.

Fell fechou a porta e procurou um cigarro com dedos trêm ulos. Lágrimas corriam por seu rosto.

## SETE

Com o peito nu, Kane estava sentado na beira da m esa de exam e da clínica. Kane continuou o check-up físico que Kane aceitara depois de m uita insistência.

— Visão borrada? Sensação de descolam ento em geral?

— Não.

Fell resmungou e levou o feixe de luz aos olhos de Kane. Depois, desligou a luz e a guardou no bolso do j aleco branco. Cruzando os braços, apoiou-se em um a parede e olhou para Kane.



— Se você não trancar a porta do quarto à noite nem atender os internos em horário comercial, vou recomendar descanso e transferência, doutor; e podem orar muito para que o processo corra, acredite em mim. Tenho todos os contatos, em locais estratégicos.

Nos últimos dez dias os internos, Cutshaw em especial, haviam subornado Kane a motins e ataques dia e noite.

— Estou falando sério — disse Fell. — Sendo franco, você está ultrapassando seus limites, simplesmente. Posso pedir sua transferência que eu peça?

As sobranceiras de Kane se juntaram.

— O que eu tenho?

— Fadiga crônica, para comê-la de conversa. Taquicardia. Sua pressão está boa para um rinoceronte em investida. Que diabos você está tentando provar?

Kane abaixou a cabeça e ficou em silêncio. Em seguida, murmurou:

— Talvez.

— Talvez o quê?

— Possamos fazer algumas restrições. Uma ou outra. Vou pensar nisso.

— Viva! Agora você está sendo racional.

Nenhum dos dois viu Cutshaw espiando no *hall*, ao lado da porta aberta da clínica. Ao ouvir passos descendo a escada, o astronauta saiu às pressas, pálido e incomodado.

— Algum *insight*? — perguntou Fell. — Alguma resposta?

Kane tirou a camisa de um cabide que estava pendurado em uma vara. —

Talvez sobre Cutshaw — respondeu, parecendo pensativo.

— Que tem ele?

— Ele continua insistindo comigo sobre Deus, sobre questões metafísicas. —

Vestiu a camisa e comê-la a abotoá-la. — Alguns de nós acham que a raiz de todas as neuroses é o fracasso de um indivíduo em encontrar algum significado.

na vida, ou no universo. Um a experiência religiosa é a resposta para isso.

— É isso que Cutshaw quer? Religião?

— Ele quer que seu pai sej a Albert Einstein e que Albert Einstein ac em Deus.

— Então os hom ens não estão fingindo. É nisso que você acredita? C dizer, é isso que seu instinto está dizendo?

Kane sim plesm ente disse:

— Não sei.

Os dois deixaram a conversa nisso.

No dia seguinte, Kane estava parado no *hall* sozinho, observando um a pintura de um dos internos, quando Fell surgiu a seu lado.

— Com o vai, garoto?

— Estou bem — respondeu Kane com seus olhos ainda fixos na pintura; era a da agulha atravessando o dedo.

Fell apontou para ela com um m eneiro de cabeça.

— Significa algum a coisa?

— Todas significam . São indícios do inconsciente de um hom em . C sonhos.

Fell acendeu um cigarro.

— E o *seu* sonho? — perguntou ele. — Continua acontecendo?

Em vez de responder, Kane com entou:

— Cutshaw não pinta. É um a pena. — E lançou um olhar pensativo Fell, observando-

o com cuidado. Um olhar atorm entado enrugou a pele ao redor de seus olhos. — Sonhei com *você* ontem à noite.

— É m esm o? O que você sonhou?

— Eu não m e lem bro — disse Kane, ainda incom odado. — Foi algu coisa estranha.

Os olhos dos dois homens seguiram a direção de latidos.

— Coronel!

Reno e seu cachorro surgiram ao lado deles. Sem fôlego, Reno disse:

— Coronel, estou com um problema. Você precisa me ajudar.

Fell disse:

— Faça um exame e me procure amanhã de manhã.

Reno curvou as mãos ao redor da boca para fazer sua voz ressoar.

— Dr. Fell, o senhor está sendo chamado para cirurgia. Coloque algumas agulhas de acupuntura onde elas forem mais necessárias. — Depois, encarou e balbuciou: — Idiota! — Então virou para Kane. — Quero dizer que estou com um problema motivacional, não médico. Estou falando do problema da loucura de Hamlet. Tive uma discussão, coronel, séria, e eu gostaria que você encerrasse de uma vez por todas. — Reno franziu o cenho. O cachorro se sentou sobre as patas traseiras a seu lado. — Ouça, eis o quebra-cabeça, a perplexidade, o fandango inusitado e misterioso. Você se importa se eu me sentar, a propósito?

— Vá em frente — respondeu Kane.

Reno sentou no chão.

— Então, alguns... — Ele deixou a frase no ar e olhou feio para Fell, que estava rindo, cobrindo a boca com a mão. Reno disse sombriamente: — Por que você não vai vacinar um maldito tatu, Fell. Suma, parceiro. Desapareça.

— Vamos para a minha sala — disse Kane.

— Vamos, claro.

Enquanto caminhavam, Kane retomou a conversa com cuidado.

— Você estava dizendo...

— Um homem adorável. Eu falava que alguns estudiosos de Shakespeare afirmam que quando Hamlet está fingindo estar louco, está louco de verdade.

Correto?

Kane virou para olhar para Reno.

— Pois é — respondeu.

— Mas outros estudiosos shakespearianos dizem que quando Ham let fingindo estar m aluco, ele *não* está m aluco de verdade. Dizem que é fingim ento.

Portanto, coronel, venho até você com o psiquiatra e com o um gatinho indomável. Por favor, m e dê *sua* opinião.

— Eu gostaria de ouvir a sua prim eiro — propôs Kane.

— Um psiquiatra incrível! Quanta classe!

Chegaram à sala. Kane ficou em pé, e Fell sentou no sofá. Reno ficou perto da porta com o cachorro.

— Certo — com eçou. — Vam os olhar para o que Ham let faz. Prim eiro, ele fica

*perambulando* vestindo sua roupa de baixo. Certo? E isso é só o com eço. —

Reno com eçou a enumerar os argumentos com os dedos. — Depois, ele chegourei de mãe; diz a um bom senhor, um trabalhador, que está senil; escândalo em um evento de teatro, e depois com eça a falar obscenidades pnamorada enquanto ela está sentada vendo a peça. Ela está ali som e *espectadora*; por que teve que lidar com a boca suja de Ham let?

Kane com eçou a falar, mas Reno interrompeu.

— Suj a com o um a sarjeta, a boca de Ham let! Meu Deus Todo-Poderoso, é a namorada dele!

— Ofélia — resmungou Fell, soprando fumaça.

— Muito bem — chiou Reno. — Seu sigilo médico já era.

— O problema — insistiu Kane.

— Sim, o problema. O problema é este. Preste atenção! Considerando com Ham let está agindo, ele está de fato louco?

— Sim — respondeu Kane.

— Não — disse Fell ao mesmo tempo.

Reno decretou:

— Vocês *dois* estão errados!

Kane e Fell se entreolharam com uma expressão impassível: Reno continuou até a mesa de Kane e saltou sobre ela, sentando na beirada. E deu uma aula para Kane e Fell.

— Deem uma olhada no que acontece: o pai dele morreu; a namorada abandona de súbito; depois aparece o fantasma do pai. Já estava ruim o bastante

e aí o fantasma diz que foi assassinado. E por quem? Pelo tio de Hamlet! Hamlet acabou de se casar com a mãe de Hamlet! Ouçam, só isso já é um gancho enorme; Hamlet, ele gostava da mãe... muito! Sabem, esqueçam isso: não quero falar imundícies. Só estou dizendo é que esse pobre coitado está, no mínimo, muito

atormentado. E quando você vê que ele é um rapaz sensível, voluntarioso, todas essas coisas são o suficiente para fazê-lo enlouquecer. Em especial quando se considera que tudo isso aconteceu em um clima muito frio.

— Então Hamlet enlouqueceu — concluiu Kane.

— Não enlouqueceu, não — corrigiu Reno com rosto radiante. — Ele fingindo. Mas... mas! ... se ele não fingisse estar louco, teria ficado louco!

O comportamento de Kane se tornou cada vez mais intenso e alertado; o olhar se manteve fixo em Reno.

— Sabe... Hamlet não é maluco — continuou o interno. — No entanto, ele está na beira do precipício. Um pequeno empurrão, sabe, um cutucão de lençol e o rapaz já era! Pinel! Doido de pedra! E Hamlet sabe disso! Não conscientemente; ele sabe inconscientemente, então seu subconsciente o obriga a fazer o que o mantém são, ou seja, agir como se estivesse louco! E o maluco é uma válvula de escape, uma forma de deixar o vapor sair, livrar da porra da judiação, de todas as culpas e os medos e...

Fell cometeu a interromper, e Reno o cortou com veemência, alertando:

— Olhe lá! Não fale imundícies.

— Eu nunca falo...

— Quietos! Eu conheço você: uma mente suja em uma clínica suja! Até seu fio dental é sujo!

Avidamente, Reno voltou-se novamente para Kane.

— Meu bebê, Ham let *evita* enlouquecer  *fingindo* estar louco, fazendo coisas ridículas e terríveis. E quanto mais louco é seu com portam ento, mais são ele se torna!

— Sim ! — sussurrou Kane. Havia um lam pejo em seus olhos.

— Terríveis mais — continuou Reno. — Mas, enquanto isso, ele está em segurança, entendeu? Veja, se eu fizesse o que Ham let fez na peça, internado, entendeu? Eu seria colocado em uma instituição psiquiátrica. Mas

O príncipe real boca-sujeira?

*Ele sabe mais de qualquer coisa. E por quê? Porque loucos não são responsáveis por suas ações!*

— Sim ! — Kane estava agitado.

— *Hamlet* acha que está louco? — perguntou Fell.

— Qual é... nenhum louco acha que está — respondeu Reno com desdém .

— Cristo, que *imbecil*.

Nem Kane nem Fell falaram nada. Reno continuou:

— Quem *cala* consente?

— *O homem que não vendeu sua alma* — murmurou Fell.

Reno balançou a cabeça com descaso.

Os olhos de Kane estavam febris.

— Eu acho — disse — que concordo com a sua teoria.

Triunfante, Reno se voltou para o cachorro.

— Viu! Está

*vendo*, seu idiota, burro, estúpido? De agora em diante vamos os fazer a cena do mais feio! — E, virando para Kane, disse: — Deus abençoe as artérias, coronel. — E saiu da sala, ralhando: — Vamos! Rip Torn, você não sabe nada!

Kane sentou à mesa e olhou para o telefone. Depois de um silêncio, Fell se manifestou.

— Quero que você me escute — disse. — Groper estabeleceu alguns

regras hoje, com o, por exemplo, não poder visitar mais você depois das se-

— Groper não devia ter feito isso! — interrompeu Kane.

— Fui *eu* que mais andei.

— Você não tinha esse direito!

— Eu avisei: você está exigindo demais de si mesmo! — A voz de  
estava intensa.

— Quero que as restrições sejam canceladas — disse Kane.

— Excelente! — Fell balançou a cabeça. — Aposto um dinheiro que a teoria  
do Hamlet é uma estratégia inventada por Cutshaw para  
fazer você cancelar as restrições.

O rosto de Kane estava cheio de vida, animado.

— Algum comentário sobre isso, meu bebê? — perguntou Fell.

— Eu só queria — comentou Kane com fervor — ter certeza de que é isso!

— Oh, você pode ter certeza, sim. Dê uma olhada no armário de Cutshaw e  
vai encontrar um livro chamado  
*A loucura em Hamlet*. E sabe o que ele diz? A  
teoria que Reno acabou de explicar.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Então Cutshaw manipulou Reno a fazer isso!

— O que mais seria?

— Que bom! Se encaixa! — disse Kane.

— Com o assim?

— A teoria do Hamlet está correta. É exatamente a condição da mania  
desses homens! E Cutshaw mandou Reno para explicá-  
la é igual às pinturas ali no  
*hall*: os gritos disfarçados e apavorados de alguém pedindo nossa ajuda... e  
nos dizendo como!

— E esse alguém é Cutshaw?

— O subconsciente dele! — Kane pegou o telefone e apertou o botão interfone. Então olhou para Fell: — Por acaso você saberia qual é o armário Cutshaw?

— Não posso dizer. “Sigilo médico.”

— Quero falar com Fort Lewis — ordenou Kane pelo telefone. Parecia animado. — Escritório do intendente. Obrigado.

Kane desligou e esperou a conexão.

— O que você está fazendo? — quis saber Fell.

— Vam os precisar de suprimentos.

— Para quê?

— Vam os dar a esses homens um a “válvula de escape”, o máximo o pudermos. Vam os satisfazê-los de um jeito monumental.

— E com o, precisam ente, você propõe fazer isso? — perguntou Fell.

Kane explicou.

Fell parecia incomodado.

— Faça por escrito — recomendou ele. — Não acha melhor?

— É?

— Isso é um pouco inusitado para a maioria das pessoas, ainda mais tratando da mentalidade militar — concluiu Fell. — Se eu fosse você, colocos argumentos no papel.

— Você acha?

— Dê aos imbecis algo para ver. Pedacos de papel para deixá-los mais seguros.

Kane parou para pensar. Em seguida, cancelou a ligação, e Cutshaw surgiu do nada, exclamando:

— Querem os interpretar

*Fugindo do inferno!* — Ele bateu o punho na mesa de Kane. — Querem os pás, picaretas e britadeiras!

Fell concluiu que Cutshaw devia estar espionando no



hall, do lado de fora da sala, enquanto Kane explicava sua nova abordagem. Ele pediu licença para seu quarto, telefonou novamente para o general do Pentágono e discussão. E perdeu. Naquela noite, o médico foi de avião para Washington cedo no dia seguinte, retomou a discussão pessoalmente. Destacado vitorioso.

Quando voltou, Kane perguntou por onde ele andou.

— Um tio meu está com problemas — explicou Fell.

— Posso ajudar?

— Você está ajudando. Todo pensamento bom é a esperança do mundo.

## OITO

O major Groper segurou o corrimão da balaustrada do segundo andar com incredulidade para o andar onde Gomez estava, que rangia com o caminhar do teto. Em sua empreitada para “pintar o teto com o a Capela Six”, Gomez misturava uma de diversas latas de tinta. Ele se ergueu perto do andar.

— Que tempo — comentou Gomez.

Groper disse:

— *Meu Deus do céu!*

Ele olhou para baixo. Uma manilha de cachorros de várias raças latia e uivava do lado de fora da área de serviço que dava para o hall principal. Krebs segurava a coleira deles. Groper viu Kane em ergir de sua sala e ir até o sargento.

A porta da área de serviço se abriu, revelando Reno agitado. Olhando em volta, ele ordenou:

— Fora! Saiam! Vão dar uma volta! — Um grande chow chow saiu da área de serviço, e Reno gritou atrás dele acidamente: — Diga ao seu maldito agente para nunca mais desperdiçar meu tempo! — Reno viu Kane e se aproximou dele, indignado. — Você pode imaginar? Ele ceceia! Aqui estou eu escalando o elenco de *Júlio César*, e os idiotas me mandam um cachorro que ceceia! —

disse. Então virou e gritou para a área de serviço: — Você também, Nam m

Desapareça!

Nam m ack apareceu, vestindo um a nova fantasia azul e verm elha de Super-Hom em .

— Mas por quê? — perguntou. — Diga *por quê!* Dê-m e um a razão que faça algum ...

Reno interrom peu, exasperado.

— Coronel Kane, pode m e fazer um favor? Por favor? Você pode fazer a gentileza de explicar para este im becil aqui que em nenhum a peça o Shakespeare pode haver um papel para o Super-Hom em ?

— Poderia haver, com o eu expliquei — disse Nam m ack, am uado.

— Com o você *explicou!* — Incrédulo, Reno virou para Kane. — Sabe o que ele quer? Quer ouvir? Quando os conspiradores sacam suas facas, ele vai resgatar Júlio César! Pelo am or de Deus! Quer dar um rasante com o foguete, pegá-lo e depois transpor os tem plos em um único m ovim ento inacreditável! Ele...

Tinta caiu aos bocados, e Reno olhou para cim a e viu Gom ez.

— Louco m aldito — m urm urou ele. — *Maluco!*  
— disse para o sargento. —

Próxim o! — Krebs soltou a correia de um afghan hound ansioso. Reno o esboçou para dentro da sala. — Você trouxe algum a fotografia? — perguntou ao fechar a porta.

Price surgiu diante deles. Estava usando um traje espacial da NASA, um cinto de sim ulação de voo nas costas. E falou por um sistem a de alto-falante portátil acoplado ao traje.

— Algum a notícia da Terra? — perguntou a Kane em um a voz que ressoava eletronicam ente. Em seguida, dim inuiu o volum e. — Desculpe. Algum a coisa?

— Seu planeta solicitou seu retorno — respondeu Kane.

— Foda-se. Algum pacote? Quando eu estava em Marte, m inha m ãe m andava um *cheesecake* todo m ês. Ela costum ava usar em balagem de pipoca

para mim antes de uma idade. Toda essa merda sobre canais em Marte é um monte de porcaria, Marte é mais seco do que qualquer coisa no inferno.

Lá fora, soou uma sirene de emergência; From me estava dirigindo a propriedade, testando o equipamento. Estava usando seu próprio estetoscópio, traje de cirurgião e trazia uma máscara médica.

— Sim, Marte é seco — concordou Kane.

— Tem os belos fungos lá. Úmidos. Eu gosto de coisas úmidas.

— Vou verificar se o *cheesecake* chegou — disse Kane.

— Cérebro gigante, você é legal — disse Price. — Eu apertaria sua mão mas não sei lidar com os tentáculos. Meu Deus, não posso nem comê-los. Desculpe. Sinto muito. Não quis ofender.

— Não me ofendi.

— Nunca se sabe o que vai irritar as pessoas em diferentes planetas. Certa vez, em Urano, eu disse “tomate” e fui parar na cadeia tão rápido que minha cabeça girava. O meu baixador da Terra precisou de minha ajuda para fugir. As pessoas são sensíveis. Vocês, cérebros, usam roupas? Deixe para lá. Não responda. Não quero saber. Tabu. Isso é um perfume lá na Terra. Sabia disso? Vou lá, o lugar é bom.

Proper observou e ouviu estupefato. Do lado de fora da propriedade, ouviu From me buzinando para Fairbanks, que estava vestido com o S. McQueen em

*Fugindo do inferno* e estava andando de moto. Ele viu Kane andar lentamente até a porta do porão. Quando a abriu, o estardalhaço da britadeira se moveu pelo ar vindo de baixo, onde Cutshaw e a maioria dos internos começaram a cavar um túnel.

No porão, Cutshaw gritou:

— Pare com essa coisa por um minuto!

— Tudo bem.

Um interno desligou a britadeira.

Um silêncio forte e aveludado envolveu o grupo.

— Então, percebam — disse Cutshaw, que estava passando um sermão em alguns homens que estavam reunidos diante dele. Com uma varinha de mágica, ele bateu em um projeto preso a um cavalete. — O Túnel Um e o Túnel Dois

arm adilhas. O Três é grande. O Três é de segurança máxima.

— Aonde ele dá, Grande X? — perguntou um interno ruivo chamado Caponegro.

O astronauta estava radiante.

— Meu filho, não vai a lugar nenhum. Curiosamente, esses túneis estritamente proibidos para Reno. Se o virem aqui, vão atrás dele imediatamente.

Já vai haver deslizamentos suficientes sem a porra daqueles cachorros em baixo. Vam os garantir que... — Cutshaw parou de falar quando notando olhando para baixo pela porta no topo da escada. — Caribu divino, você é notável.

— gritou alegremente. — Apenas nosso e de nossos pais ninguém!

Os homens começaram a gritar e a aplaudir. Groper não conseguiu ouvir.

— Jesus! — chiou. — Jesus Cristo! — E olhou para as próprias mãos.

Estavam apertando o corrimão, e suas articulações estavam brancas.

Groper foi procurar o coronel Fell. Quando o encontrou na clínica, estremeceu. Fell estava em sua mesa, conversando em voz baixa com Krebs, estava sentado na beira da mesa de exames.

— Que diabos está acontecendo? — gritou o auxiliar, com a voz quase no limite. — Isso é loucura! Pelo amor de Deus, Fell, o que está acontecendo? Você sabia que eles estão cavando túneis no porão? Os filhos da puta estão cavando lá em baixo! Eles têm uma britadeira!

— Ah, bem, até onde podem chegar? — indagou Fell, que tinha um abridor na mão.

— A questão não é essa! — gritou Groper.

— Qual é?

— Essa coisa toda é loucura!

Groper começou o serviço com o voluntário prestes a completar 18 anos.

Para um homem de origem humilde, o serviço militar significava uma fuga constante das humilhações da pobreza. Ele havia lido e relido

*Beau Geste* e, na

Marinha, ansiou por uma vida em busca da “imensidão azul”, uma baseada na honra e na coragem e em ideais românticos. Os eventos bizarros em ansão e seu papel parcial de zelador foram o golpe definitivo no que queria: ele valorizasse em si mesmo.

— Alguém precisa fazer Kane parar! Pelo amor de Deus, ele não sabe que diabos está fazendo! Ele não sabe *merda nenhuma* sobre o serviço militar! Fui ver os arquivos: ele é um maldito civil, recebeu uma porcaria de uma patente seis meses atrás! Que diabos ele está fazendo no comando? Que raio está fazendo?

— Ele tem uma ideia de que, se realizar todas as fantasias desses homens, vai provocar uma catarse acelerada neles. Em outras palavras, eles vão se c

— Mas isso é ridículo!

— Você tem uma ideia melhor?

— Mas esses homens não estão doentes; estão todos fingindo!

— Ah, vá se foder, Groper.

As narinas cheias de veias de Groper se abriram. Ele lançou um olhar feio para o copo na mão de Fell.

— Você está bêbado — recriou.

O sargento Christian entrou na sala. Estava trazendo uma pilha de caixas de papelão cheias de roupas. Colocou uma delas na mesa de exames.

— Seu uniforme, senhor — informou a Fell. — Acabaram de chegar. — Em seguida, olhou para Groper. — Coloquei o do senhor em seu escritório, mesa.

— *Que uniforme?*

Ninguém respondeu.

Mais tarde, naquela noite, Groper irrompeu no escritório de Kane, que estava em sua mesa, olhando para a chuva. Kane não se virou quando o homem entrou.

Groper estava sem fôlego.

— Senhor, por que preciso usar isto? — exigiu saber.

Kane se virou devagar e olhou para o auxiliar. Groper usava um uniforme da Gestapo alemã dos tempos da Segunda Guerra Mundial. Assim como o Kane

— O quê? — perguntou o coronel. Seu olhar estava entorpecido e distante, e ele se encolheu como se estivesse com dor. Um aumento trêmulo lento para sua testa. Ele parecia deslocado, incapaz de entender. — O que você disse?

— repetiu.

— Eu disse: por que preciso usar isto?

Kane moveu a cabeça devagar, como se estivesse clareando a visão embaçada.

— Isso se chama psicodrama, major. É uma ferramenta terapêutica ou menos aceita. Os internos estão interpretando o papel de prisioneiros dos aliados tentando cavar um túnel para se libertar. — Kane parece apertando os olhos. — Som os seus capturadores.

— Som os os

*prisioneiros* deles! — gritou Groper furioso. Seu conhecimento recém-adquirido de que Kane não tinha formação militar, o que, portanto, tornava um civil a seus olhos, havia libertado o auxiliar de seu antigo inexplicável. — Nada além de paspalhos covardes fazendo a festa lá

disparou. — Quero dizer... Jesus! Por que eu preciso ajudar a diversão deles? Sou *psiquiatra*! Sou um *fuzileiro*! Por Deus... é uma posição injusta, e acho que tenho o direito de...

Groper parou de falar e deu um passo para trás. Fervendo de raiva, trêmulo Kane se levantou e o interrompeu com uma voz sussurrada, rouca e gélida ganhava mais fúria a cada palavra:

— Jesus! Jesus

*Cristo*, homem! Por que você não ama alguém um pouco?

Por que não *ajuda* alguém, para variar? Ajude-os! Ajude! Pelo amor de Deus!

Seu cretino, torturador de lagartas, coberto em sangue verde, você vai usar o uniforme, tomar banho com ele, dormir com ele. Tente tirá-lo, e você vai *morrer*

com ele! *Está claro?*

— Kane se inclinou sobre a mesa, apoiando seu peso em dedos trêmulos.

Os olhos de Groper estavam arregalados. Ele recuou devagar até a porta. —

Sim, senhor. — Ele estava em choque.

Atrás dele, a porta se abriu e o jogou no chão. Cutshaw entrou discretamente, olhou para Groper, arrancou a bandeira americana e colocou pé no pescoço do major, anunciando:

— Eu reivindico este pântano para a Polônia!

— Groper, saia daqui! — ordenou Kane, trêmulo.

— Imediatamente — acrescentou Cutshaw, enquanto o auxiliar afastava a bandeira e rapidamente tentava se levantar. — Enquanto esse uniforme e

Vou indicar você para o Melhores do Show — continuou.

Groper desviou os olhos e saiu. Cutshaw ficou olhando por um momento depois se voltou para Kane.

— E então? O que está acontecendo?

Kane estava na mesa de novo. Tinha a cabeça entre as mãos.

— Nada — respondeu. E olhou para Cutshaw. A comoção invadiu seus olhos. — O que foi? — perguntou com gentileza. — O que posso fazer por você?

— Bem, para começar, major Strasser, meus homens precisam de instalações sanitárias adequadas a cada 15 metros do túnel. Pode providenciar isso?

— Posso — disse Kane.

Cutshaw olhou rapidamente para a parede que havia tentado escalar.

— Por acaso, você já consertou a maldita parede?

— Não.

— Mas vai consertar.

— Vou.

— Quem é você?

O rosto de Kane estava na sombra. Ele não respondeu.

— Quem é você? — repetiu Cutshaw. — Você é humano demais para humano. — A expressão em seu rosto se tornou suspeita. Ele foi até a mesa.

Eu gostaria de um pirulito — anunciou, em burrado.

— O quê?

— Um pirulito, um doce num palito. Pode me dar um?

— Por quê?

— Certo, então você não é Pat O'Brien. Pat O'Brien teria me dado um pirulito sem fazer um interrogatório ou checar minhas malditas credenciais.

Quem diabos é você? Todo esse suspense é um pé no saco. Talvez você seja

Barnum — arriscou. — P.T. Barnum me assacrava cordeiros. Ele me contou sua aula em sua performance de circo, sabe, e colocou uma pantera e um cordeiro juntos. E não aconteceu nada. Huddy, o público ficava louco! Diziam

uma pantera e um cordeiro, e eles nem discutem! Nem discutem!" Mas, Hud, o

que o público nunca soube é que nunca era o mesmo cordeirinho. Eu tinha a pantera com eu um cordeiro todo santo dia no intervalo por trezentos dias e ele não levou um tiro porque pediu meu olho de menta. Animais são inocentes e devem sofrer?

— Por que os humanos devem sofrer?

— Ah, qual é, isso é uma armadilha. Para a qual você já tem as respostas, com o: a dor enobrece o homem e com o um homem poderia ser mais do que um panda que fala e joga xadrez se não houvesse pelo menos a possibilidade de

sofrimento? Mas e os animais, Hud? A dor enobrece os porcos? Por que a criação toda é baseada em cães comendo cães, nos peixes pequenos sendo comidos por peixes grandes, animais gritando de dor; a criação toda, uma ferida aberta, um abatedouro?

— Talvez as coisas não fossem assim no começo.

— É mesmo?

— Talvez "pecado original" seja apenas uma metáfora para uma terra



m utação genética em todos os seres vivos muito, muito tem po atrás tenham os causado essas m utações de alguma forma: uma guerra nuclear envolvesse o planeta inteiro, quem sabe? Eu não sei. Mas talvez seja a culpa de quem os disser com “Queda”; e o motivo pelo qual dizem os que bebês inocentes herdaram o pecado de Adão. Genética. Som os m utações; monstros, se preferirem.

— Então por que o Pé simplesmente não nos diz isso? Por que, por Cristo, ele não pode apenas fazer uma aparição no alto do Empire State Building e pregar sua palavra? Então todos ficaríamos bem! Qual é a porra do problema dele? Faltam-lhe tabuletas de pedra? Meu tio Eddie é dono de uma pedreira; posso lhe conseguir por atacado.

— Você está pedindo milagres — observou Kane.

— Estou pedindo para que o Pé foda ou saia de cima! Deuses estranhos excitados estão esperando na fila!

— Mas...

— Um ônibus cheio de órfãos caiu de um precipício hoje! Ouvi no noticiário.

— Talvez Deus não possa interferir em nossos problemas.

— Pois é, foi o que notei. — Cutshaw sentou no sofá.

— Talvez Deus não possa interferir porque fazê-lo estragaria o plano dele para algo no futuro — sugeriu Kane. Havia um cuidado na voz e nos olhos.

— Alguma evolução do homem e do mundo — prosseguiu — que não é inimigavelmente linda que vale todas as lágrimas e toda a dor do sofrimento de cada ser que já viveu. E, talvez, quando chegarmos a esse momento, olhar para trás e dizer: “Sim, sim, estou feliz que tenha sido assim.”

— Eu digo que isso é história da carochinha.

Kane se inclinou para frente.

— Você está convencido de que Deus está morto por causa do mal que há no mundo?

— Correto.

— Então por que você não acha que ele está

vivo por causa de toda a *bondade* que há no mundo?

— Que bondade?

— Por toda parte! Está à nossa volta!

— Depois de um resposta tão entusiasmada e iludida, sinto que encerrar esta discussão.

— Se não somos nada além de átomos, apenas estruturas moleculares não são diferentes na essência desta mesa ou desta caneta, então como haver amor neste mundo? Estou falando de um amor com o o amor

Com o pode um homem dar a vida por outro?

— Nunca aconteceu — disse Cutshaw.

— Claro que aconteceu. Acontece o tempo todo.

Kane não estava argumentando sem paixão: ele estava envolvido no debate.

— Me dê um exemplo — exigiu Cutshaw.

— Mas é óbvio que é verdade.

— *Me dê um exemplo!*

— Cutshaw estava de pé e havia marchado até a mesa, confrontando Kane.

— Um soldado se joga sobre uma granada sem pino para impedir outros homens de seu pelotão sejam atingidos.

— É um arco reflexo — disparou Cutshaw.

— Mas...

— Prove que não é!

Kane olhou para baixo e examinou seus pensamentos. Então olhou para Cutshaw e disse:

— Certo. Um sobrevivente de naufrágio no meio do oceano descobre que está com meningite e deliberadamente se joga do bote salva-vidas, se afogando para impedir que os demais sejam contagiados pela doença. Agora, do que chamamos isso? Arco reflexo?

— Não, eu cham o isso de suicídio.

— Suicídio e desistir da vida não são a mesma coisa.

— Você é tão burro que chega a ser adorável.

— A essência do suicídio é o desespero.

— A essência do suicídio — devolveu Cutshaw — é ninguém poder receber o seguro.

Kane começou a responder, mas o astronauta falou mais alto:

— Todos os exemplos que você está tentando me dar ou vai me dar podem ser explicados.

— Da mesma forma que você usou para explicar a mulher no bote salva-vidas?

— Ela podia ter filhos naquele bote, o que transformaria sua ação em instinto materno. Talvez alguém a tenha engravidado.

— Não exatamente — disse Kane, com um movimento de cabeça.

— Com o diabo *você sabe*? Você estava lá?

— Não, claro que não. É apenas um exemplo.

— Certo! É exatamente o que estou dizendo! É aí onde quero chegar: Quem diabos pode dizer se todos os exemplos que estão ouvindo são bobagem ou não têm alguma explicação ridícula e basicamente egoísta?

— *Eu sei* — declarou Kane com firmeza.

— Eu não sei! Agora me dê um, apenas um exemplo, que você considere *pessoalmente*.

Kane ficou em silêncio; os olhos de Cutshaw, ardendo misteriosos.

— Apenas um! O sujeito da granada, talvez?

Kane olhou para a mesma.

O tom de Cutshaw se tornou desolado.

— Foi o que pensei — murmurou. Então subitamente ficou animado e aníaco. — Amanhã é domingo — anunciou. — Quero que você me leve

m issa.

— Mas seu Deus está m orto — disse Kane.

— Isso m esm o. Mas tenho um interesse profundo e m ordaz pelo estudo de cultos prim itivos. Além do m ais, am o adorar estátuas, contanto que não te olhar para os pés delas. Você j á viu algum a coisa m ais indecorosa do que o de um a estátua do velho São José com pintura desbotada e o gesso trincado nos dedos? É pura vulgaridade. Vou ficar quieto e m e com portar, m eu j uro. Por favor! Vou só sentar e ter pensam entos devotos. Pode ser?

Kane estava em silêncio, pensando.

— Certo, frondes. Posso pensar em frondes? Ou então eu fico lá sent quieto pensando em pianos! — Ele aproxim ou o rosto do de Kane. — Eu qu

— disse com delicadeza. — Mesm o.

Kane concordou em levá-lo. Cutshaw deu passos largos pela sala, eufórico.

Então saiu correndo pelo pátio, com os braços envolvendo o peito em vento frio corria e a esfera laranj a solar descia da linha das árvores escuridão. Groper estava parado na j anela de seu escritório, observando o. Ele

viu Krebs e Christian irem para o pátio. Os dois sargentos usavam uniform e tropas nazistas, cada um com um rifle no om bro e um pastor alem ão a ti

Montaram guarda a um a distância do perímetro externo do j ardim e com a patrulhar. Quando Cutshaw os viu soltou um grito de entusiasmo. balançou a cabeça. Iria checar o arquivo de Kane novam ente. Ele se lem bro um parágrafo que falava sobre seus m étodos psiquiátricos. Um a pala

escapara. Seria “originais”? “Inconstantes”? Ele pediu para um auxiliar de escritório procurar o arquivo e colocar outro m arcador no de Fell, qu apareceu. Ele folheou os papéis em sua m esa e notou que um novo interno chegar. Então cham ou um atendente e lhe pediu para preparar um a cam a

Krebs e Christian patrulharam até as 11, quando as luzes se apagaram . Um vez, m ais cedo, eles se aproxim am um do outro vindo de cantos pátio, pararam brevem ente no m esm o quadrante, e Krebs declarou:

— Aposto que m eu cachorro selvagem consegue lam ber seu cachorro selvagem .

Christian não ficou tentado a responder, e os sargentos continuaram

cam inhando sem serem vistos conversando pelo resto da noite.

Na manhã seguinte, pouco antes das sete, Kane estava sentado esperando seu carro oficial, depois de andar Krebs buscar Cutshaw. Quando o astronauta finalmente apareceu, estava usando um uniforme e cáqui limpo e engomado. Seu cabelo estava duro de vaselina e seu rosto bem barbeado, mas continuava usando tênis e seu paletó de faculdade surrado, e uma gola bebê exagerada, com um laço vermelho vivo. No começo, Kane insistiu que ele tirasse a gola e os tênis, mas acabou cedendo quando Cutshaw argumentou:

— O Pé cagaria para o que eu visto.

Eles foram de carro até a igreja, uma construção modesta em forma de A na costa da cidade de Bly. Chegaram alguns minutos atrasados.

Quando saíram do carro oficial, de repente Cutshaw pareceu horrorizado e segurou a mão de Kane. E não soltou mais até depois de entrarem na igreja.

No vestíbulo, Kane parou para mergulhar a mão na fonte de água benta, e Cutshaw caminhou rapidamente na direção da parte da frente da igreja, arrastando os pés para dentro e os ombros abertos. Quando chegou ao banco da frente, parou e chamou Kane com um sussurro alto;

— Hud, aqui! Vam os ver as estátuas!

Kane foi até o altar, ignorando os olhares curiosos dos fiéis. Ele genufiteu fora do banco, depois se levantou e se ajoelhou novamente ao lado do astronauta.

Cutshaw estava de joelhos com o corpo rígido, olhando devotadamente para o padre, cujas mãos estavam levantadas, de costas para os fiéis.

— Aquele é Edgar Cayce? — perguntou, com uma voz que chegou ao altar.

O padre parou por um instante e olhou em volta, para depois retornar à missa.

Cutshaw ficou quieto até o sermão, que falava do bom pastor que era disposto a “dar a vida por seu rebanho”. Sempre que o padre fazia algo com entârio incisivo, Cutshaw aplaudia ou murmurava “Bravo!” O padre, um missionário que havia passado boa parte da vida na China, supôs que estava bêbado e que certamente não seria um incômodo maior do que

berrando ou déspotas gritando. Quando o astronauta aplaudia, ele levantava pouco a voz e fazia uma oferta a Deus.

Quando chegou o momento do ofertório, Cutshaw pediu cinco centavos em voz alta. Kane lhe deu um dólar. Mas quando a cesta da coleta foi colocada em mãos dele, Cutshaw a segurou com firmeza e enfiou o nariz nela, com furiosamente. Em seguida, ele a dispensou. E guardou o dólar no bolso, amassando-o.

Kane virou para observá-lo quando se ajoelharam no momento da consagração. Cutshaw estava com as mãos unidas diante do corpo e olhava para o altar, e sua cabeça pequena estava banhada pela luz que entrava num feixe estreito pelo vitral. Parecia um desenho de coroinha saído de um cartão de Natal.

Cutshaw se comportou com decoro durante o restante da missa, com exceção de uma parte, quando se levantou e declarou:

— Bondade infinita é criar um ser que você sabe de antemão que vai reclamar.

Quando estavam caminhando para a saída, o astronauta mais uma vez segurou a mão de Kane. Do lado de fora, nos degraus, ele se virou e com ent

— Curti.

Ficou em silêncio na viagem de volta até o carro para na porta da mansão.

Então, disse em uma voz infantilizada:

— Obrigado.

— Por que você guardou o dólar? — perguntou Kane.

— Para pirulitos — respondeu Cutshaw e entrou na mansão. Para logo sair de novo. — Se você morrer primeiro, e se houver vida após a morte, ainda um sinal? — pediu.

— Vou tentar.

— Você é sensacional.

Cutshaw agachou. Uma garoa começou a cair. Kane olhou na direção trovão distante. Entrou no *hall* principal da mansão e encontrou Fell, que estava afivelando o cinto de seu *trench coat*.

— Cutshaw se comportou? — perguntou.

— Com o sem pre — respondeu Kane.

— Por que você o levou?

— Ele queria ir.

— Pergunta estúpida.

— Aonde você vai?

— Até a praia.

— Está frio e está chovendo — com entou Kane.

Fell o fitou de um jeito estranho.

— Estou indo lá para com er, não para nadar, m eu velho. Tem um lugar co

ótimo os ovos Benedict. Que tal um a porção? Vam os lá.

— Não, acho que vou deitar um pouco. Estou cansado. — Fell lançou um olhar inquisidor. — Com licença — disse Kane. E passou por Fell na direção da escadaria.

— Claro, desculpe — respondeu Fell. — Eu esperava que você fosse o chefe e pagasse conta.

Kane, que parecia distraído, continuou cam inhando. Fell balançou a cabeça.

E mudou de ideia sobre sair. Foi para o refeitório em busca de café. Krebs saindo do escritório de Kane. O sargento foi correndo atrás dele.

— Coronel? Coronel Kane, senhor?

Kane parou e deu meia-volta no alto da escada. Havia bolsas pesadas e escuras sob seus olhos. E dor. Esperou Krebs alcançá-lo.

— Coronel?

— O que foi?

— Bem ... é o sujeito novo, senhor.

— O sujeito novo?

— O novo interno, coronel. Ele chegou mais ou menos meia hora atrás. Eu coloquei no seu escritório. Achei que o senhor não fosse querer misturá-

lo com  
os outros até... bem ... até... lhe explicar as coisas. Ele parece... bem  
normal, senhor. Apenas fadiga de com bate, pelo jeito. É tudo o que sei.

— Chego lá em um minuto.

— Muito bem, senhor.

Krebs voltou pela escada.

Kane entrou no quarto. Trancou a porta e foi até o banheiro, onde pegou o  
vidro de Aspirina do espelho e balançou o conteúdo até alcançar os  
miligramas de Demerol que havia furtado do armário de remédios. Tomou  
nada menos do que isso aliviaria a dor.

Desceu para o escritório. Quando abriu a porta, Cutshaw se aproximou.

— Você pode, por favor, falar com Reno? — reclamou o astronauta. — Ele  
pode tirar os malditos cachorros dos túneis? Já tem deslizamentos  
em baixo.

— Sim, eu falo com ele — disse Kane. Sua voz parecia calma.

— Quero falar sobre a ressurreição de Cristo — anunciou Cutshaw. — Você  
acha que foi corpórea?

— Podem os falar sobre isso depois — disse Kane.

— Não, *agora!* — Cutshaw escancarou a porta.

O recém -

chegado, um tenente fuzileiro chamado Gilman, estava sentado no  
sofá, com uma bolsa de lona úmida de chuva a seus pés. Havia uma cicatriz  
em forma de Z em seu cenho, bem acima do olho direito. Olhou para  
assustado.

— Eu não acredito — pronunciou o tenente. — “Matador” Kane!

## NOVE

No outono de 1967 ele estava no Vietnã no comando de um campo  
Especiais, ao sul de uma zona desmilitarizada e perigosa. Certa vez,  
uma missão especialmente arriscada, um segundo tenente o encontrou par  
lado de uma árvore em um ponto de encontro. Estava olhando distra  
para o anoitecer.

— Coronel Kane! — sussurrou o tenente. — Sou eu... Gilman!



A cabeça de Kane estava baixa. Ele não respondeu.

Gilm an apertou os olhos na penumbra, se aproximou e notou o sangue fresco manchando a camuflagem de graxa que cobria o rosto de Kane. Ele apanhou o olhar do coronel até o chão da mata e viu o corpo sangrando do vietcongue que vestia um pijama preto. Estava sem cabeça.

— Você tem um Charlie — disse Gilm an, num tom impassível.

— É só um garoto. — A voz de Kane estava distante. Ele levantou os olhos para Gilm an sem olhar. — Ele falou comigo, Gilm an.

Gilm an o encarou com desconforto. Kane estava com o corpo levemente afastado dele.

— Tudo bem, senhor?

— Eu cortei a cabeça dele, e o garoto continuou falando, Gilm an. Ele falou comigo depois que o matei.

Gilm an estava alarmado.

— Venha, senhor. Vamos embora — pediu. — Está ficando claro.

— Ele me disse que eu o matava — disse Kane sem entonação na voz.

— Jesus, esqueça isso, coronel! — O rosto de Gilm an estava perto do rosto de Kane. Ele apertou o braço do coronel com dedos pesados.

— Ele era só um garoto — continuou Kane. Então Gilm an olhou horrorizado quando Kane levantou as mãos. Nelas ele embalava a cabeça cortada que parecia ser um garoto de 14 anos. — Viu?

Gilm an suprimiu um grito. E derrubou a cabeça das mãos do coronel com selvageria. Ela rolou pelo declive até finalmente bater contra uma árvore.

— Oh, meu Deus — gemeu Gilm an.

Depois de um tempo, ele conseguiu fazer Kane voltar para a base. Quando foi colocado na cama, ele ainda estava em um estado parecido com transe. Um auxiliar médico registrou o incidente, notando que Kane não mais observava.

Na manhã seguinte Kane se comportou de maneira normal e continuou suas tarefas. Ele parecia não se recordar da cabeça. E, nos dias seguintes, perguntaria por que o tenente Gilm an sempre o encarava com uma expressão estranha quando o via. Kane fez questão de que Gilm an nunca mais

acompanhasse em uma missão. Mas não sabia identificar a razão para isso. Nenhum a forma, parecia mais eficiente.

Cerca de duas semanas depois do incidente, Kane estava parado perto

da janela do barracão cheio de sacos de areia de seu auxiliar. Estava olhando para a chuva torrencial que não dava trégua havia quatro dias. O auxiliar, um capitão com olhos escuros chamado Robinson, estava perto de uma máquina de lavar. Ele cuspiu mensagens, dois centímetros e meio por vez. O barulho estava com passo agourento com a chuva.

De repente, Kane teve um sobressalto e voltou a relaxar. Pensou ter ouvido uma voz vinda da selva: um único grito que soava com o “Kane!”. Ele passou a levantar voo da copa das árvores e se lembrou do grito de sua espécie.

Havia um tremor inexplicável em seus dedos, uma contração em seus ossos. Eles foram seus companheiros desde que tinha chegado ao Vietnã; já não havia insônia. E, quando dormia, era assombrado por sonhos, pesadelos assustadores sem preceitos esquecidos. Ele tentava se lembrar, mas não conseguia. Havia momentos em que dizia para si mesmo no sonho que daquela vez se lembraria. Mas nunca o fez. O único legado de cada manhã era o sussurro dos mosquitos. No entanto, os sonhos nunca o deixaram. Eles percorriam sombriamente sua corrente sanguínea. Atrás dele, podia notar os vultos, sentir olhos amedrontados fixos em alguma presa fácil dentro do escuro. Ele estava envolvido pela premência de um desastre.

A máquina de lavar batia seus dentes sem pausa.

— Você não pode desligar essa porra?! — disparou Kane.

— Ordens especiais chegando, senhor — explicou Robinson.

A máquina ficou em silêncio. Robinson arrancou a mensagem.

Quando olhou para frente, o coronel havia desaparecido, e a chuva entrava pela porta aberta. Robinson saiu com a mensagem e viu Kane andando na direção da mata; estava sem casaco, sem chapéu, instantaneamente exposto à tempestade violenta. Robinson balançou a cabeça.

— Coronel Kane, senhor! — chamou.

Ele parou de súbito e, em seguida, deu meia-volta. Suas mãos estavam em uma concha na frente de seu corpo, com o uma criança recolhendo chuva; olhava para elas.

O auxiliar agitou a mensagem.

— É para o senhor!

Kane voltou devagar para o barracão e ficou parado em silêncio encarando Robinson. Gotas d'água pingavam da barra de sua calça e de suas mangas formando uma poça no chão.

O telex recebera uma série de ordens especiais designadas para Kane pelo estado de Washington. Robinson parecia pesaroso quando as entregou.

— Meu Deus, é óbvio que foi um engano, senhor. Algum computador em sua boca deve ter cometido um erro. — O auxiliar apontou para as palavras. — Certo? Seu número de série está errado, e sua especialidade ocupacional mal aparece com o “psiquiatra”. Deve haver outro coronel Kane.

— Sim — murmurou Kane. Ele meneou a cabeça. Em seguida pegou a mensagem de Robinson e olhou para o conteúdo. Seus olhos estavam vívidos de resistência. Finalmente, rasgou o pedaço de papel com a mão e saiu pela porta de novo, camuando até desaparecer de vista. Robinson ficou olhando depois dele com pesar. Seu coração estava pesado. O computador recente de Kane era irregular. E não passou despercebido.

\* \* \*

A noite caiu de repente. O auxiliar andava por seu alojamento, nervosamente sem parar. Kane havia sumido fazia horas. O que fazer? Mandar uma patrulha? Gostaria de evitar isso se pudesse, evitar a necessidade de explicar

“o coronel Kane foi camuado na chuva sem chapéu, sem casaco, mas achamos” dizia com seu computador recente, que estava frequentemente errado.

Ele sentia vontade de proteger o coronel. Todo mundo tinha por Kane uma mistura de reverência, desgosto e medo, mas ele tratava Robinson com gentileza às vezes até com carinho, e o deixava ter um vislumbre de temperamento da sensibilidade presa dentro dele.

Robinson esmagou um cigarro, pegou seu cachimbo e dirigiu-se para o

Então viu Kane parado e ensopado na entrada. Estava sorrindo ligeiramente o auxiliar.

— Se conseguíssemos limpar o sangue, você acha que poderiam os encontrar onde escondem os nossos almas? — perguntou. Antes que Robinson pudesse responder, Kane foi embora e atravessou o corredor até seu

auxiliar ficou ouvindo os passos e o barulho abafado da porta abrindo e fechando.

Na manhã seguinte, Kane disse para Robinson que, apesar das discrepâncias nas ordens, achava que estavam corretas a respeito do conteúdo. Ele assinou em Washington.

Robinson sabia que teria de relatar isso.

\* \* \*

— Quando ele chegou aos Estados Unidos, tinham identificado o erro. Ele estava sentado na beira da mesa de exames da clínica. Havia sacado um cigarro e, com as mãos trêmulas, riscou um fósforo. Inspirou a fumaça e expirou. — A essa altura estava claro que ele pretendia seguir em frente.

Fell segurou o palito apagado e olhou para um anúncio na caixa de fósforos: uma assada, uma escola técnica prometendo emprego. Em seguida, virou de costas para o rosto sombrio e chocado de cada um dos homens que tinham na clínica: Groper, Krebs, Christian, os auxiliares médicos — e Gilman.

— Tinham ouvido muitas histórias sobre o colapso dele. Parecia estar na beira de um surto muito grave. Mas aceitar este cargo foi a gota d'água.

atingiu seu limite. — Fell balançou a cabeça, em seguida continuou. — Como dar essa notícia a um homem com um histórico desses?

Groper olhou para baixo, para a série de ordens em sua mão. Balançou sua cabeça leonina, im pressionado. Então, empurrou as ordens na direção de Fell.

Essas suas ordens — disse a ele — são reais?

Fell assentiu.

— Pode acreditar — respondeu com firmeza. Depois pegou um cigarro. —

Esta não é a área de Kane. — As palavras saíram com gentileza, justificando a fumaça. — Na Segunda Guerra Mundial ele era um piloto de caça. Então, uma vez, teve de saltar de paraquedas atrás das linhas inimigas e teve de voltar. Nessa ocasião ele matou seis. Aconteceu de novo. E ele matou mais seis.

Então o quartel general viu que o homem tinha talento. Ele foi transformado em especialista. Ele era deixado atrás das linhas em missões secretas e tinha de voltar da melhor maneira que pudesse. Sem preguiça. E matava muitos inimigos. Muitos. Com uma faca. Com as mãos. Na maioria das vezes com uma faca. E isso o devastou. Ele era bom. Um bom homem. Colocavam os alicerces e nas mãos dele e diziam os: “Vá pegá-los, rapaz! Vá pegá-

los por Deus e pelo país! É seu dever!” Mas parte dele não acreditava, a parte boa. Parte dele era a parte que puxou a toalha. Então um com putador cometeu um erro: um pobre coitado um a m eia saída: um a m aneira de buscar ajuda sem enfrentar a doença; um a forma de se esconder, de se esconder de si mesmo; e um a forma de lavar o sangue: um a forma de pagar sua penitência pelas mortes.

Sabe... no começo era só fingimento — continuou Fell. — Mas em algum momento na viagem de volta do Vietnã se tornou algo maior, muito maior. O ódio pelo Kane que matava se transformou em negação; e com o tempo a negação se tornou tão avassaladora que apagou totalmente a identidade de Kane. Ele suprimiu o Kane que matava e se tornou sua parte boa... com prazer.

Exceto quando ele sonhava. Em seu estado consciente, era Kane, o psiquiatra. Qualquer coisa que contrariasse essa crença era negada e incorporada ao sistema ilusório.

Fell olhou para as cinzas presas ao cigarro; estavam longas. Curvou a cabeça e bateu em baixo delas e bateu.

— Oh, meu Deus, ele tinha tudo — com entou, balançando a cabeça.

Estados de fuga, com plexo de salvador, as enxaquecas. Todos vocês dormiram e não visto algum a coisa... a dor. Foi isso que o viciou nas drogas.

Krebs olhou para o chão com o qual se estivesse constrangido.

— Krebs sabia — disse Fell.

Krebs assentiu, ainda de cabeça baixa, enquanto os outros se voltavam para ele.

— De qualquer modo, falei com eles para fazerem vista grossa — retomou Fell o relato. — Foi um experimento. Em parte; era parte do experimento.

Os outros deixaram continuar. Kane estava dentro do problema, olhando de dentro interno agindo com o psiquiatra e enfrentando o problema com o nada já visto antes. Esperam os que ele talvez tivesse algum *insight* novo. Estranhamente, acho que ele o fez. Acho que os outros internos estavam reagindo a ele. Mas Kane teve um retrocesso. Um retrocesso bem ruim. Ruim de verdade.

sua grande esperança de curar a si mesmo era purgar sua culpa com um ato de heroísmo, curando os outros humanos ou, pelo menos, ver um a melhor. Mas leva tempo... tempo e a ajuda de vocês.

Fell gesticulou para Groper.

— Você viu minhas ordens. Estou no comando. Mas quero que o coronel Kane continue sua atuação.

Depois, se voltou para Gilman:

— Gilman, quero que você tente convencer os outros internos de que enganou. Não deve ser muito difícil fazer isso por aqui. Você pode fazer isso, Gilman, por favor? Pode fazer isso? — Havia um tom de súplica em sua voz.

— Ah, sim, claro — respondeu Gilman sem hesitar. — Claro. Sem dúvida.

— Obrigado. — Fell virou-se para o auxiliar. — Groper, você e o resto da equipe vão corroborar Gilman. Eu também.

Groper tirou os olhos das ordens, confuso.

— Coronel, vamos ver se eu entendi. Você esteve no comando aqui o tempo todo?

Fell assentiu. — Isso mesmo — respondeu. — Ele é Vincent Kane. E Hudson Kane. Eu sou o psiquiatra. Vincent é meu paciente. — Os olhos estavam marejados, e sua voz começando a oscilar. — Quando eram os coronéis eu sempre o fazia rir. Eu era um palhaço. E estou tentando ajudá-lo... a lembrar de mim. Mas ele não consegue.

E, não conseguindo mais conter as lágrimas, ele disse:

— Ele é meu irmão.

## DEZ

Kane acordou em seu quarto. Estava deitado na cama, totalmente vazio.

Sentou-

se com a constatação de que alguma coisa estava errada. Viu seu irmão inclinado para frente em uma cadeira perto da cama, com uma expressão de preocupação em seu rosto.

— Com o que está se sentindo?

Vincent o encarou sem entender.

— O quê? O que está acontecendo? — perguntou. — O que aconteceu?

— Você desmaiou. Não lembra?

Vincent parecia perturbado. E balançou a cabeça.

— Do *que* você se lembra?

— De nada. Eu estava caminhando para o meu quarto e agora estou aqui. —

Parecia confuso. — Eu desmaiei?

Hudson o encarou fixamente. — Você se lembra do novo interno?

— Novo interno?

— Não lembro.

— De que diabos você está falando? O que está acontecendo? — Ele parecia bravo.

O vidro da janela se quebrou, e uma pedra voou para dentro do quarto.

Acertou uma parede, caiu em um criado-mudo e quicou para o chão. Furioso e histérico, Cutshaw gritou do pátio da mansão:

— Me fale tudo sobre Deus, seu canalha assassino! Me fale de novo sobre a bondade no mundo! Desça aqui com seu arame! Venha aqui!

O psiquiatra olhou ansiosamente para seu irmão. E viu a consternação em seu rosto.

— Krebs... imbecil maldito — murmurou. — Ele deixou um pacote da mão de Cutshaw passar sem se dar ao trabalho de abrir. Eu *sabia* que era bebida.

— Desça aqui! — gritou Cutshaw. — Venha aqui com seu arame! — Então vieram prantos e um grito angustiante: — *Eu precisava de você!*

Vincent Kane observava anestesiado. O sangue estava começando a se esvaír de seu rosto. Seu irmão se levantou e foi rapidamente até a janela. E Cutshaw gritando. Fez um cone com as mãos e gritou:

— Fale para sua mãe não andar alguma mistura!

Então voltou para a cama e sentou ao lado de Vincent. Enquanto checava o pulso do irmão, comentou:

— Esse miúdo de pantera da Califórnia vai matar você. Ouvi dizer que nasceu pelo em um marisco uma vez. Juro.

Seu irmão o estava encarando, sem piscar.

— Ele estava bravo — disse Vincent. — Isso é muito estranho.

Lá fora, os dois ouviram o barulho de um motor de motocicleta. A gritou:

— Cutshaw!

Groper. A motocicleta se afastou.

Vincent Kane se levantou da cama e foi até a janela a tempo de ver a moto atravessar a barreira de madeira no portão da guarda. Seu irmão parou dele.

— Ele colidiu com o portão da guarda — disse Vincent, alarmado e confuso.

— Só mais uma parte do espetáculo da vida.

— Por que ele faria isso?

— É sábado à noite.

Vincent Kane parecia profundamente perturbado. Encostou o dedo na extremidade de um pedaço de vidro quebrado na janela. Seu irmão olhando com olhos trágicos e murmurou com gentileza:

— Nada. Nenhum a lem brança. Nenhum a risada.

Vincent virou com olhar questionador.

— O quê?

— Descanse um pouco. — O psiquiatra foi na direção da porta. — Vamos andar uns dois ajudantes buscá-lo.

— Mas eles não vão saber onde encontrá-lo.

— Ele não vai muito longe. — Então abriu a porta e emendou: — preocupe.

O psiquiatra foi para o *hall*. E decidiu que era melhor procurar Cutshaw pessoalmente. Levaria Gilman junto para ver se o astronauta aceitava



m udança na história do recém -  
chegado. Se não aceitasse, o psiquiatra decidiu,  
precisaria correr o risco de confiar nele. E desceu a escada correndo.

Vincent Kane sentou-  
se na cama e olhou para o vidro quebrado da janela.

Sua cabeça latejava. Alguma coisa estava estranha. Alguma coisa estava errada.

O que estava errado? Ele tivera lapsos de sonambulismo antes. Não era o caso agora.

Então o que era? Cutshaw. Cutshaw. Sua respiração se tornou mais calma e  
acelerada. Sentiu um peso em seu estômago, uma sensação difusa de culpa.  
Ele se levantou.

Precisava ir procurar Cutshaw pessoalmente.

## ONZE

Cutshaw irrompera pela cidade de Bly e chegara a uma velha taverna de beira-  
de estrada, a uns dez quilômetros. E lá parou. Ensopado, entrou e ocu-  
pou uma mesa apertada nos fundos. Em menos de meia hora estava bêbado. A seu redor  
gargalhadas se misturavam com o hard rock que tocava em uma  
jukebox. Um

gangue de motociclistas tinha o controle da taverna, que a enchiam  
de murmúrios obscenidades, usavam jaquetas de couro pretas, com as pa-

“A Gangue da Corrente” costuradas nas costas. Alguns estavam inclinados sobre  
o bar. Alguns dançavam, com cabelos desgrelhados e unhas sujas se moviam  
pela fumaça de cigarro na penumbra do salão coberto de painéis de madeira.

Cutshaw não notou. Ele levou o copo aos lábios e engoliu o conteúdo, um dose  
de uísque. Fez uma careta, tomou um gole de cerveja e olhou sem expressão  
as cinco doses alinhadas na mesa de madeira rústica à sua frente. Ele levantou  
os olhos quando a garçonete, que era jovem, passou.

— Ei, espere! — Cutshaw estendeu o braço e pegou a mão dela; tateou uma  
aliança de casamento simples. — Que tal outro uísque? — perguntou, com a  
língua enrolada.

A garota sorriu, e seu rosto ganhou um novo brilho.

— Tem cinco bem aí diante do senhor — disse, com bom humor.

Soltando a mão, ela foi na direção do bar. Cutshaw olhou para a mão  
desconsolado.

— Eu queria seis — murmurou com desânimo.

Dois motoqueiros inclinados sobre o bar estavam lançando olhares intensos para o astronauta. Um virou sua cerveja e o encarou. Seu rosto estava com uma barba por fazer e óculos de armação grande e lentes amareladas.

— É ele, Rob — disse ele. — Eu sei que é ele.

— Você está louco — respondeu o outro com a fala arrastada. Ele usava um colete de couro aberto sobre uma camiseta de manga curta que revelava enormes braços musculosos. Tinha uma beleza degenerada e cabelo longo e espesso, ondulado com pomada. A arrogância afetava seus olhos. Estavam em sua camiseta estavam as palavras “Eu Amo o Poder”. Era o líder da gangue.

— Você está vendo coisas, Jerry.

— Vai tomar no cu. Eu vi a foto dele nos jornais.

— Desde quando você lê jornal?

— Tá legal! Na TV!

A garçonete veio atender o balcão.

— Duas cervejas, dois *bourbons* com gelo — pediu a ela.

A garota olhou para os motoqueiros com nervosismo. A gangue não era local, e ela sentiu uma incômoda presença deles.

— Olhe para ele! — disse Jerry. — Veja o rosto! É ele! O astronauta! O que ficou louco!

A garçonete virou a cabeça para olhar para Cutshaw.

— O que ele está fazendo em uma espelunca com o está? — indagou Rob.

— Com o vou saber, porra? — respondeu Jerry. — Mas é ele. Eu juro! Tenho certeza!

— Ah, é? Aposto quanto?

— Uma cerveja.

— E um boquete da sua velha ou da minha.

Rob estava sorrindo.

Jerry esfregou o queixo enquanto olhava mais uma vez para Cutshaw. Então virou sua bebida e disse:

— Feito.

Os dois m oqueiros atravessaram a multidão até Cutshaw e pararam ali para olhar para ele. O astronauta estava levantando um copo quando os viu. Parou, observando um e depois o outro.

— Pois não?

— Qual é o seu nome, parceiro? — perguntou Rob.

— Rum pelstiltskin.

Rob arrancou o copo de uísque da mão de Cutshaw e olhou de canto de olho para Jerry.

— Engraçadinho — com entou.

Ignorando tudo, Cutshaw pegou outra dose.

De novo, o m oqueiro a arrancou dele, desta vez com força.

— Eu perguntei o seu nome. — Havia uma maneira intensa em sua voz.

— Meu nome é de solteiro ou de casado? — Cutshaw olhou para além dos dois m oqueiros e chamou: — Garçonete!

Jerry fez um movimento brusco, puxando uma dobra no cardigã de Cutshaw e revelando as iniciais “U.S.M.C.” bordadas acima do bolso no peito da farda.

O m oqueiro apontou triunfante.

— Está vendo? U.S.M.C.: são os fuzileiros!

— Não, não, não, meu caro rapaz — respondeu Cutshaw, com a fala arrastada. — É União do Sexo para as Massas Com pulsivas.

Rob jogou o conteúdo de um copo de uísque no rosto de Cutshaw.

— Foi alguma coisa que eu disse? — perguntou o astronauta com a cabeça balançando a boca para sentir o gosto do uísque.

A garçonete apareceu.

— Pois não? — perguntou a Cutshaw.

O rosto dela estava franzido, confusa sobre sua identidade. Notando q  
rosto dele estava m olhado, ela lançou um olhar apreensivo para os m otoque

— Um uísque e duas escarradeiras, m eu bem — pediu Cutshaw. — Encha  
as escarradeiras com sangue de lagarta. É para os nossos am igos aqu  
eles...

Jerry agarrou Cutshaw pela cam isa de brim , puxou-  
o para frente e lhe deu

um tapa feroz no rosto.

— Ei, parem com isso! — gritou a garçonete.

— Você quer dizer isto? — perguntou Rob, com um sorriso afetado,  
rapidam ente colocando a m ão em baixo do vestido dela e apertando  
nádegas.

A garota virou o corpo com um grito e afastou o braço dele. O m otoqueiro  
agarrou pelo pulso e pressionou seu corpo contra o dela. Gem endo co  
erotism o exagerado e falso, ele pressionou a garçonete contra a divisória em  
m esas.

— *Muito* m elhor. — Ele sorriu. — Posição é tudo.

A garçonete fez um a careta de dor e repulsa e em purrou o peito dele.

— Oh, m eu Deus, fique longe de m im !

Cutshaw ficou de pé.

— Pare com isso! — disse, se m ovendo para aj udá-  
la. Jerry o em purrou, fazendo-  
o sentar de novo e, com isso, sua cabeça bateu contra a parede. — Jesus  
Cristo — gem eu. Estava zonzo.

— Vam os lá, querida — disse Rob com m alícia. Um a coroa prateada  
brilhou de um de seus dentes enquanto ele ondulava para frente e para trás  
força.

— Eu estou grávida! Fique longe de m im ! — gritou a garçonete. — Pare de  
m e apertar. Pare! Por favor! Você está m e m achucando!

Jerry arrancou a corrente do pescoço de Cutshaw. Ele a exam inou  
rapidam ente e então cham ou Rob:

— Ei, é ele! É ele m esm o! Eu peguei a placa de identidade dele, Rob! É

ele!

Rob olhou para Jerry, surpreso! E pegou a placa de identificação. A garçonete escapou.

— Você está brincando! — grunhiu Rob, examinando o nome. Em seguida, olhou para Cutshaw. O astronauta estava segurando a cabeça. — Não acredito!

Rob deu alguns passos na direção do *jukebox*. E tirou o aparelho da tomada.

No silêncio súbito ouviram-se grunhidos e reclamações.

— Ei, todo mundo quieto! *Quietos!*

— Rob subiu em uma cadeira. — Ei, adivinhem o que temos aqui! Uma maldita celebridade, gente! Um covarde e um aluco! As reações da multidão foram diversas. Rob apontou para a mesa onde Jerry prendia Cutshaw em seu assento.

— Aquele lá é o capitão Billy Cutshaw, gangue!

As pessoas estavam incrédulas, animadas. Alguns motoqueiros aplaudiram.

Um gritou:

— Grande merda!

Rob desceu e voltou para a mesa, onde ele e Jerry fizeram o astronauta levantar.

— Pois é, eu sei — murmurou Cutshaw, com os olhos semicerrados.

Resistir é inútil. Meus amigos confessaram.

— Quer se juntar ao clube? — Rob sorriu.

— Vá se foder.

O sorriso de Rob se transformou em uma expressão de desprezo. Ele conseguia identificar o que odiava no astronauta; era algo que sentia com o coração quando respirava. O motoqueiro deu outro tapa violento em Cutshaw nas costas da mão, e a cabeça dele voltou para o lugar.

— Tudo bem — murmurou Cutshaw. — Não vá se foder.

Rob o agarrou pela parte da frente da farda e o arrastou até o meio do salão onde a maioria dos motoqueiros se reuniu à sua volta. Um dos casais conti-

dançando, m esm o não havendo m ais m úsica.

Rob estalou os dedos para Jerry.

— Cervej a!

— Um a cervej a saindo — respondeu Jerry, indo até o bar para pegá-la. —

Cervej a — pediu ao *bartender*, um hom em na casa dos sessenta, que era o proprietário da taverna.

Ele encheu o caneco e, ao colocá-la sobre o balcão, olhou de relance para o telefone da parede do lado de fora dos banheiros. Jerry acom panhou dele e balançou a cabeça para o dono do bar

— Nada disso — alertou. — Não foda com a festa. — Então pegou o caneco e o levou até Rob.

Os m otoqueiros estavam reunidos em um círculo, m urm urando, rindo disparando perguntas para Cutshaw.

— O que foi? Você perdeu a coragem ?

— Ei, te dão o que pra com er no hospício?

— Cadê seu enferm eiro?

— Você tem m aconha?

Cutshaw estava parado tím idamente, com a cabeça baixa. Ele não respondeu.

Rob pegou a cervej a com Jerry. Fez um m ovimento circular com o caneco e anunciou em voz alta:

— Prim eiro nós batizam os o covarde filho da puta!

Um a tensão terrível, um desprezo gratuito disfarçado de brincadeira, tom o conta da m ultidão com o um *sheepdog* m alévolo, tocando-os, encostando o focinho neles, fazendo-os se agrupar.

— Agora quero ouvir um a contagem ! — gritou Rob. — Vam os lá! Dez! — com eçou.

Os m otoqueiros se j untaram a ele, gritando, com seus olhos brilhando enquanto contavam .

— Um !

E, então, Rob acrescentou:

— Zero! — disse, despej ando lentamente o conteúdo do caneco sobre a cabeça de Cutshaw.

O m otoqueiro sorriu.

— Tudo bem aí, seu bosta?

\* \* \*

Kane inclinou a cabeça para frente, apertando os olhos para enxergar através da chuva torrencial que castigava o para-

brisa do carro oficial. Ele já havia ido em

Bly. Em cada espaço público que via m otocicleta estacionada, ele parava, entrava e procurava Cutshaw. Num dado m om ento, ele achou que havia parado por outro carro oficial, mas não teve certeza. Naquele m om ento, estava segurando a estrada que levava para o norte, depois da cidade. Não foi um a decisão consciente pegá-

la; a ação foi intuitiva, automática. Um a luz de neon brilhou

acima dele. Kane saiu da estrada, parou o carro e abriu a janela. Entrou na

taverna. Viu m otos estacionadas. Eram m otos

*chopper*, de guidão alto. Todas

menos um a. Kane saiu do carro e entrou.

Os m otoqueiros estavam reunidos em um círculo. Cantavam “Fly Me to the

Moon” em um ritmo lento de valsa e, no compasso da música, estavam pulando

Cutshaw de um lado para o outro no círculo, em purrando-

o, rindo. Cutshaw

parecia um a boneca de pano, sem oferecer resistência, sem prestar atenção

sem se importar.

Kane parou na entrada da taverna. Encarou os m otoqueiros. Então viu

Cutshaw de relance, antes que o astronauta tropeçasse a cáisse no chão, sumindo

de seu campo de visão.

— Levante, lunático!

— Está procurando pedras?

Em meio às risadas, Kane entrou no círculo de lado e logo ajoelhou ao lado

de Cutshaw, que estava prostrado. Então passou a mão pelas costas do astronauta e o ajudou a levantar.

— Ei, veja esse merda — disse um motoqueiro.

— Acho que encontram os outros na bola de praia — disse outra, um a gargalhadas com voz nasalada.

Cutshaw encarou Kane. Havia um hematomas arroxeado em seu rosto e manchas de sangue em seus lábios de um dente quebrado na parte da frente.

— Conheci sua família — comentei ironicamente.

O comentário não fez sentido para Kane, que colocou o astronauta de pé e cometeu o erro de levá-

lo na direção da porta. Mas Rob o interceptou, agarrando e apertando o braço de Cutshaw.

— Ei, é a minha bola de praia, cara — disse a Kane. — Largue.

— Deixe ele ir em bora, por favor — pediu Kane com calma.

— Solta minha bola de praia.

— Mostre a ele, Rob!

— Chamem a polícia!

— A PM: é a Patrulha de Merda, cara. Ele é o líder! — Kane virou a cabeça e olhou para Cutshaw. O astronauta o estava encarando com um sorriso arrogante no rosto. — Eis a sua bondade humana — desafiou com ironia. Mas a voz estava falhando. E então desviou os olhos.

O líder olhou para Cutshaw com uma surpresa fingida. — Você falou alguma coisa? Hein? Você falou? — Então olhou para Jerry. — Meu Deus, acho que esta bola de praia aqui acabou de falar! Juro por Deus! — tapou o rosto de Cutshaw. — Você fala?

— Este homem está doente — disse Kane. — Por favor, nos deixe ir.

Rob viu a súplica nos olhos dele, ouviu a docilidade, o tremor na voz de Kane.

Uma das garotas pediu:

— Deixe eles irem.



Rob olhou para ela, um a loira com penteado m aria-chiquinha, e aproximou seu rosto cheio de desprezo do de Kane. Em seguida disse:

— Não peça “por favor”. Diga “Por favorzinho”. Quero ter certeza de que você está falando sério. Agora vam os lá, diga.

Kane, não com prendendo sua própria relutância, engoliu em seco com dificuldade.

— Por... favorzinho — disse finalmente, e com eçou a andar com Cutshaw.

Mas Rob continuou segurando o braço do astronauta e o puxou de volta.

— Aposto que ele chupa pau — arriscou um m otoqueiro com um com eço de barba na dobra entre a boca e o queixo.

De repente, o líder se sentiu inspirado.

— Diga “Todo fuzileiro chupa pau” — instruiu a Kane, com anim ação.

Houve risos e gritos na m ultidão.

— Deixe eles irem — repetiu a garota de m aria-chiquinha. Ela estava olhando para Kane.

O líder sorriu para ela com arrogância. Era sua namorada.

— Relaxe aí, amor — avisou. E voltou sua atenção para Kane. — Vam os lá, vam os lá, vam os acabar com isso. Diga, e vocês podem ir. Agora com o va

Você vai dizer? Que m al tem ? Aí você podem ir em bora. E fez um a expressão de sinceridade com beteira.

O corpo de Kane com eçou a tremer de leve. Ele se virou para Cutshaw. O

olhar do astronauta estava fixo no chão. Não havia expressão em seu rosto. estava ouvindo. Kane virou e encarou Rob com os olhos arregalados e brilhantes.

Sua boca se abriu de leve.

— Vam os, lá, vam os lá... você vai dizer?

Kane tentou mover a língua, formar palavras. Não conseguiu. Fez um esforço enorme.

— Todo... Todo fuzileiro... chupa... pau.

Um murmúrio surgiu da multidão.

A garota de m aria-chiquinha se afastou do grupo.

— Agora só mais uma coisa — disse o líder. — Eu juro, só mais vocês podem ir. Meu Deus, essa é fácil. De verdade. Diga apenas que um a bola de praia. Sim ples. Vá em frente. “Sou um a bola de praia.”

Os olhos de Kane não se desgrudaram do otoneiro líder. Estavam arregalados, mais brilhantes. Sua língua estava mais pesada e mais seca que pronunciou:

— Sou... um a bola de praia.

— Bem na hora! — gritou Rob. — Precisamos de uma nova!

Jerry colocou a perna atrás de Kane, e Rob empurrou seu peito. Kane espatifou no chão. A gangue com ele orou. A namorada de Rob ficou bar.

Kane levantou devagar, e a gangue com ele a em purrá-lo pra frente e pra trás. Ele estava inerte, sem resistir. Continuou procurando Cutshaw com os olhos depois que o astronauta desviou o olhar. Os gritos e as celebrações despertaram as dores de cabeça cortantes em seu crânio. Uma garota rechonchuda com uma verruga no queixo colocou o pé diante de Kane para tropeçar. Ele caiu. O coronel ficou de joelhos e não se moveu, os olhos fixos no chão, desorientado. O líder se aproximou com uma cerveja e despejou a metade do líquido sobre sua cabeça.

— Outro batismo, amigos. Glória ao Senhor.

— Glória ao Senhor! — celebraram. — Aleluia!

Jerry colocou a bota nas costas de Kane e o chutou para frente. O rosto de Kane bateu no chão. Rob se aproximou e despejou o resto da cerveja diante dele. Seus lábios se abriram em olhados e com uma expressão de des-

— Porco maldito — disse. — Limpe essa bagunça.

Kane o encarou anestesiado. Jerry se aproximou e empurrou a cabeça dele até seu rosto quase tocar a poça espumante de cerveja no chão. Rob em um joelho, ao lado de Kane.

— Agora é só lambê — ordenou. — Lambê tudo. — Os olhos de

estavam brilhando. Seu rosto estava radiante de animação.

— É só lam ber, e eu deixo vocês irem . Desta vez eu falo sério.

Esquecido por um instante e confuso, Cutshaw cam baleou até o bar. deu m eia-volta, com um a ansiedade repentina.

— Ei, parem com isso! — gritou. — O astronauta avançou, m as do m otoqueiros logo o im obilizaram .

— Com ece a lam ber!

Kane olhou para a cervej a. E trem eu quando um a escuridão tom ou conta o

sua corrente sanguínea, um segredo poderoso cham ando seu nom e, sussur cada vez m ais alto, afirm ando, exigindo. Ela m anteve a língua dentr boca. Kane lutou. O nom e. Que nom e? E a suprim iu, com repulsa e m edo abriu a boca, e sua língua saiu aos poucos, para depois fazer m ovim entos su

Ele lam beu a cervej a.

Um suspiro de surpresa em ergiu da m ultidão.

— Meu Deus — suspirou a garota com a verruga. — Ele lam beu!

Rob sorriu com desdém , olhando para baixo. Kane usou as m ãos e j oelhos para levantar, e Jerry o derrubou de novo com um chute de sua bo pregos. Ele fez um a careta.

— Isso é por desgraçar a m aldita farda!

Cutshaw lutou para se soltar.

— Seus canalhas! — gritou. — Seus filhos da puta!

Rob foi até lá acertou os dois lados do rosto do astronauta com um furiosa.

— Abaixem ele — instruiu o m otoqueiro os hom ens que o prendian braços.

Cutshaw foi forçado a deitar de costas no chão, os dois o seguraram , e Rob m ontou nele, com a virilha próxim a do seu rosto. Abriu a braguilha e pôs o para fora. Com dois dedos, ele o m oveu, fazendo-o tocar os lábios do astronauta.

— Certo, agora m e faça voar para a lua, agora, am igo — disse Rob

m alícia. — De um j eito ou de outro você vai decolar!

Ele sorriu para o grupo de m otoqueiros, que m urm uravam e riam . chegaram m ais perto, com em polgação no rosto. Cutshaw fez um a careta a cabeça para o lado.

— Se ele fizer isso vou ficar fam oso — com em orou Rob.

Então tirou um a faca *switchblade* da bota, e clicou para exibir a reluzente lâmina retrátil, colocando a ponta no pescoço do astronauta.

— Vam os, vam os, ou, j uro por Deus, vou cortar você! Estou falando sério!

Kane se levantou usando as m ãos e os j oelhos de novo e olhou para Cutshaw e Rob. De início, a cena não foi registrada, depois seus olhos se afastaram , d infernos particulares. Ele olhou para Jerry, que estava sobre ele com caneca cheia.

— Acho que este im becil precisa de outra cervej a — com entou Jerry com a fala arrastada. Despej ou a cervej a na cabeça de Kane. E sorriu para m ultidão. Mas não viu o lábio que se curvou, a fúria.

Kane levantou o braço e agarrou os dedos de Jerry que seguravam a caneca. Jerry olhou em volta e, com um tom infantilizado de zom com entou:

— Ahhh, acho que ele quer m ais.

De repente, sua boca se abriu rapidam ente com um pequeno suspiro horror. Ele tentou gritar, m as não conseguiu, enquanto a m ão de Kane espre sua com um a força im pensável. Os olhos do m otoqueiro estavam a

Então finalm ente veio o grito quando o caneco quebrou, e seus dedos esmagados nos cacos de vidro. O grito se tornou um a expiração sem palavra. ele caiu no chão inconsciente. O salão ficou paralisado.

— Jesus Cristo! — m urm urou alguém .

Rob levantou, segurando o canivete ao lado do corpo, e encarou Kane, que estava agachado. Por um instante, ele ficou tem eroso, indeciso. Então racional do universo se im pôs: um defeito no caneco de cervej a, um acaso. enfiou o canivete em um a coluna de m adeira próxim a, enfiou a m sacou e equipou-se com dois socos ingleses. Com as m ãos na lateral do corpo,

palm a para cima, confiantes, sorridentes, prometendo castigar. Ele caiu com o rosto em páfia até Kane. O punho do coronel voou sobre seu estômago com a força de um a m águia e, quando Rob dobrou o corpo, o joelho de Kane acertou e quebrou seu ombro, fazendo barulho. A garota de madeira-chiquinha soltou um grito aterrorizado e histérico. Então o caos se instalou. A garota com o cabelo preto tirou o canivete da coluna de madeira, e um motoqueiro avançou sobre ela com um a corrente de pneu. Kane desviou abaixando o corpo, agarrou o homem com a corrente e, em um a imobilização de judô, jogou-o no chão. O homem não pôde resistir, aplicou tração e quebrou o braço do homem com um aperto. Em seguida, virou quando a garota se aproximou com o canivete. Kane quebrou o pulso dela com um golpe poderoso. Depois levantou os punhos fechados acima da cabeça; quando ela abaixou para segurar o pulso inerte, ele a golpeou com os punhos, fraturando o crânio da garota.

Os outros motoqueiros avançaram na direção de Kane.

## DOZE

Groper estava andando de um lado para o outro. Hudson Kane olhava pela janela. Os dois estavam de olho no escritório do auxiliar desde que ele tinha voltado de Bly sem encontrar Cutshaw. Era 01h23 da manhã. O relógio tocou. Kane atendeu e Groper parou de andar de repente e foi até a janela. Os faróis de um carro brilhavam no portão da guarda.

— Alguém está chegando — anunciou Groper, e foi destrancar a porta da entrada da mansão. O psiquiatra o acompanhou com os olhos enquanto ele falava com o guarda por telefone. Seu rosto se tornou sombrio. Ele ouviu um barulho de choque.

Lá fora, o carro oficial parou na entrada da mansão. Cutshaw surgiu do lado do motorista, abriu a porta para Kane e anunciou com a voz tranquila:

— Estam os aqui, senhor.

Kane olhava para frente pelo para-brisa. E não se mexeu. Cutshaw colocou a cabeça para dentro do carro e, por um instante, olhou para o corte em baixo do rosto do coronel. Depois olhou nos olhos dele, que estavam vazios, e sentiu uma dor infinita e distante.

— Estam os aqui, senhor — repetiu.

Kane virou a cabeça e olhou para Cutshaw, anestesiado, sem enxergar nada.

Então desceu do carro devagar e rígido e cam inhou até a m ansão. Groper, c segurava a porta aberta, olhou para o uniforme e de Kane. Estava rasg coberto de m anchas.

— Estou vendo que você o encontrou, senhor — com entou o auxiliar no que esperava ser um tom norm al.

Kane passou por Groper sem falar nada, sem notar seu irm ão parado na porta da clínica. E subiu as escadas com o um hom em em transe. O psiqui Cutshaw parado a seu lado, observando Kane subir os degraus e entra no quarto, fechando a porta. O astronauta deu m eia-volta e olhou nos olhos destruídos do psiquiatra.

— Está na hora de você entender algum as coisas — disse Hudson Kane. —

Entre.

Ele fez um m ovimento com a cabeça indicando a clínica e deu um passo para trás para que Cutshaw entrasse. Entrou em seguida, fechou a porta e co tudo.

Cutshaw ficou estático. Um peso recaiu sobre seu coração com a intensidade da perda de um a graça divina.

— Você pode aj udá-lo — disse o psiquiatra.

Cutshaw assentiu. Não havia nenhum a cor em seu rosto. Ele saiu da clínica, desceu a escada e bateu na porta do quarto de Kane. Não houve resp

o astronauta bateu de novo. E pensou ter ouvido um a voz lá dentro. Algo indi

Ele girou a m açaneta e entrou. Kane estava sentado em um a cadeira com um a janela aberta, com um cobertor cáqui cobrindo seu peito. Estav

para o nada. Cutshaw fechou a porta discretam ente. Kane não se m o

Cutshaw cham ou:

— Coronel?

Não houve resposta. O astronauta se aproxim ou.

— Coronel Kane, senhor?

— Eu gostaria de um chocolate quente agora — disse Kane. — Mais vez, ele ficou em silêncio por um tem po. Cutshaw esperou, perturb Kane continuou: — Estou com frio.

Cutshaw foi até a janela e a fechou. Havia um pedaço de papelão preso com fita adesiva sobre o vidro quebrado. Ele olhou para fora. A chuva parado finalmente, e as estrelas brilhavam.

— Onde está Gilman? — ouviu Kane perguntar.

O astronauta se virou. Kane o olhava com uma expressão confusa no rosto.

— Está lá em baixo, senhor.

— Ele está bem?

— Sim, senhor. Ele está bem.

Cutshaw ficou com os olhos marejados. E virou o rosto para a janela.

— Cutshaw.

— Sim, senhor.

— Por que você não quer ir para a lua?

— Porque tenho medo — respondeu Cutshaw, apenas.

— Medo?

— Isso mesmo, senhor. — O astronauta estava lutando para conter o tremor na voz. E olhou para o céu. — Está vendo as estrelas? Tão frias. Tão distantes.

tão, tão solitárias... tão solitárias. Todo esse espaço, apenas espaço vazio e tão

longe de casa. — Lágrimas escorriam por seu rosto. Ele continuou com a roupa. — Dei muitas voltas ao redor desta casa, uma órbita depois da outra. Muitas vezes, eu me pergunto como seria nunca parar; somente dar voltas sozinho no espaço... para sempre.

A luz das estrelas se refletiu contra a umidade dos olhos de Cutshaw enquanto palavras súbitas vinham de sua alma.

— Então, e se eu chegasse lá, chegasse até a lua, e não conseguisse voltar?

Sei que todo mundo morre, mas tenho medo de morrer sozinho... em casa. E se Deus não estiver vivo, isso é estar sozinho *de verdade*.

Souou uma sirene policial. Cutshaw olhou pela janela e viu a luz vermelha na estrada. O carro parou no portão da guarda, com o um farol afastando a esperança.

— Não... Não resta muito tempo — disse Kane. Sua voz soou ansiosa e difícil. — Tempo. Não há muito tempo. Mas vou mostrar... Deus... existe.

— Sim, tudo bem, senhor.

A viatura estava se aproximando da mansão.

— E os outros — disse Kane com olhos brilhantes. — Talvez ajudé. Tentar curar... Tentar curá-

los. Não sei. Não tem outro jeito agora. Tempo. Não há mais tempo. Precisava tentar... tentar... tratam ento de choquer.

Cutshaw não se mexeu. Então, devagar, virou-se para encontrar o olhar silencioso e penetrante. E perguntou:

— O que foi isso, senhor?

— Cansado. — Kane encostou a cabeça no braço da cadeira. — Cansado —

repetiu. Então ele fechou os olhos e, em uma voz delicada e sonolenta, murmurou: — Um ... exemplo. — E não disse mais nada. Cutshaw encarando-o.

— O quê, senhor?

Kane se manteve em silêncio. O astronauta o observou por um tempo depois foi até a cadeira. Kane parecia dormir.

Cutshaw notou um brilho em seu pescoço. Quando se inclinou para examinar mais de perto, conteve um soluço. Kane estava usando sua medala.

O astronauta saiu correndo do quarto, com medo de acordar Kane com seu choro. Assim que ele saiu, uma faca deslizou de baixo das dobras do tapete e caiu sobre um pedaço coberto de sangue em baixo da cadeira. O verme escuro continuou pingando de um canto do cobertor.

Cutshaw andou até o patamar da escada. E olhou para baixo. Alguns internos haviam acordado. Saíram do dormitório e foram até o *hall*, onde estavam

murmurando, reunidos, vestindo roupões e pijamas. Dois policiais reconheceram e ficaram parados conversando com Groper. O auxiliar estava com uma expressão sombria e balançou a cabeça. Em seguida, com relutância, os dois até a clínica. Cutshaw ficou olhando a porta se fechar. Sentou-se onde

estava. Alguma coisa estava errada. O que era? Havia algo. Olhou para a porta do quarto de Kane, com o cenho franzido. Quando se virou, olhou para



próprios pés e, por um instante, não conseguiu registrar a substância sapato. Então estendeu o dedo e a tocou. De repente, ficou horrorizado com o sangue.

— Oh, meu Deus!

Levantou-se de um salto e voltou correndo para o quarto de Kane.

\* \* \*

Groper, Christian, Krebs e Hudson Kane estavam de pé, juntos na claraboia, de frente para os guardas.

— Onde ele está? — perguntou o guarda mais alto.

— Não posso deixar vocês o levarem — disse Kane com cuidado. — Sinto muito.

— Vá lá, coronel.

— Vocês também o admitem que ele foi provocado.

— Isso também, mas...

— Não, não aldição! *Ela fica!*

O guarda estava aflito.

— Veja, vá lá, vá lá — levantou-se, senhor. Sinto muito. Mas vá lá. E se você não apresentá-lo, vá lá, vá lá, vá lá — O policial olhou para o parceiro e disse: — Venha. Vá lá, Frank. — Juntos, os dois foram em direção à saída.

O psiquiatra encostou as costas na porta.

— Escutem, pensem nas chances — disse, friamente. — Todos os homens nesta sala são especialistas em caratê.

Por um instante fugaz, Krebs pareceu surpreso.

— Vão em frente — desafiou Hudson Kane os guardas. — Tentem levá-lo.

E estas serão as maldades de amanhã cedo: “Guardas Rodoviários Atiram em Oficiais Fuzileiros!” E, um aviso, rapazes: é melhor atirarem para matar!

Por um momento, os guardas pareceram indecisos. O mais alto avançou na direção de Kane, parou de repente, olhou para o parceiro e foi até o sobre a mesa com uma expressão sutil e inarticulada de desgosto. Irritado, fone do gancho, olhou feio para Kane e rosnou:

— Posso usar seu telefone?

— Claro, vá em frente.

O policial rodoviário mudou de ideia. E desligou. — Podem os falar o outro? — perguntou.

— Está falando de Cutshaw?

— Isso. Só nos deixe falar com ele.

— Vocês prometem não aprontar nada?

— Prometem os, senhor, nada — respondeu o guarda, com uma expressão sombria. — Não dá para aprontar nada com um homicídio quádruplo.

\* \* \*

Quando o grupo saiu da clínica, os internos curiosos se juntaram ao redor do

— Que diabos está acontecendo? — quis saber Bennish.

— Por que os policiais estão aqui? — perguntou Fairbanks.

— É por causa do Fell — com entou Reno, em tom de astúcia. — Quinhentas milhas por estacionar em local proibido.

— Não tem nada de errado — informou o psiquiatra. — Nada. Foi um erro

Agora, onde está Cutshaw? — perguntou. — Alguém o viu? — Nenhum

Krebs, procure no dormitório — ordenou. — E, Christian, vá ver se o com ...

— Meu Deus! — exclamou Groper.

Estava olhando por sobre o ombro do psiquiatra. Hudson Kane virou a cabeça e a rapidez da perda o deixou sem fôlego. Cutshaw estava saindo do quarto carregando Vincent Kane nos braços. Lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto. Ele parou na balaustrada.

— Ele está morto — disse o astronauta, chorando. — Ele se matou. — Seus olhos marejados olharam para baixo, e ele envolveu o rosto do homem em abraços. Cutshaw balançou a cabeça. — Ele desistiu da vida.

## TREZE

Os pinheiros e os abetos que cercavam a mansão revelaram com um lambe-língua as asas dos pássaros que refletiram os raios do pôr do sol de abril. Um carro da Marinha entrou no pátio deserto e parou diante da casa. Um cabo saiu repentinamente do banco do motorista e abriu a porta do passageiro. Cutshaw saiu do carro. Estava usando a farda azul dos fuzileiros e a insígnia de major. Fazia três anos desde a morte de Kane.

Cutshaw respirou fundo e olhou em volta. O ar estava doce. Quando saiu para o pátio, a ternura tomou conta de seu rosto, e lembrou-se das invasões sussurrando, ecoando, sumindo. Por um instante, ele fechou os olhos.

— O mestre andou... O mestre andou...

O cabo ficou observando, surpreso, confuso, enquanto Cutshaw balançou a cabeça, com um sorrisinho triste. Então abriu os olhos e, com gentileza, deu ordem para o homem:

— Espere aqui.

Cutshaw foi até a entrada da mansão. A porta estava fechada. O cabo ficou observando enquanto ele olhava em volta e tentava as janelas. Uma delas estava aberta, e Cutshaw entrou, sumindo de vista.

Em menos de um mês depois da morte de Kane, o centro foi desativado.

Doze dos internos foram transferidos para outros hospitais e outras clínicas quando o Projeto Freud foi declarado desativado, mas, de repente, os remanescentes do Centro Dezoito pareciam ter sido restaurados a uma normalidade. Quer tenham simplesmente abandonado o fingimento, ou, na verdade, tenham recuperado a saúde mental com o choque da morte de Kane, ninguém se deu ao trabalho de especular, nem mesmo o Hudson Kane. Ele suspeitava que a teoria de Hamlet sobre a doença deles provavelmente estava certa. Com uma exceção — Cutshaw — o psiquiatra escreveu relatórios atestando cada um dos homens que voltaram a si com o “irremediavelmente incapacitados para serviço militar futuro” e recomendando sua despedida com honras. Ele não mandaria esses homens de volta ao combate. Por Vincent

\* \* \*

Cutshaw olhou ao redor do hall principal vazio. Ele não havia sido re-

Buracos grandes ainda adornavam o gesso das paredes e do teto, exatamente como o Gomez os deixara. Um sorriso caloroso e triste surgiu no rosto de Cutshaw.

Quando olhou para a escadaria curva que levava ao andar superior, seus olhos encheram-se de melancolia e seriedade. Por muitos momentos, ele não se moveu.

Então foi até a escada e subiu os degraus lentamente até o andar superior. No topo da escada, ele hesitou, continuou até a porta do quarto de Kane.

Tirou o quepe e, por um tempo, ficou em silêncio parado diante da porta com a cabeça baixa. De repente, um impulso o fez bater na porta. E foi o que fez, com muito cuidado e gentileza, quatro vezes. Em seguida, entrou no quarto. Ficou

parado, na entrada, por mais um instante, olhando ao redor, sentindo, sorvendo. Seu olhar capturou a janela, e Cutshaw foi até onde a cadeira estivera.

O astronauta olhou para baixo, procurando a mancha da poça de sangue que havia escorrido da ferida grande e profunda no estômago de Kane. Mas não encontrou nada ali. Um amarracão coberto com cera para piso e polimento.

Cutshaw procurou e sacou de seu bolso um envelope amassado. Seu nome estava escrito na parte da frente. Gropou e encontrou sobre uma escrivaninha no quarto, na manhã do dia seguinte à morte de Kane. O astronauta tirou a carta do coronel de dentro do envelope. A desdobrou com cuidado. Fora escrita em uma folha de caderno; as linhas azuis

claras estavam desbotadas. O astronauta ficou maravilhado mais uma vez com a firmeza da mão que produziu a carta firme e bela, a escrita graciosa que tinha o floreio de um convite de casamento.

“Para o capitão Cutshaw”, a carta começava. “Pensei bastante sobre um dos seus problemas, aquele no qual você questionava por que Deus não dá uma resposta sincera do homem quanto ao que Ele espera que seja feito. E o homem usando vestes brilhantes aparecesse amanhã pairando no ar sobre a cidade grande e declarasse para todos que fora enviado por Deus e, com o poder de sua afirmação, realizasse qualquer milagre que lhe fosse solicitado? E imagine que fosse pedido a ele que fizesse o sol desenhado a forma do oito no céu. Precisamente 26 minutos, começando ao meio-dia do dia seguinte. E imagine

que ele fizesse exatamente isso. Acreditariam os outros? Bem, acho que todos acreditariam, todos os que tivessem visto o que ele fez. Depois de mais ou menos uma semana, temo que só aqueles de boa memória continuariam a acreditar. Todos os outros fariam uma autossugestão, uma sugestão coletiva, hipnose coletiva, coincidência, forças desconhecidas e coisas assim.

Não é o que vem do céu que ajuda, é o que está no coração: uma esperança.

um a boa vontade. Espero que isso ajude você.” A carta continuava com um corriqueiro: “Estou dando fim à minha vida na esperança de que me proporcione um choque de valor curativo. Em todo caso, agora você exem plo. Se eu o machuquei em algum momento, peço desculpas. Sem afeto por você. Sei que algum dia vou vê-lo de novo.”

Ele assinara com o “Vincent Kane”.

Cutshaw olhou pela janela. Um brilho castanho-avermelhado ateava fogo ao céu e banhava as árvores com uma glória tremulante. Cutshaw ficou maravilhado e reverente.

Cutshaw estava voltando para a entrada da mansão quando seus olhos flagraram a entrada do antigo escritório de Kane. Por um instante, e em seguida, entrou, colocou a mão na maçaneta e escancarou a porta com força que ela bateu contra a parede e balançou o gesso do teto. Parou e ficou ali e disse em voz baixa:

— Posso ir?

O cabo estava encostado no carro quando ouviu a pancada vinda de dentro da mansão e ficou alerta. Cutshaw atravessou pela porta e a fechou. O carro e virou para uma última olhada. O cabo seguiu seu olhar.

— Ouvi histórias sobre esse lugar, senhor — comentou. — Um psicopata melhor que a encomenda... um assassino.

Cutshaw olhou o homem nos olhos e disse:

— Ele era um cordeiro.

O astronauta entrou no carro. Quando passaram pelo velho portão da guarda, o cabo pigarreou.

— Se o senhor não se importa em falar disso... — começou a falar. — Acho que todo mundo deve lhe perguntar isso...

Cutshaw o encarou pelo retrovisor.

— O quê? — perguntou com calma.

— Bem, com o quê, de fato, estar lá na lua, senhor? Quero dizer... qual sensação?

Por um instante, Cutshaw não respondeu. Em seguida, olhou pela janela e sorriu.

— Depende de quem está com você — respondeu. Então ele suspirou, tirou o quepe, recostou a cabeça no assento e fechou os olhos. Em pouco estava dormindo.

\* \* \*

Fairbanks voltou a morar com os pais em Plainville, no Kansas, onde ajudou a fazer a fazenda e então assumiu os negócios quando o pai morreu, muito depois. Ele se estabeleceu pacificamente, cuidando da mãe viúva e das irmãs mais novas, com dez e 13 anos. Costumava sentar-se na varanda e ler notícias sobre o Vietnã.

Reno, cuja família era muito abastada, voltou para Nova York e tentou uma carreira de ator sem sucesso. Então, começou a praticar “patinação artística”

todo dia, no ringue do Central Park. Enquanto patinava um dia, conheceu um jovem enfermeiro que trabalhava na ala de câncer do Fordham Hospital.

— Isto é com o O

*retrato de Jennie* — disse a ela. — Não cresça ou estão os perdidos. — Ela riu, os dois namoraram e, depois de um breve cortejo, casaram. Os pais de Reno foram fortemente contra: a garota, Maria, era pobre, riquenha, uma filha da periferia. Reno estava trabalhando em uma peça, e o pai vivia do salário dela. Os pais dele não ajudavam. No fim das contas, ela gastava boa parte de seu pagamento em presentes para os pacientes da ala: eles eram crianças que não tinham pais. Reno achava isso maravilhoso. Um dia a mãe dele viu Reno e Maria na calçada procurando garrafas, que abriam para enrolar seus próprios cigarros. Ela havia acabado de sair da Bergdorf Goodman.

fingiu não vê-los. Depois disso, os pais começaram a ajudar.

Fromme apenas vagou sem rumo por um tempo, dormindo até tarde enquanto a esposa, uma caixa de cassino em Las Vegas, era a única fonte de sustento, exceto sua aposentadoria por invalidez. À noite, ele acordava com um grito, sem conseguir lembrar o que o assustara nos sonhos. A esposa se divorciou dele e se casou com um vendedor de ar-condicionado. Fromme começou a trabalhar com o crupiê de um dos maiores cassinos da cidade. Ele era criticado por ser simpático demais com os jogadores.

Um ano depois da dispensa, tanto Namack quanto Gomez tentaram se realistar, mas foram rejeitados. Agora Namack trabalhava em um bar de Maui, no Havaí. Gomez tinha voltado para a vida de civil e descobriu que sua noiva havia se casado. À noite da rejeição do realistamento, Gomez ficou profundamente bêbado e violento, e atirou no maldito da ex-namorada na entrada

da casa deles com sua ponto 45 de serviço. Agora aguardava seu julgamento em

Bennish era diretor de relações públicas de uma universidade de Los Angeles e levava uma vida tranquila em San Fernando Valley com a esposa e um filho, que era muito precoce.

Krebs voltou para a equipe de neurologia do Sepulveda Veterans Hospital onde trabalhou por muitos anos até ser transferido para o centro. Chegou, casou e deixou o serviço militar. Groper pediu para ser enviado à guerra.

conseguiu. Em 10 de novembro de 1969, foi morto em combate. Ele deliberadamente se jogou na frente de uma granada sem pino para impedir a entrada de

matar dois soldados jovens que estavam parados ali perto em estado de choque.

Recebeu uma Medalha de Honra ao Mérito do Congresso, entregue à família em Pulaski, Nova York. Ela guardou a medalha em uma caixa com as cartas que Groper escreveu.

Publisher

*Kaïke Nanne*

Editora executiva

*Carolina Chagas*

Editora de aquisição

*Renata Sturm*

Coordenação de produção

*Thalita Aragão Ramalho*

Produção editorial

*Jaciara Lima*

Copidesque

*Rafael Surgek*

Revisão

*Daniel Borges*

*Daniel Pinton Schilklaper*

Produção de eBook

*Caio Fidry*

Diagram ação

*Filigrana*

Capa

*Maquinaria Studio*

## **Table of Contents**

Folha de Rosto

Ficha Catalográfica

Dedicatória

Nota do Autor

Sum ário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze



Doze

Treze

Créditos

# Document Outline

- [Folha de Rosto](#)
- [Ficha Catalográfica](#)
- [Dedicatória](#)
- [Nota do Autor](#)
- [Sumário](#)
- [Um](#)
- [Dois](#)
- [Três](#)
- [Quatro](#)
- [Cinco](#)
- [Seis](#)
- [Sete](#)
- [Oito](#)
- [Nove](#)
- [Dez](#)
- [Onze](#)
- [Doze](#)
- [Treze](#)
- [Créditos](#)